

AC 210993
EX 8949847

João Lemos Filho

ANNO I VOL. I Novembro-Dezembro de 1904 TOMO I-FASC. III

A Cultura

Academica

DIRECTOR E PROPRIETARIO

J. E. da Frota e Vasconcellos

SUMMARIO

Clovis Bevilacqua—JOSÉ HYGINO DUARTE PEREIRA.....	191
Mathews de Albuquerque—AS FLORESTAS (<i>Soneto</i>)....	202
Redacção—JOSÉ HYGINO (<i>Datas e factos</i>).....	203
Arthur Muniz—MACIEL MONTEIRO.....	207
Carlos Pontes—POEMA SOMBRIO (<i>Soneto</i>).....	220
A. G. de Araujo Jorge—O GENIO	221
Redacção—CARNEIRO DA CUNHA.....	227
Soriano de Albuquerque—CREDORES NO INVENTARIO	229
Maria Fragoso—A QUESTÃO DA MULHER.....	233
Eustaquio Pereira (FANÉCA)—AMOR DESCOBERTO (<i>Versos</i>)	240
F. Alex.—PHELANTE DA CAMARA.	241
Claudino dos Santos—VIRGEM MORTA (<i>Soneto</i>).....	244
G. Wanderley Loyo—BOSQUEJO HISTORICO DO EQUILIBRIO EUROPEU.....	245
Redacção—CARLOS PORTO CARREIRO.....	253
Prado Sampaio—SOCIOLOGIA CRIMINAL ALLEMA.....	255
Redacção—CLAUDINO DOS SANTOS.....	259
Clodoaldo Lopes, João D. Pinto de Mendonça, Abelardo Lobo—PARECERES	261
Redacção—CARNEIRO VILELLA.....	267
Arthur Orlando—PHILOSOPHIA BIOLOGICA.....	269
Redacção—A. G. ARAUJO JORGE.....	287
Cruz Oliveira—AGUAS PASSADAS (<i>Versos</i>).....	289
Bachareis de 1904.....	291
O. Correio Académico.....	293

Imprensa Industrial

I. NERY DA FONSECA

Rua Visconde de Itaparica, 49 e 51, RHCIFE

1904

A Cultura Académica

Corpo redaccional

- Adelino Filho, *da Fac. de Dir. do Recife.*
Adolpho Cirne, *id., adv.*
A -G. Araujo Jorge.
Alberto Pinheiro, *do 3.º anno.*
Altino de Araujo, *do Tribunal de Justiça.*
Arthur Muniz, *da Acad. Pernamb.*
Arthur Orlando, *da Acad. Pernambucana, do Diario de Pernambuco.*
Arthur Ramos Junior, *do 2.º anno.*
Augusto Vaz, *da Fac. de Dir., adv.*
Bandeira de Mello, *do Curso Annexo á Fac., adv.*
Benjamim Lins.
Bezerra de Andrade, *do 2.º anno.*
Bezerra de Medeiros, *do 5.º anno.*
Bianor de Medeiros, *da Acad. Pernambucana.*
Carlos Porto Carreiro, *idem, do Curso Annexo.*
Carlos Xavier, *do 4.º anno.*
Carneiro da Cunha, *da Fac. de Dir.*
Carneiro Vilella, *da Acad. Pernamb.*
Clodomir Cardoso.
Clovis Bevilaqua, *da Fac. de Dir., da Acad. Brasileira de Letras.*
Cromwell Carvalho, *do 3.º anno.*
Ernesto Cruz.
Estacio Coimbra.
Euclides Dias, *do 5.º anno.*
Euclides Quinteiro, *d'A Reforma.*
Eugenio de Barros, *da Fac. Livre de sciencias jur. e sociaes do Rio, ex-lente da Fac. de Dir. do Recife.*
Eustachio Pereira (Fanéca).
Faria Neves Sobrinho, *da Acad. Pernambucana.*
Fernando Barroca, *do 1.º anno.*
França Pereira, *da Acad. Pernamb.*
Francisco Alexandrino, *adv.*
Gervasio Fioravanti, *da Fac. de Dir., da Acad. Pernambucana.*
Gomes de Mattos Junior, *do 1.º anno.*
Gonçalves Ferreira, *da Fac. de Dir.*
Guimarães Junior.
Henrique Milet, *da Fac. de Dir., adv.*
Isaac Cerquinho, *do 4.º anno, d'«O Gladio».*
João Elysio, *da Fac. de Dir.*
João de Oliveira, *do Curso Annexo*
Joaquim Tavares, *Dir. da Fac. de Dir.*
José dos Anjos, *do 3.º anno.*
José Carlos, *do 5.º anno.*
J. M. Mac-Dowell, *do 2.º anno.*
José Pernambuco, *do 2.º anno, em genheiro civil.*
Julio Pires.
Lacerda de Almeida, *da Escola de Engenharia de Pernambuco, adv.*
Laurindo Leão, *da Fac. de Dir.*
Lemos Vianna, *do 2.º anno.*
Lourenço Silva, *do 3.º anno.*
Luiz Estevam.
Manuel Cactano, *d'A Provincia.*
Manuel Marques, *do 1.º anno.*
Maria Fragoso.
Meira de Vasconcellos, *da Fac. de Dir.*
Merval Veras, *do 4.º anno.*
Moraes Correia, *do 4.º anno.*
Netto Campello, *da Fac. de Dir.*
Octavio Hamilton, *adv.*
Olinda Cavalcanti, *Juiz seccional.*
Oliveira Escorel, *da Fac. de Dir. de S. Paulo, ex-lente da Fac. de Dir. do Recife.*
Oliveira Fonseca, *da Fac. de Dir., adv.*
Oswaldo Machado, *do Jornal do Recife, adv.*
Paulo Salgado, *do 4.º anno.*
Pedro Pernambuco, *adv.*
Phaelante da Camara, *da Fac. de Dir., da Acad. Pernambucana.*
Rego Barros Junior, *do 5.º anno.*
Rodolpho Araujo.
Rodolpho Garcia, *do 1.º anno.*
Sá Antunes, *do Curso Annexo, adv.*
Samuel Martins.
Samuel Mac-Dowell, *da Fac. de Dir.*
Santos Netto, *do 3.º anno.*
Silveira de Souza, *lente jubulado da Fac. de Dir.*
Simões Barbosa, *da Fac. de Dir.*
Souza Pinto, *adv.*
Tito Rosas, *da Fac. de Dir., adv.*
Turiano Campello, *do Correio do Recife, adv.*
Vicente Ferrer, *adv.*
Virginio Marques, *da Fac. de Dir., adv.*



José Hygino



RECIFE-BRASIL, 25 DE DEZEMBRO DE 1904

A CULTURA ACADEMICA

ANNO I--VOL. I



TOMO I--FASC. III

SCIENCIAS E LETRAS

José Hygino Duarte Pereira

A FACULDADE mestra do Dr. JOSÉ HYGINO DUARTE PEREIRA foi a tenacidade no trabalho, na aquisição de conhecimentos, na pesquisa da verdade, no alargar os horizontes intellectuaes, no aprofundar e reforçar o poder illuminativo da razão.

Os que o conheceram ainda têm vivamente impressa na memoria a sua avantajada figura, a transitar pelas ruas do Recife, segundo já foi observado, sempre com a frente voltada para o solo, em attitude meditativa, e, não raro, com um livro na mão, para não perder a oportunidade que acaso se lhe apresentasse de reatar a leitura interrompida.

Para estudar conscienciosamente o positivismo, eil-o a fazer methodicamente um curso de mathematicas e das diversas sciencias abstractas da serie hierarchica de AUGUSTO COMTE.

Pára penetrar nas obscuridades da historia do

Brasil, durante o dominio hollandez, e poder assignalar, em toda a sua extensão, a influencia desse incidente da historia patria, resolveu apprender a lingua dos iuvasores de Pernambuco, e com tal afã se entregou a esse estudo que o flamengo e o neerlandez em suas divergencias dialectaes, como na forma hodierna de sua unificação idiomática, lhe eram perfeitamente familiares.

Esta pertinacia da vontade e esta obstinação da intelligencia constituiram a sua força. Mas uma tal contensão de espirito só é permittida a quem, sentindo-se fortemente solicitado, attrahido por um ideal, se conhece capaz de attingil-o. *Qui fortis est idem est fidens*, conceituava CICERO.

O seu ideal foram o amor da sciencia e o amor da patria, affectos que andavam por tal forma entrelaçados em sua alma que pareciam constituir uma só entidade emocional. O estimulo que recebeu desses dois affectos fecundou-lhe a intelligencia e deu-lhe energia sufficiente para emprehender e realizar os feitos que lhe grangearam renome.

Quando os ardores juvenis lhe accendem n'alma os santos enthusiasmos do patriotismo, alista-se na fileira dos que vão combater em campo raso, em defeza da integridade moral e territorial do paiz. (1) Mais tarde, o mesmo sentimento, numa expansão mais calma, ainda que não menos intensa, o ha de levar ao estudo paciente dos fastos do povo brasileiro, inscriptos nos velhos codices dos archivos de Haya.

Devemos affirmar que foi ainda o amor da patria que o fez tomar parte nas luctas da politica

(1) ARTHUR MUNIZ, na *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, vol. X, pag. 319.

activa, onde alcançou triumphos e desempenhou funcções de alta relevancia, como constituinte, senador e ministro, comquanto as tendencias de seu espirito dado á reflexão e ao estudo, o tornassem mais apto para offerecer, aos homens de acção, o resultado das suas pesquisas, do que para imprimir movimento ao complicado mechanismo das aggremações politicas. Si, num dos momentos angustiosos da agitada vida republicana, quando o Marechal Deodoro, em movimento de irritação irreprimivel, dissolveu o Congresso Nacional, foi o Dr. JOSÉ HYGINO um dos centros de resistencia e aquelle a quem foi dada a incumbencia de redigir o manifesto dos representantes do povo brasileiro, quer nas memoraveis sessões da Constituinte, quer na direcção dos negocios do interior e da justiça, é o doutrinario, o defensor da unidade da legislação, o theorista do direito successorio do Estado na extincção das ordens religiosas, quem nos impressiona ainda hoje, porque soube vibrar a nota da verdade juridica, numa synthese feliz, para o segundo caso, e num desdobrar luminoso de argumentação persuasiva, para o primeiro.

A paixão dos livros, o aneio de apprender, a seducção da sciencia como que o alheavam do mundo real, numa abstracção que devia ser um goso, uma verdadeira volupia intellectual.

II

Trabalhador infatigavel, intelligencia fortemente aparelhada, o DR. JOSÉ HYGINO não deixou, entretanto, uma obra vasta e inteiriça que nos desse toda a medida de sua capacidade mental.

O que temos delle são esboços a que falta o

acabamento indispensavel, ensaios, fragmentos, materiaes para construcções ulteriores. Algumas dessas producções são verdadeiramente nótaveis e hão de permanecer incorporadas ao nosso patrimonio intellectual, mas sem com isso perder a sua feição.

Em dois campos exerceu principalmente a sua actividade: no direito e na historia patria.

Como jurista escreveu, além de dissertações para doutoramento e concurso, as *Licções de direito natural e as Licções de direito administrativo*, que circularam quasi exclusivamente entre os estudantes a que se destinavam; artigos diversos em revistas e jornaes (2); *pareceres*, sempre geralmente acatados, porque frizavam o ponto em litigio e destacavam a regra juridica applicavel; a traducção do *Tractado de direito penal* de FRANZ VON LISZT, precedida de um extenso, erudito e bem orientado *prefacio*; e a *Consolidação das leis da Justiça Federal*.

Accrescentemos os discursos proferidos no Congresso constituinte, em cujos trabalhos tomou parte muito activa, e as decisões tomadas na qualidade de ministro da justiça, entre as quaes sobresae o aviso de 11 de Dezembro de 1891 que, de modo lucido, seguro, irrespondivel, fixou o direito successorio do Estado relativamente aos bens deixados pelas ordens mōnasticas extinctas no paiz com o fallecimento dos religiosos.

Na qualidade de ministro do Supremo Tribunal Federal não teve occasião de assignalar-se com o brillantismo que os seus talentos e erudição pro-

(2) No *Archivo Brasileiro*, Recife, 1887, ou *Direito*, Rio de Janeiro, vols. 60, 75 etc. *Revista de Jurisprudencia*, 1893.

mettiam, naturalmente porque não era aquelle o meio proprio á expansão de suas faculdades.

As suas idéas filiavam-se á corrente moderna, a principio com o positivismo e, depois, com o evolucionismo spenceriano.

Expunha-as com desassombro, mas sem o ardor communicativo dos propagandistas, sem a vibratibilidade de estylo e a fluencia crystallina dos vulgarizadores.

No entanto, ás vezes, o assumpto o empolgava e o homem da meditação e da analyse meticulosa transfigurava-se no dialectico intrepido e irresistivel como se revelou no Congresso constituinte, onde, especialmente com o discurso que pronunciou sustentando a unidade da magistratura, (3) attingiu á verdadeira eloquencia parlamentar moderna: facil, persuasiva, mais opulenta de idéas do que de palavras.

Firme nos seus principios, escudado em JELLINECK, LABAUD e em toda a vasta e solida doutrina do direito publico, sabiamente construida pelos pensadores allemães, demonstrou que « a soberania é indivisivel », e que, na federação, ella pertence á União, ainda que os Estados federados sejam entidades politicas autonomicas.

A doutrina de WAITZ que distribue a soberania entre os Estados e a União, elle a apresentava como uma forma transitoria do pensamento, abandonada pelos mais conspicuos publicistas, por insufficiente e contradictoria.

Infelizmente essas idéas sãs, apesar dos esforços do illustrado senador pernambucano e de um outro

(3) *Annaes do Congresso Constituinte*, vol. 2, pags. 55-62.

claro espirito que então representava a Bahia, AMPHILOPHIO BOTELHO, não alcançaram as adhesões da assembléa politica perante a qual foram expostas, e, na Constituição, se insinuou uma doutrina transigente e vacillante que vae dando fructos bem pécocos.

JOSÉ HYGINO era pela sociologia, concebendo-a segundo os moldes de SPENCER e justificando a sua existencia com os argumentos do philosopho inglez e de LE BON. (4)

Repugnava a seu espirito disciplinado que a lei da causalidade, dominando o conjuncto dos phenomenos, falhasse em relação ao homem e á sociedade.

Si, como disse BAYLE, "l'homme est le morceau le plus difficile qui se présente à tous les systèmes" não é isso razão para que o supponhamos entregue aos impulsos do arbitrio e ás surpresas do acaso.

Esta concepção desenvolvida e consolidada por novos estudos fal-o abraçar a *terza scuola* de direito penal, representada, na Italia, por ALIMENA e CARNEVALE, na Allemanha por VON LISZT, cuja obra capital elle traduziu, na França por TARDE e LACASSAGNE e na Russia por DRILL. (5)

E' no prefacio á traducção do *Tractado de direito penal* de LISZT que expõe as suas idéas sobre a criminologia, a politica criminal e o direito penal, combatendo a eschola anthropologica de LOMBROSO, mostrando a insufficiencia das concessões de FERRI e o valor da critica dos seus adversarios.

O seu fito é pôr em evidencia o pensamento

(4) No livro conhecido *L'homme et les sociétés*.

(5) Ver ALIMENA, *Del'imputabilità I, introduzione e diritto penal na Italia, na Législation penale comparée, vol. I.*

de LISZT e, pelas sympathias que a favor dellas espera se despertem no leitor, justificar o facto de haver traduzido o tractado do eminente professor allemão.

Mas por tal modo se apropria das idéas capitaes de toda a eschola que se pode considerar o citado prefacio como feliz condensação dos seus principios, não só apresentados com verdade e segurança, mas ainda defendidos com vigor e competencia.

A literatura juridica brasileira deve olhar esse estudo como uma de suas paginas mais significativas.

III

Como historiador, o trabalho do DR. JOSÉ HYGINO é admiravel pela constancia e infatigabilidade que revela. Internado nos archivos de Haya, colleheu tudo quanto lhe passou pelos olhos de interessante para a historia do Brasil. (6)

Mappas, impressos, manuscriptos, documentos de toda a ordem puderam ser encontrados pelo pertinaz investigador e hoje constituem uma das mais ricas e preciosas colleções do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, em nome de quem e para quem o nosso compatriota extrahiu, do repouso de archivos estrangeiros, essa enorme congerie de materiaes com que reconstruir a feição exacta do Brasil neerlandez.

Desses documentos alguns foram traduzidos e publicados pelo infatigavel pernambucano, outros ainda se acham recolhidos á bibliotheca do Institu-

(6) Este assumpto esta minuciosamente exposto no relatorio apresentado pelo Dr. JOSÉ HYGINO e publicado na *Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco*, vols. IV e V, assim como no já citado discurso de ARTHUR MUNIZ.

to, de onde os irá desentranhando, aos poucos, a digna corporação auxiliada naturalmente pela aptidão especial do Dr. ALFREDO DE CARVALHO.

O que já conhecemos offerece base sufficiente para nos dar uma idéa approximada do que era a vida politica da colonia hollandeza assim como dos intuitos e processos de seu intelligente administrador, o principe Mauricio de Nassau.

A somma de esforço mental e physico, de sagacidade, pertinacia, dedicação que representa esse amontoado de materiaes historicos é enorme e constitue um bem justo titulo á benemerencia publica.

E', todavia, a obra sem fulgores do operario que moureja, se extenúa, se sacrifica, e não a do architecto que traceja o plano do edificio e o levanta do solo, deslumbrando a vista dos que o contemplam. O DR JOSÉ HYGINO accumulou os materiaes, que ainda esperam a intelligencia creadora de um historiador para que se transfigurem numa reconstrucção luminosa da sociedade extincta e mostrem a acção do passado no metabolismo social.

Esse historiador poderia ter sido o proprio DR. JOSÉ HYGINO, si as circumstancias o permittissem, si o seu espirito não estivesse preso a outras preoccupações, ainda que, para levar a effeito essa empresa, possuindo outras qualidades espirituaes necessarias, lhe faltasse a imaginação que anima e vivifica, assim como o sentimento da arte que aperfeiçoa o dizer e faz a narrativa interessante.

Disse o SR. JOSÉ VERISSIMO que, nos sendo difficil a analyse, «por demandar tempo, esforço, estudo, quasi começamos o nosso trabalho historico pela synthese, antes de qualquer trabalho critico dos textos e documentos, antes do trabalho preliminar

da erudição minuciosa e segura.» (7) Será assim em geral; mas, em relação ao Brasil hollandez, creio que os documentos colligidos pelo DR. JOSÉ HYGINO, accrescentados aos que já possuíamos, constituem um excellente cabedal para estudos e somente reclamam quem tenha a disposição a que se refere FUSTEL DE COULANGES, afim de extrahir um dia de synthese de dez annos de analyse.

IV

Quaesquer que tenham sido os meritos do investigador da historia pernambucana, é fóra de duvida que a acção do jurista se fez sentir mais larga e proveitosamente entre os contemporaneos, e havia chegado o momento de extender-se além das fronteiras do paiz, com a repercussão que, naturalmente, alcançariam os seus trabalhos no Congresso pan-americano reunido na capital do Mexico, quando a morte o prostrou.

Devemos collocar-o entre os que, no corpo docente da Faculdade de Direito do Recife, prepararam os espiritos para accetar a transformação mental que TOBIAS BARRETO havia de operar. A prova escripta do concurso de TOBIAS foi o desenvolvimento de uma these offerecida por JOSÉ HYGINO: «Conforma-se com os principios da sciencia social a doutrina dos direitos naturaes e originarios do homem?» (8)

Essa circumstancia que podia ser um motivo de approximação sympathica entre os dois professores, foi, ao contrario, origem de attritos e dissidios que se terminaram por uma violenta polemica em

(7) *Estudos de litteratura brasileira*, 1.ª serie, pag. 243.

(8) Encontra-se essa dissertação nas primeiras paginas dos *Menores e loucos*, ed. Lacmmert C., Rio 1884.

que a questão jurídica em debate desapareceu afogada num chuveiro de personalidades e convícios.

Desde algum tempo presentia-se que a lucta estava prestes a travar-se, pois, quando TOBIAS atacava e menoscabava o systema philosophico de SPENCER, cujas idéas JOSÉ HYGINO divulgava entre os seus alumnos, parecia que a este competia vir em defesa do mestre. Os dois artigos, aliás de uma critica percuciente e magistral, intitulados *Notas a lapis sobre a evolução emocional e mental do homem e glozas heterodoxas a um dos motes do dia*, (9) parece que foram escriptos especialmente no intuito de combater a corrente de idéas spencerianas que defluia do ensino do futuro traductor de LISZT. Afinal o sentimento de animadversão, por algum tempo contido, arrebentou o dique e esparrimou-se, cheio de azedume, nessa polemica acerca das theorias de LOURENZ STEIN sobre o *self government* inglez.

Dessa disputa nenhuma elucidação veio para as doutrinas juridicas. Si a verdade estava com um dos contendores, o outro soube tirar partido dos incidentes para não deixar perceber-o aos espectadores inscientes que se inclinavam por um ou pelo outro, segundo as suas sympathias pessoaes.

Mas, como quer que seja, percebia-se que o DR. JOSÉ HYGINO estava deslocado naquelle torneio irritante, que o magoava, que o desalentava e ao qual provavelmente se não teria deixado arrastar, si não fosse o receio de que a sua calma e firmeza passassem, aos olhos do vulgo, por pusilanimidade ou ignorancia.

(9) Publicados no *Diario de Pernambuco*, foram depois incluídos nas *Questões vigentes*.

Homem de gabinete, amando a vida recolhida e simples, affeito á serenidade das lucubrações e aos gosos serenos do espirito, bondoso e chão, desamava o desabrimento das luctas pela imprensa. Outro era o posto de trabalho que lhe pediam a indole e os habitos.

Servirá, entretanto, essa polemica de documento a quem quizer conhecer a psychologia dos dois campeões; um desembaraçado, impetuoso, arrogante, seguro de si e cheio de vivacidade, apesar de estar preso ao leito de onde não mais havia de se erguer; o outro menos agil no manejo das armas acceitas, vibrando golpes que deviam doer no adversario, mas que determinavam tambem visivel soffrimento no paladino que os arremessava.

O tempo apagou o interesse dessa contenda e, hoje, a quinze annos de distancia, o sentimento com que a considero é o da magoa, por ver desviada de seu verdadeiro fim tanta energia nervosa, tanta actividade psychica.

Na vida de JOSÉ HYGINO foi essa contenda, como outros recontros que lhe suscitou a politica, uma nuvem escura a toldar-lhe passageiramente a serenidade d'alma. Através della, vemos-lhe, entretanto, melhor, a compleição moral. Apesar de ser a vontade a sua faculdade preponderante, essa vontade exercia o seu imperio dentro do circulo da sua propria individualidade.

Nas relações externas, foi um timido ao modo de LITTRÉ, desconfiando de sua capacidade, mas avançando sempre, activado por um impulso intimo, calmo, sem apaixonamentos, mas não cedendo uma linha, quando estava convencido de que defendia a verdade.

Clovis Bevilacqua.

As florestas

A Luiz Estevão.

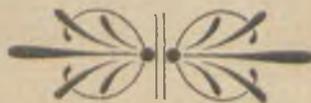
Entro, como num templo, o seio das florestas. . .
A' feição de quem traz um mundo sobre os hombros,
Meu ser, que tem o porte esguio das arestas,
Pára ante esta mudez de tragicos assombros!

O perpetuo rumor dos risos e das festas,
Longe, nas multidões cheias de desassombros,
Canta, unido ao bramir das coleras funestas
Dos que passam na vida em meio só de escombros.

E aqui, esta opulencia, estas arvores santas,
Esta fecundidade intermina das plantas,
Onde não chega o pó de humanas ruinarias! . . .

Alma! em face do mundo onde em vão te exasperas,
Blinda-te, recordando as primitivas éras,
Na eloquente mudez das florestas sombrias!

Matheus de Albuquerque.



José Hygino

DATAS E FACTOS

O Dr. José Hygino Duarte Pereira nasceu neste Estado aos 22 de Janeiro de 1847 e falleceu na Capital do Mexico a 10 de Dezembro de 1901, tendo sido seus pais o Dr. Luiz Duarte Pereira e D. Carlota de Miranda Duarte, digna filha de José Hygino de Miranda que representou notavel papel na Revolta de 1848.

Fez com o maior aproveitamento o curso de humanidades, matriculando-se, muito moço, na Faculdade de Direito do Recife que lhe conferiu em 1867 o gráo de Bacharel e em 27 de Novembro de 1876 o de Doutor, depois de defendidas, com brilhantismo, notaveis theses.

No seu 3.^o anno assentou praça de voluntario da patria e seguiu para a Campanha do Paraguay d'onçe teve de voltar por ter sido obrigado a dar baixa devido á sua debilissima compleição.

Uma vez formado, exerceu os cargos de Promotor Publico em Santa Catharina, Deputado Provincial em seu estado natal e Juiz Municipal da Capital.

Posteriormente, em 1878, apresentou-se em concurso, disputando um dos logares de lente substituto da nossa Faculdade, conseguindo ser nomeado por Dec. de 30 de Novembro do mesmo anno, tendo tomado posse a 20 de Dezembro. Foi nomeado cathedratico da 3.^a cadeira do 5.^o anno em 22 de Março de 1884.

Commissionado pelo Instituto Archeologico Pernambucano, foi a Europa tractar de negocios relativos á Guerra dos Holandezes e seu dominio no Brasil e grande foi o contingente que de lá trouxe para a historia d'essa epoca.

Casou-se em 1875 com a Exma. Sra. D. Margarida da Camara Duarte, filha do Barão de Palmares, tendo tido de seu consorcio 5 filhos.

Com o advento da Republica, foi jubilado no cargo de lente [1891], e, pouco tempo depois, eleito Senador Federal por este Estado. Tambem foi Ministro do Interior na administração do

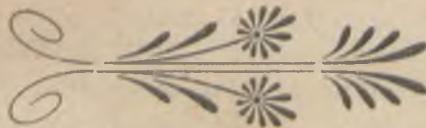
Marechal Floriano, tendo sido por elle distinguido com a nomeação de Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, cargo em que se aposentou.

Em seguida abriu escriptorio de advocacia na Capital Federal, tornando-se notavel pela lucidez de sua intelligencia e grande illustração philosophico-juridica.

No Governo do Dr. Campos Salles foi escolhido para representar o Brasil no Congresso Pan-Americano, que se reuniu na Republica do Mexico.

Nessa soberba reunião de poderosas mentalidades das 2 Americas José Hygino logo se impoz pelo seu alto valor; o que lhe valeu a eleição de Vice-Presidente do Congresso.

Foi n'essa occasião, quando o notavel patriota e jurista se achava prestando ao seu paiz relevantissimos serviços, que a morte veiu, brutalmente, arrancar-o ao seio do Congresso, á Patria e á Familia. Uma terrivel *influenza*, rebelde a todo o tratamento medico e aos carinhos da familia, cortou a 10 de Dezembro de 1901 a vida desse infatigavel cidadão que tanto se distinguiu pelo character sem jaças, pelo raro talento e profunda illustração.





Antonio Peregrino Maciel Monteiro
(Barão de Itamaracá)



Maciel Monteiro (1)

Illustre auditorio

Apezar da distancia que nos separa de Maciel Monteiro, a serenidade da Justiça e o carinho do Amor têm o poder de erguel-o do seio algido do tumulto para o seio abrasado da Gloria, do silencio da terra dos mortos para os braços dos que não foram do seu tempo, mas almejam elle seja dos tempos destes para honra e lustre.

Buscamol-o quando ha muito descanso, para sem descanso, trabalhar subjectivamente pela patria nossa—erma nos dias presentes de trabalhadores de feitos assignalados.

Os mortos vão depressa... quando as suas obras não ficarem celebradas na memoria da Historia, e não fôr possível, por haverem se desgastado os seus traços, reconstruir a physionomia moral de cada um, dar-lhes o sopro de vida na taciturnidade do *nada* onde desappareceram, fazel-os em summa, viver na epocha em que vivemos—afim de nos ensinar a polir o crystal do character, a accipilhar o diamante da intelligencia, a encher de perfumes a ambula do coração.

(1) Antonio Peregrino Maciel Monteiro nasceu a 30 de Abril de 1804 do consorcio do dr. Manoel Francisco Maciel Monteiro e d. Manoela Lins de Mello. Em 1811 entrou na carreira das letras, estudando humanidades em Olinda, donde partiu em 23 de Maio de 1823 para a França. D'ahi regressou em 29 de Setembro de 1829 com os seguintes titulos conquistados na Universidade de Paris: Bacharel em Letras—(16 de Novembro de 1824); Bacharel em Sciencias—(8 de Abril de 1826); e Doutor em Medicina—(19 de Maio de 1829). Occupou em Pernambuco, sua terra natal, os seguintes cargos: Vereador da camara municipal, Director do Theatro publico, Provedor da saúde do porto, Membro da junta medica, Medico da Guarda Nacional Director da Academia de Olinda (1840), Director geral da instrucção publica provincial (1852).

Representou sua provincia na Assembléa Geral de 1833 a 1853, com uma pequena interrupção, quando, deixando a presidencia da referida Assembléa, investiram-n'o do cargo de enviado extraordinario e plenipotencia-

Os mortos vão depressa... para os que não cultuam o passado e não sabem ser os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, as nossas phrases... os mesmos pensamentos, os mesmos sentimentos, as mesmas phrases daquelles, dos quaes somos para *testemunho do genio da nossa raça, incarnações successivas que provam a inalterabilidade da unidade sob a apparente variedade de aspectos.*

Os mortos vão depressa... para os que só conhecem os atilhos da vida objectiva que nos prendem uns aos outros; e desconhecem os elos da vida subjectiva que nos acorrentam aos antepassados, elos inquebrantaveis e eternos, maximé, quando fundidos nos moldes dos grandes sentimentos.

Chegou até nós, amparado pelo regaço de todas as civilizações e resistindo ao camartello da critica de indole destruidora, o ritual do culto dos povos aos seus avoengos, aos ancestraes de nobreza moral e de brazões de glorias, conquistados pelo aço da penna e pelo ferro das armas.

Procurou-se sempre, entre os aureolados pela cultura, erigir monumentos, levantar pantheons, em graça áquelles que se destacaram no mundo das letras ou venceram nos campos da guerra.

Essas demonstrações de subida gratidão collectiva, attestam como outr'ora se sabia sentir e perpetuar o sentimento no marmore e no bronze, por todos aquelles que, em vida, foram martyres da sciencia, heroes do trabalho, e hoje são astros que derramam sobre as nossas cabeças poeira de luz.

A memoração de actos celebres e a celebração dos nomes dos vultos maximos, têm grande fim civico, moral e esthetico para os povos, pois estimula, aformosea, aperfeiçoa-lhes as aptidões

rio junto á côrte de Portugal. Fez parte do celebre gabinete conservador de 19 de setembro de 1837 com 33 annos de idade, no qual occupou a pasta dos negocios estrangeiros. Em 1841 foi condecorado com o officialato do Cruzeiro; em 1854 com a grande dignataria da Rosa e Grã-Cruz de Christo de Portugal; em 1855 com a Grã-Cruz de S. Gregorio Magno dos Estados Pontificios e tambem com uma das Ordens da Suecia; e por fim agraciado pelo inesquecido Sr. D. Pedro II com o titulo de Barão de Itamaracá com honras de grandeza.

Redigiu o *Lidador*—orgão do partido conservador (1845—48) ao lado de J. T. Nabuco de Araujo e J. J. Pereira de Aguiar, e tambem a *União*—orgão do mesmo partido (1848—51) com os companheiros citados e mais Floriano Correia de Britto.

Falleceu em Lisboa a 5 de Janeiro de 1868, onde foi sepultado; dois annos depois, os seus restos foram trazidos para o Recife, chegando aqui a 24 de Setembro de 1875 a bordo d'um brigue portuguez denominado—*Bella Figueira*. A 6 de Dezembro de 1872, depois de estarem dois annos tão preciosas cinzas depositadas na Matriz da Boa-Vista, foram encerradas num monumento de marmore que a Camara Municipal do Recife mandou erigir no Cemiterio de Santo Amaro.

São estes os traços biographicos que existem do Pernambucano distincto, cujo nome brilhou em todas as aggremações litterarias do seu tempo, dentro e fora de sua patria, destacando-se entre ellas a *Arcadia de Roma* que o alistou entre os seus membros illustres.

psychicas e prepara-lhes logar primacial na tela polychroma das nações adiantadas.

Temos a certeza plena, colhida na experiencia e abeberada nos acontecimentos, de ser a *imitação* uma lei de grande força social; e sabemos, de ha muito, não passar tudo no universo de uma repetição e caracterizar o homem a *virtus imitativa*.

Se é uma verdade inatacavel o affirmado, se precisamos de etymos para as nossas acções durante a peregrinação planetaria, se *os mortos governam os vivos*, festas como as de hoje visam immenso objectivo e têm repercussão immensa.

Os mortos governam os vivos... é uma brilhante verdade, e para o Brasil deve ser um dogma.

No periodo historico actual, excepções existem! raro encontramos vultos como os de outras eras, que mereçam arregaçadas de nossas ovações, vultos como o Imperio talhava nos seus moldes de ouro--capazes de se baterem pelos grandes ideaes, de amarem as letras até o extremo, de fazerem da vida holocausto a uma idéa alimentada pelos fulgores da mocidade e que, ás vezes, só se realizava ao desabar da velhice...

Basta um regresso de memoria ao passado ainda perto, basta deixarmos a Verdade erguer-se sobre o pedestal onde está erecta a Vaidade nossa, para termos a certeza, de completo, de que no Imperio se cultivou melhor a intelligencia e se cuidou mais do sentimento patrio.

Externamo-nos, assim, em obediencia á severidade regia da Historia e ao programma que nos traçamos; e nosso amor á Republica procura dizer estas verdades em forma de acróama, sem acervar o estylete da critica nas chagas profundas do organismo nacional, sem pretender desverdecer as vossas esperanças e desflorir as vossas illusões--esperanças e illusões que vicejam, de longe em longe, em nosso intimo tambem.

Naquelles dias--ahi está a tradição oral e escripta--os homens tinham a idéa fixa de valerem pela direitura moral, de pregarem a ethocracia, ou pelo menos, simularem respeitar a opinião dos patricios; hoje, vós que estudaes ethogenia, procuraes as causas occasionaes do descredito do nosso character, das nossas paixões, dos nossos costumes, e as encontrareis desoladoras, entristecedoras até ás lagrimas.

A verdade carece ser dita a bem da Republica sob a lucificação dos astros, *sidera lucida*, sem o escopo de fazer parenése;-- a Verdade deve ser sempre a idolatria sem pallôr do Instituto Historico e da Academia de Letras de Pernambuco para garantia da sinceridade do espirito que preside aos seus destinos literosociaes.

Este nosso modo de enfrentar a psychologia brasileira é a *reprise* do nosso trabalho sobre os *Martyres de 17*, feito ha muito do alto desta tribuna, do qual desgallhamos alguns trechos para documento, provando, assim, não julgarmos os homens e os factos atravez do estado d'alma de momento, e sim por justeza de criterio e exacção de analyse.

« Vivemos da vida subjectiva dos nossos Heroes, albergamos no seio as sementes dos seus exemplos, sentimos os seus sentimentos contra os que se amatilham para o descredito patrio e deixamos por sobre elles defluir o nosso Odio.

Viveram para nós! É porque não havemos de lembrar sem-

pre os seus nomes e bravuras, quando, se temos valor na epocha corrente, é porque nos escudamos no valor delles e vivemos, exclusivamente, da herança das suas glorias !

O que valem os ? O que valeram elles ?

Temos unicamente uma qualidade moral recommendavel--es-
tragar tudo quanto fizeram de bom pelo Character e pelas Institui-
ções, calcar aos pés a Verdade e a Justiça.

Observae os homens, estudaes os factos, submettei estes e
aquelles aos reagentes da analyse e vereis como divergem, em
globo, dos primitivos formadores do character nacional.

Os exemplos deixados, infelizmente, não têm servido de *fogo
do céo*, de viatico, ao nosso ser interior... motivo pelo qual apo-
drecemos moralmente antes de apodrecermos materialmente.

Profundas tristuras sinto em dizer assim ; mas, quem contes-
tará este dizer ? »

Vê-les que não houve e não ha, em, o nosso sitio de observa-
ção, mais do que a idéa empolgante, poderosa, de dizer sem estrias
de pessimismo, sem nuances de má fé, a Verdade salvadora !

Esboçariamos o estado social de hontem e o de hoje da Patria
adorada ; comparariamos a intelligencia e o civismo dos cerebraes
de outr'ora com os actuaes si a tanto nos permittissem força e
tempo para deste esboço e desta comparação tirarmos a indivi-
dualidade de Maciel Monteiro--um immortal do Imperio--que bem
merece, como Petrarcha no Capitolio o mereceu, ser cingida a sua
obra com triplice corôa--*tergeminis honoribus*--: a corôa de hera,
como poeta ; a de loiro, como triumphador ; a de murta, como
amante.

A exaltação da *Obra* de Maciel Monteiro--não corporizada
ainda em volume--que ficou quasi toda no registro das recorda-
ções dos que com elle viveram, os quaes a passaram depois, em
fragmentos, á nossa geração, é impraticavel na estreiteza dum
trabalho singello.

Nascido em Pernambuco ao alvorecer do seculo desenove,
nelle fez o curso de humanidades, partindo em seguida para a
Europa onde conquistou os diplomas de bacharel em letras, ba-
charel em sciencias, e de doutor em medicina.

Ali, *extra-muros*, sob a impressão de outras paisagens, de
outros costumes, de outro céo, revelou-se um espirito superior, na
altura de ser o que foi mais tarde na sua Patria--orador, poeta,
diplomata e estadista notavel.

Chegado ao Brasil, Maciel Monteiro entrou para o dédalo da
politica e, quer na Assembléa Provincial, quer no parlamento bra-
sileiro de então, visitou sempre a tribuna na hora dos debates
das grandes questões, e deixou em ambos a fama do seu oratorio
facil, recamado por um estylo de facetas varias e argumentação
multiface. Faz-nos lembrar Lamartine, o seu vate predilecto e do
qual traduziu algumas poesias, quando, como deputado de Macôa,
illuminava a Camara com os seus bellos discursos, apezar da
guerra de Barrot aliado com Thiers que o chamavam de poeta em
tom desdenhoso !...

Os seus discursos espontavam de improviso, sem as torturas
da gestação intellectual demorada, pois eram proferidos sempre
depois da sahida dos salões dos bailes e dos theatros donde a

sua alma voava entontecida de amor e enfeitçada de encantos femininos para penetrar no recinto augusto do parlamento, espalhando apenas esta transição de scenario... o tempo para refazer o vestuario de *rafine* da elegancia...

Parece, e quem contestará? que a sua natureza psychica precisava, para florescer, da scintillação dos brilhantes em cardume, do zumbido roçagante das saias de sedas familiarizadas com os seus dedos, do perfume evolado de collos de cysne—bellos de alvura e estuosos de amor—mais do que de libações de Naxos e Chios, de favos de Hybla e do Hymetto, de perfumes das flores Amathunta eternizadas por Sapho como rainhas de todas as flores, de incenso de mirra e nardos queimado em caçoulas custosas, de vinhos aromaticos e velhos dos gregos bebidos em amphoras sem par!...

As naturezas de eleição reclamam alguma cousa, de que as vulgares não carecem. para servir-lhes de *luz*, que as inflamem até a « forte fièvre hallucinatoire », no dizer de Goncourt.

Conta-se que para produzirem:—Schiller collocava os pés sobre gelo, Gautier queimava no gabinete pastilhas orientaes, Loti rodelava-se de frascos cheios de perfume para aspirar, Darwin tocava violino antes, Bossuet envolvia a cabeça com pannos quentes, e tantos outros! que não começavam os seus trabalhos sem procurar a inspiração occulta, para elles, em pequenos *nadas*!

Para a palavra de Maciel Monteiro e o seu verso terem o brilho que conhecemos, não ha duvida ter sido a mulher o seu psalterio de cordas de ouro, o seu factor principal—ou tivesse esta os encantos das filhas das vagas do marmore de Paros ou os deslumbramentos da filha das ondas do mar Egeu!

As suas victorias parlamentares seriam ainda maiores—assim pensam Sylvio Romero e Macedo—se elle ao assumir a tribuna tivesse o espirito amadurecido por lucubrações sérias, viesse, em lugar dos bailes e dos theatros, da austeridade do gabinete com peças acabadas e inteiriças.

Na poesia e na oratoria,—notamos isto em todas as literaturas—os trabalhos pensados, lapidados com paciencia, são sempre de rigidez marmorea, não têm a scintilla da inspiração que não vem no momento procurado e que não obedece á algebra fria do frio raciocínio.

Maciel Monteiro se tivesse confragido o seu temperamento literario, se procurasse com *parti-pris* produzir effeito decorativo no verso ou na oratoria, talvez hoje nada mais restasse de seu espirito.

A expontaneidade de todas as suas produções, a certeza de haverem sido a resultante nitida da floração natural de sua intelligencia tem dado a nós outros—a evidencia de que Elle seria maior si maior o quizesse ser... e isto de todas as maiorias não é a maior?

No parlamento ferlu apenas as grandes questões; o seu verbo não desceu, não foi reflector de assumptos fastidiosos...

Sylvio Romero, o brilhante auctor da *Litteratura Brasileira*, nos da como specimen da eloquencia de Maciel Monteiro, cercandoo-a de encomios, trechos do seu discurso sobre o *trafico de africanos*, quando se preparava a lei de Eusebio de Queiroz. Lembremo-nos destas phrases, nas quaes se alteiam *qualidades* de espirito de escol e civismo acendrado:

« Nunca me apaixonei, nunca me inflammei nas declamações

fervidas do abbade Reynal, de Gregoire e de outros negrophilcs ; mas sempre detestei a escravidão ; a minha natureza como que se revolta á sombra de qualquer jugo. Entretanto, entrando na carreira politica, não só por tal motivo, como pelo compromisso que o Paiz tinha contrahido em virtude do tratado de 1826, e em reverencia á lei de 1831, sempre me reputei abolicionista, sempre entendi que esse tratado devia ser fielmente cumprido, que essa lei devia ser rigorosamente executada ; e quando os successos do meu paiz, antes do que o meu fraco merito, me levaram aos conselhos da corôa, procurei por todos os meios ao meu alcance tornar uma realidade esse tratado e essa lei.

O paiz tinha o instincto da abolição : esse sentimento continuava a elaborar-se no animo de todos os homens pensadores. Elles viam que o futuro do paiz se achava comprometido pela continuação do tratico ; todos foram conhecendo que o trabalho escravo não podia coexistir com o trabalho livre, e que todos olhavam para o Brasil como um paiz e não como uma colonia, mas como um paiz que tinha um futuro, uma civilização a esperar.

O ministerio tem diante de si uma empresa ardua que deve realizar. Esta empresa é a substituição dos braços escravos pelos braços livres ; esta empresa é a colonisação.

Attenda bem o governo para esta grande necessidade do paiz, empregue todos os meios ao seu alcance para estabelecer entre nós o trabalho livre, para ennobrecer este trabalho, para povoar o Brasil, não de africanos, mas de colonos que virão a ser depois outros tantos membros da grande associação brasileira.»

No amago destes periodos encontraes um *improvisador*, um *repentista*, que possuia a intuição exacta das necessidades vitaes do seu Paiz ; no amago destes periodos achaes um homem—amante da Corôa—naquella epocha, em 1851, que se declarava abolicionista, e fazia a apologia do trabalho livre !

No gabinete celebre de 19 de Setembro no qual occupou a pasta dos estrangeiros, e no quadro da diplomacia em que alcançou as credenciaes de plenipotenciario, conservou a *allure* de brasileiro digno, pairou no cimeiro do apreço de seus patricios.

Tudo isto pode mergulhar fundo, para sempre, na melancolia dos archivos em despreso, mas, o que não se esquecerá, ficará como marco millioario na estrada literaria do Brasil, é o seu nome na lyrica nacional, nome inexcedivel, de lyrista até hoje inimitavel.

No escriptor ha dois homens : um fala e vive para os seus contemporaneos, o outro se dirige á posteridade ; é neste que se encontra o *essencial*, a *porção duravel*—no dizer de Taine.

A *porção duravel e essencial* de Maciel Monteiro encravou-se na sua obra poetica, na qual sem presentir extravasou toda sua alma, synthetizou sua *faculté maitresse*. Não possuímos d'Elle nem traços proprios e precisos, nem particularidades authenticas, nem as suas memorias--materiaes indispensaveis para se retratar um homem de letras--no pensar do autor da *Philosophia da Arte*.

Onde buscar as *memorias* de Maciel Monteiro se não as escreveu e colher traços authenticos para, em acabado, desenhar a sua feição literaria ?

Dispersivo como foi, sem ter achado um amigo dedicado como Alvares de Azevedo achou em Silva Mendes, Gonçalves Dias em Henrique Leal, Junqueira Freire em Rebouças, Fagundes Varella

em Teixeira Mendes, Castro Alves em Augusto Guimarães, que guardasse os seus versos, perolas que presas num fio de ouro dão um collar ainda não sonhado pelos sonhadores da Belleza Eterna, nem que recolhessem as paginas interessantes de sua vida, trechos dum mundo ideal por elle creado para nelle viver ; por não ter achado um amigo assim, pouco resta da sua obra.

Maciel Monteiro cantou exclusivamente a Mulher, pagou-lhe sempre o *feudo da sua vassalagem*, ou melhor, cantou o Amor-sentimento que sentia como Castilho, o cego, cuja lyra tinha os accordes das lyras de Orpheu e Amphião e amansava as feras, espiritualizava as pedras !...

O inesquecivel poeta das *Cartas de Ecco e Narciso* sentia assim :

« Sentiam nossos paes de amor as chammas,
amor nos deu a vida ; alma ternura
nos deu o leite, e os osculos na infancia.
Entre exemplos de amor fomos crescendo.
E' de amor o Universo onde habitamos ;
quasi todos os bens de amor só nascem,
e os que não são de amor no amor se apuram.
Se, exceptuando os mais, devesse um nume
um nume só nas terras adorar-se,
o unico altar ser dado a Amor devia,
e os sacerdotes seus em sacros hymnos
cantal-o o Bemfeitor e o Pae do mundo.
Aves e feras, arvores e humanos,
nymphas e deuses, tudo a amor se humilha.»

Maciel Monteiro sentia assim :

« Amar, amar um anjo de candura,
De toda a criação a obra prima ;
Render-lhe culto, que está inda acima
Do culto, que a Deus rende a creatura ;

Dar-lhe quanto ha no peito de ternura
E a paixão enobrece e legitima ;
D'alma, que ao Céu se exalta e se sublima,
O perfume votar-lhe em aura pura ;

Desejos mil queimar em casta chamma ;
E a crôa de martyrio em premio tardo
Na fronte receber, qu'ella orna e enrama ;

Eis a religião do pio Bardo :
Eis como, minha Lilia, elle arde, elle ama,
Eis como, minha Lilia, eu te amo, eu ardo.

A mulher synthetizou o ideal de sua existencia, foi a ave que gorgoeou incessante no beirado do palacio de seus sonhos !

Não a idealizou como uma Myrtes, a mestra de Pindaro ; uma Sulpicia, mulher de Calenos, escrevendo satyras contra os inimi-

gos das letras ; uma Corday com o punhal ensanguentado do assassinato nas mãos ; uma Joanna d'Arc offerecendo-se para defender a Patria em perigo ; uma heroína de Thermodente cortando um dos seios para melhor usar das armas na hora das pelejas ; e sim, como um ser que, enthesourando a alma bonissima d'uma Cornelia—mãe dos Gracchos, duma Porcia—mulher de Bruto, duma Octavia—irmã de Augusto... não deixasse de ter tambem—sim, não deixasse de ter!—a formosura capitósa de Helena—a grega por quem Stesichore cegou—pelo motivo de haver dito mal de sua belleza... e a quem depois, para vel-a de novo, pediu perdão do crime commettido !

Poeta erotico dizem que Elle o foi... pelo facto de cantar a sua Lilia no esplendor da belleza e da graça !... Poetas erotikos, então, igualmente o foram Claudio cantando Nize, Gonzaga sua Marilia, Alvarenga Peixoto sua Estella e a sua Nize, Silva Alvarenga sua Glaura, J. Bonifacio—«lacteos pomos buliçosos» de sua amada e outros tantos brasileiros que saturaram o lyrismo poetico duns matizes de volupia muito nossa, do nosso sangue...

Alguem escreveu com erudição vasta, sobre o *erotismo* do Poeta a quem cultuamos no dia de hoje, o seguinte :

« O lyrismo de Maciel Monteiro tem muito perfume e muita unção do lyrismo grego, e cremos que o lyrismo grego é o que mais corresponde á esthetica physica do Brasil e ao sentir e crer dos Brasileiros.

Como o solo da Grecia é povoado de genios e o ar de echos harmonicos, assim é o solo e o ar do Brasil. Dahi vem essa serenidade do character brasileiro, aliás temperado de alegria e melancholia ; dahi vem esse sensualismo delicado, recatado, transparente, mas nunca nú, expansivo, mas nunca louco, que caracteriza a paixão do amor entre nós. Na pintura, no desenho deste amor delicado, recatado e apenas transparente, ainda excedeu Maciel Monteiro. Como estas estatuas gregas que, atravez da simples roupagem, deixam adivinhar as formas, mas que não podem ver-se, assim são as poesias. »

Ahi está admiravelmente descripto o genio poetico do distincto pernambucano !

Provemol-o. Elle fala por nós !

Escutem-no. Elle dirá como nunca havemos de dizer !

SONETO

Formosa, qual pincel em téla fina
 Debuxar jamais pode ou nunca ousára ;
 Formosa, qual jamais desabrochára,
 Em primavera, rosa purpurina ;

Formosa, qual si a propria mão divina
 Lhe alinhára o contorno e a forma rara ;
 Formosa, qual jamais no céo brillára
 Astro gentil, estrella peregrina ;

Formosa, qual si a natureza e a arte
 Dando as mãos em seus dons, em seus lavôres
 Jamais soube imitar no todo ou parte ;

Mulher celeste, oh ! anjo de primores !
Quem póde vêr-te, sem deixar de amar-te ? !
Quem pode amar-te, sem morrer de amores ? !

UM SONHO

Ella foi-se ! E com ella foi minh'alma
N'aza veloz da brisa sussurrante
Que, ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vae distante !

Voava a briza, no atrevido rapto
Frisava do Oceano a face lisa :
Eu que a brisa acalmar tentava insano,
Com meus suspiros alentava a brisa !

No horizonte esconder-se annuviado
Eu a vi ; e dois pontos luminosos
Apenas onde ella ia me mostravam :
Eram elles seus olhos lacrimosos !

Pouco e pouco empanou-se a luz confusa,
Que me sorria lá dos olhos seus ;
E d'além ondulado uma aura amiga
Aos meus ouvidos repetio—adeus !

Nada mais via, nem sequer um raio
Pulgir a furto de esperança bella :
Mas meus olhos illusos descobriam
Numa amavel visão a imagem d'ella.

Esvaio-se a visão qual nuvem aurea
Ao bafejar de vespertina aragem :
Si aos olhos eu perdia a imagem sua,
No meu peito eu achava a sua imagem.

Ella foi-se ! E com ella foi minh'alma
N'aza veloz da brisa sussurrante,
Que, ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vae distante !

UM VOTO

Si eu fôra a flôr querida, a flôr mais bella
De quantas brilham no matiz, na gala :
Si o meu perfume fôra mais suave
Que esse que a rosa no Oriente exhala ;

Si em volta a mim os zephiros traidores,
Sussurrando, viessem bafejar-me,
E com molles blandicias, brandos mimos,
Tentassem de minh'haste arrebatá-me ;

Si o vario beija-flôr tam feiticeiro,
 Desprezando uma a uma as demais flôres,
 Em meu virginio, delicado seio
 Depuzesse seus beijos, seus amores,

Num vaso de esmeralda eu não quizera
 Os aposentos decorar brilhantes
 Do soberbo nababo de Golconda,
 Que pisa per'las, topa diamantes.

Tam pouco eu cubicara ornar o seio
 D'essa joven britannica princeza ;
 Em quem o briho do diadema augusto
 Luz menos que os encantos da belleza.

Pousar, Senhora, fôra o meu desejo
 Em vossa fronte tam serena e bella,
 E fazer que, em seu vôo, o tempo rapido
 A aza impura não ouse roçar nella,

Como um raio de vossa formosura
 Reflectiria em mim seu fogo santo !
 Como a fragancia dos cabellos vossos
 Déra á minha fragancia novo encanto !

Ahi, como vaidosa, eu ostentára
 Todo o meu esplendor. E qual rainha
 Num throno d'euro ousára disputar-me
 Minh'alta condição e a gloria minh'a?

Mas já que a flôr não sou appetecida
 (Que o não consentem fados meus adversos)
 Não recuseis, Senhora, a flôr silvestre
 Que o bardo vosso off'rece nestes versos.

ODE

Ao nascerdes, Senhora, um astro novo
 Vos inundou de luz, que inda hoje ensina,
 No fogo d'esses vossos olhos bellos
 Vossa origem divina.

O ar que respirastes sobre a terra,
 Foi um sopro de Deus embalsamado
 Entre as flôres gentis que vos ornavam
 O berço abençoado.

Ao vêr-vos, sua igual no empyreo, os anjos
 Hymnos de amor cantaram nesse dia;
 E o que se escuta, si falaes, é o echo
 Da angelica harmonia.

Gerada para o céo, que o céo somente
Da criação a pompa e o brilho encerra
Das mãos do Creador vos escapastes,
Cahistes cá na terra.

Um anjo vos seguio para guardar-vos ;
E quaes gemeos um no outro retratado,
Quem póde distinguir o anjo que guarda
Do anjo que é guardado ?

Si um raio do céo arde perenne
Sem que o tempo lhe apague o fulgor santo !
Por isso os vossos dons são sempre os mesmos,
O mesmo o vosso encanto.

Em vós é tudo eterno. E si na frente
(Tam bella sempre em tempos tam diversos !)
Uma c'rôa murchar-vos, é de certo
A c'rôa de meus versos.

Dos meus versos ! Ah ! Não ! Que inextinguivel
E' o incenso queimado á divindade :
E o canto que inspiraes, vos dá, Senhora,
Vossa immortalidade.

ODE

Vê o cysne no lago a sua imagem,
Na propria luz debuxa-se o relampago,
No Oceano o Céu se vê, Deus no universo
E no porvir o homem.

No porvir ! Desmaiado e frio interprete,
Espelho baço qual do norte a lympha,
E seu prisma e fulgor que importa ao vate
Si a morte é sem reflexo ?

Mas num peito sensivel contemplar-te,
Nuns castos olhos, que a affeição accende,
A furto descobrir o olhar amante,
Como a noite uma estrella;

Dizer : no meio das humanas lides
Ha um ponto de luz no immenso espaço,
Onde contra a calumnia, a inveja e a sanha
Tem meu nome um abrigo !

Minha lyra num peito vibra ao menos,
Que os meus ais como o Céu mudos entende,
Onde a minha voz vôa e a alma se expande,
Ah ! do bardo eis o premio,

Embora o canto meu no olvido expire,
 Tu és o asylo meu, a gloria minha !
 Viver mesmo ignorado nos teus sonhos,
 Ter um echo em tua alma...

Discreta testemunha do teu pranto,
 Sentir-te os ais no peito encarcerados ;
 Nas tuas emoções fiel ter parte,
 Ser chamado em teus labios...

De dia na soidão seguir-te os passos,
 De noite vigiar-te á luz da lampada,
 Ser quem amas e a sombra com que sonhas
 Eis minha eternidade !

Aqui devíamos ficar e dizer: ahí tendes o poeta Maciel Monteiro, que, á semelhança de Anacreonte, exaltou immenso a mulher, a fez o idolo de sua lyra... julgae-o!.. dizei-nos se não é merecedor do nosso amor, se cantou o lado erotico da vida--o sensualismo das Lesbias, das Corynnas, das Servilias, das Tulliolas !

Além do mais, é mister não olvidar haver sido o Poeta pernambucano--vivo hoje nesta contemplação centenaria--o introductor do *lyrismo* entre nós, e não Magalhães com os *Suspiros Poeticos*, como querem alguns--asserção essa de Sylvio Romero quando provou ter Elle chegado no Brazil antes do Visconde de Araguaya, « assistido ás mutações litterarias operadas na França durante o terceiro decennio do seculo passado, e, sobretudo, pela natureza de seu talento e indole do seu estylo.»

Não ha um estudo acabado sobre Maciel Monteiro--na velha heraldica nacional conhecido por Barão de Itamaracá!...

Os esforços de Julio Pires--merecedores de todos os elogios--não attingiram o fim desejado ; resta-nos a esperança depositada em Joaquim Nabuco e Regueira Costa--que têm Maciel Monteiro como patrono--o primeiro na *Academia de Letras Brasileira* e o segundo na *Academia de Letras de Pernambuco*.

Depois de incendiada Coryntho, por Mummio, correu liquefeito pelas ruas daquella cidade todo o ouro, toda a prata, todo o bronze das suas estatuas, e, da junção destes metaes ligados depois do resfrio, produziu-se o decantado *bronze de Coryntho* !

Aos dois pernambucanos a que nos referimos compete juntar as producções esparsas de Maciel Monteiro--o *resto* em summa do que ficou da destruição do tempo--enfeixar bem peça por peça, juntar muito phrase por phrase, amarrar demais letra por letra, e depois dê assim trabalharem com effusão de almas cheias de Amor--exclamar para a Posteridade : destrui este Bronze !

Então... teremos o cantor de Lilia no esplendor de sua Gloria ! Elle que só adorou a Gloria porque, como o Presbytero de Carteia --o *cavalleiro negro*--achava que o motivo immenso, irresistivel das ambições de poder, de opulencia, de renome,--era um só--a Mulher !

Então... teremos o cantor de Lilia revivido--«com o seu porte nobre de elegante dos salões, a intonação sonora de sua voz, a exuberancia de pensamento, a phrase imaginosa, a omnipotencia da tribuna, o poeta amado de todas as mcças e adorado de todas as velhas--aviventando destas o passado e daquellas illuminando o futuro, o beija-flôr que ora osculava a rosa, ora a magnolia, ora a violeta, ora o jasmim, o desejado que passou a vida como Garrett entre as bellas e como Demosthenes nos comicios nacionaes»--segundo o retrato d'Elle, trabalhado por Eunapio Deiró.

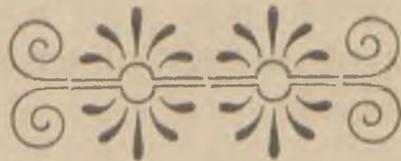
.....

Si o nosso Amor tivesse a magia de resuscitar a sua personalidade literaria, si o nosso credo de civismo rezado sempre, de joelhos, no templo da Patria, invocar pudesse a sua imagem, certo, Ella pairaria nesta solemnidade enchendo-a de luz, de harmonia, de perfume!

O que não podemos fazer, póde o vosso Amor talvez maior do que o nosso.

Resuscitae-o !...

ARTHUR MUNIZ.



Poema sombrio

(Para o Luiz Estevam)

Ardo, sangro a traçar este tragico poema,
Que a intermina tortura acerrima resume ;
N'elle palpita a dor, germinam o odio e o ciume
E toda esta alma anceia e em colera blasphema.

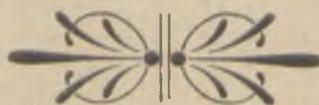
Tu não te importas mais que esta dor se avolume,
Nem que o meu peito sangue e que minh'alma gema ;
Pois a crueldade atroz que é teu negro dilemma
Giganteas proporções cada vez mais assume.

.

Alma ! faze-te forte ante a dor que te opprime,
Reage—lucta em vão pelo idéal sublime,
Que é teu martyrio de hoje e o teu sonho d'outr'ora.

Ah ! já me foge a crença e me invade o cansaço
—Corvo sinistro e atroz que me persegue o passo ! . . .
—Diabolica vizão que immenso me apavora ! . . .

CARLOS PONTES.



O Genio

Sobre um novo modo de conceber a Etio-megalanthropogenia

III

A conclusão que deixamos claramente enunciada de modo a não offerecer flanco á censura de obscuridade, é uma consequencia fatal e inevitavel dos factos que nós colligimos, homologados, todos, pela experiencia constante e assidua e assellados pelas renitentes e constantes observações dos scientists.

Vimos, gradativamente, o intellecto elevar-se desde as suas mais simples e normaes manifestações até uma potencialidade superior de energias mentaes, resultante de anomalias organicas reflectindo-se com mais ou menos intensidade sobre o desenvolvimento da vida psychica.

Vimos, primeiro, como um simples accesso febril pode determinar uma hyperactividade cerebral, um maior desenvolvimento das forças intellectivas, fazendo irromper no campo da *psyché* normal e ordinaria uma idéa extraordinaria, uma intuição genial: tal o celebre caso, aparentemente milagrôso, em que foi actor o conspicuo naturalista britannico RUSSEL WALLACE.

Depois, tivemos ensejo de accentuar que molestias na medulla podiam acarretar o apparecimento da *hypermnesia* ou exaltação da memoria, consoante observações fidedignas relatadas por todos os psychologos que se dignaram de estudar os phenomenos mnemonicos em quaesquer de seus multiplos e variados aspectos.

Em seguida, deparamos, maravilhados, com os factos extraordinarios segundo os quaes traumatismos na cabeça, feridas no craneo eram capazes de occasio-

nar um excesso de actividade psychica, elevando a vida cognicional do individuo affectado acima do nivel commum da vulgaridade dos cerebros ordinarios e normaes. E estes factos, como assignalamos de passagem, receberam ainda uma contraprova nas observações realizadas por um grande numero de anthropologistas que foram, irreverentemente, surprender em todos os cerebros de homens eminentes e elevados lesões pathologicas desenvolvendo-se, parallelamente, com a funcionalidade transcendente de sua vida psychica.

Sendo assim, se o cerebro não é mais do que um orgam extremamente delicado e sensivel ao menor choque do exterior, respondendo e reflectindo qualquer excitação externa, capaz de imprimir uma orientação totalmente diversa á vida psycho-intellectual, conforme sejam os seus elementos cellulares agitados por uma vibração extranha e fóra do commum, não nos foi difficil abordar a conclusão acima firmada—de que o **genio é realmente o resultado de um trauma-tismo cerebral intra ou extra-uterino**, traumatismo susceptivel de agitar, visceralmente, o orgam do pensamento em seus mais intimos e reconditos elementos.

Não vejo impossibilidade alguma n'este meu modo de pensar, nem creio que os factos abram margem a outras conclusões.

Já M. GUYAU, o cerebro mais bem equilibrado e comprehensivo da derradeira geração de pensadores da França contemporanea, morto á flôr da vida e do pensamento (aos 33 annos), em sua *Arte sob o ponto de vista sociologico*, livro que, no dizer de BOIRAC, viu abrir um novo periodo na historia da esthetica—*a esthetica fundada sobre o principio da sympathia social*, referindo-se ao genio que elle qualifica de «*potencia de sociabilidade*», deixa escapar a sua opinião sobre a etiologia da genialidade. «A apparição do genio, ensina o poetico e profundo pensador francez, é devido ao *encontro feliz* d'uma multidão de cousas na geração mesma, no desenvolvimento do embryão». (1) E' o *accidente feliz* de DARWIN.

« Segundo a nossa opinião, prosegue o genial au-

(1) *L'art au point de vue sociologique*, 5ème édition, Paris, 1901, pag. 31.

ctor da *Irreligião do futuro*, o genio é uma modificação accidental das faculdades e de seus orgams n'um sentido favoravel á novidade e á invenção de cousas novas; uma vez produzido este accidente feliz não dá logar a uma transmissão hereditaria e physica, mas introduz, no mundo das idéas ou dos sentimentos, typos novos». (2)

Eis ahi uma these que valeria a GUYAU o trabalho de discutil-a : elle, entretanto, assim não fez: limitou-se a formulal-a e esqueceu-se de nos informar como se produzia essa modificação accidental nas faculdades e nos orgams e que circumstancias determinavam o accidente feliz.

Foram, justamente, estes elementos determinantes do apparecimento do genio, ausentes no livro de GUYAU, que nos despertaram a curiosidade já aguçada por meditações anteriores e que nos levaram a estabelecer, com o auxilio de provas irrefutaveis, a formula, acima transcripta, do *genio producto de um traumatismo cerebral intra ou extra-uterino*.

A difficuldade que se nos depara na explanação do assumpto que vimos discutindo, é a da sua verificação experimental. A biographia circumstanciada das mulheres que embalaram em seu seio as grandes cabeças da humanidade, o conjuncto de observaçõesmeticulosas referentes ás circumstancias mais importantes occorridas no periodo melindroso da gestação, o estudo acurado da vida intima e dos primeiros dias dos grandes homens, eis os meios de fazer projectar um foco intensissimo de luz sobre os pontos mais obscuros e duvidosos de minha these.

Entretanto, encontramos, por outro lado, elementos de defeza nos principios assentados pela pathologia mental e pela physiologia cerebral.

E' sabido que a toda manifestação cerebral physiologica ou pathologica corresponde, invariavelmente, um determinado estado molecular : na actividade sensitiva, r. g. os elementos cerebraes e as associações dynamicas que elles originam hão de, forçosamente, possuir uma vibratilidade especial, um *modus* de agir differente do complexo de effeitos que acompanha a marcha da vida intellectual.

E' claro que os elementos que servem de *substra-*

(2) *Op. cit.*, pag. 31.

ctum a estes diversos estados psychicos devem portar-se, differentemente, de accordo com as suas faculdades proprias, etc. A imaginação, a razão, as faculdades de abstracção no seu mais elevado grau, a potencia da vontade, o imperio das paixões, tudo isto deve ser determinado por uma certa maneira de agir dos elementos cellulares, por uma vibração peculiar a cada um d'elles.

O mais insignificante desvio na posição de um elemento celular, o mais insignificante afastamento de sua direcção, a mais pequena alteração no seu modo proprio e constante de funcionar repercute sobre toda a actividade mental.

A fantasia contem-se dentro de certos limites ou desborda os lindes tanchados pela razão conforme as vibrações especiaes das cellulas cerebraes: a memoria será mais ou menos intensa conforme as cellulas que armazenam as sensações, as imagens, etc. funcionam normalmente ou, por qualquer anomalia ou lesão de qualquer especie, ellas deixam de agir como de ordinario. E' conhecido o facto de uma operação de trepano *v. g.* determinar os mais curiosos phenomenos de amnesia.

Em ultima analyse, a vida psychica do homem é de uma instabilidade sorprendente, capaz de alterar-se e modificar-se em seguida a irregularidades que, á primeira vista, pareceriam insignificantes e incapazes de produzir qualquer effeito obnoxio ao livre desenvolvimento da actividade mental.

Um traumatismo, uma pancada na cabeça, um accidente qualquer realizado nos recintos mysteriosos e inabordaveis da vida uterina, bastariam para modificar completamente um cerebro e trasmudar um mediocre ou um imbecil em um homem superior, d'estes que tudo sabem e tudo adivinham á luz esclarecedora de sua vasta e possante mentalidade.

E a nossa opinião não é mais do que uma inferencia logica do que já deixamos dito: se é um facto sobre o qual não pode pairar a menor sombra de duvida, que um traumatismo na cabeça determina um excesso de actividade nervosa, por que razão este phenomeno constatado na vida real não pode operar-se durante a vida fetal, no momento em que o fructo da concepção, em

virtude da conformação dos órgãos genitales da mulher, está mais sujeito a accidentes ?

Mas redarguir-se-nos-á : ha homens de genio, espiritos reconhecidamente superiores nos quaes não se pode reconhecer vestigios de nenhuma psycho-nevrose : o seu cerebro é normal,

Isto não prova contra a nossa these : apenas, faz resaltar a impotencia de nossos processos de verificação. Poderíamos, ainda, accrescentar : entre os cerebros dos homens de genio e os cerebros de homens normaes ou mesmo de loucos e degenerados inferiores encontram-se, algumas vezes, muitas semelhanças e analogias. Entretanto, que distancia incalculavel não separa estes cerebros sob o ponto de vista de suas manifestações e faculdades !

E' que as modificações estructuraes das cellulas e os phenomenos correlativos d'essas modificações nos são inteiramente desconhecidos.

As opiniões que procuram ver a actividade nervosa marchando de parilha com o peso ou o volume do cerebro não são, actualmente, dignas de estudo sério. LEBUT, BASTIAN, BROCA, TOPINARD, encontraram cerebros de idiotas cujo peso correspondia exactamente ao dos cerebros de z.g. Von Dollinger (1207 grammas), do chimico Lisbig (1352) do physiologista e anatomista Tiedmann (1254), de Gambetta (1246), etc.

Se pudessemos estudar os elementos cellulares e suas multiplas modificações correspondentes aos infinitos e variados estados de consciencia, a nossa these se illuminaria de uma nova e desconhecida luz. E, quem sabe ? a megalanthropogenesisia seria talvez uma sciencia exacta. C que é verdade é que, se pudessemos localizar as funções do espirito, o que, segundo CH. RICHER, (3) pouco tardará, o nosso problema estaria *ipso facto* resolvido e o nosso ponto de vista victorioso.

O que podemos, com segurança, affirmar é que uma certa alteração nos elementos anatomicos do cerebro, ou no seu modo de vibrar, ou na sua direcção, etc., correspondem a uma hyper ou hypoactividade dos centros nervosos, desde o fraccionamento e eliminação de uma consciencia completa e inteiriça até a formação

(3) *L'avenir de la Psychologie*, por CHARLES RICHER, *Revue Scientifique* Septembre, 1892.

de uma nova vida cerebral em individuos que até então eram d'ella desprovidos ou a possuíam n'uma escala fraquissima.

E' por isto que pensamos que os traumatismos cerebraes, intra ou extra uterinos, determinando ora, lesões ao alcance de nossos processos de investigação, ora, alterações que nos passam, inteiramente, despercebidas, são a causa unica da formação da genialidade.

A não ser d'este modo, estou d'isto convencido, não se pode comprehender a etio-megalantropogenia. A natureza age cegamente, de um modo irreflexivo e brutal : ella não tem consciencia de seus processos. (+)

PASCAL, mathematico aos 11 annos, MOZART, compondo aos 5, DANTE, adorando em versos a sua BEATRIZ aos 11, MEYERBEER, pianista aos 11, MIRABEAU, orando aos 3, BEETHOVEN, compondo sonatas aos 13, sem fallarmos em PICO DE LA MIRANDOLA, poeta aos 10 annos, HUGO compondo Irtamène aos 15, METASTASIO, improvisador admiravel aos 10, e outros exemplos analogos que poderiam ser accrescidos consideravelmente por observações diversas, attestam, flagrantemente, quanto é caprichosa, na realidade, a natureza, e quanto é arbitrario o apparecimento da genialidade.

Como quer que seja, capricho ou acaso, irreflexão ou inconsciencia, dedo da Providencia ou pata da Natureza, o que é verdade é que o genio é o verdadeiro propulsor da humanidade em demanda de mundos mais felizes de regiões em que mais livre se espanceje o insaciado espirito do homem.

Capricho divino que fez declamar L. BOUILHET, n'uma intuição prophetica e genial :

Envoi du ciel ou present du hasard
Le génie est sans père et le talent bâtard.

A.-G. ARAUJO JORGE.

(4) Sentimos extraordinariamente não possuir a obra em que os eminentes N. VASCHIDE e CL. VURPAS (*La Logique morbide*, I; *L'analyse mentale*, Paris, 1903) promettem estudar os delirantes, procurando aquilatar o valor qualitativo e quantitativo dos processos psychicos dos diversos sujeitos.



Carneiro da Cunha

Filho legitimo do coronel Marianno Xavier Carneiro da Cunha e de D. Ursula de Siqueira Carneiro da Cunha, ambos fallecidos, o Dr. Antonio de Siqueira Carneiro da Cunha nasceu neste Estado aos 27 de Fevereiro de 1857.

Dedicando-se á carreira de Galeno, bem moço conquistou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o diploma de doutor em sciencias medicas, depois de brilhante tirocinio que lhe valeu ter sido approvado com distincção em todos os annos do curso e na defesa de these que versou sobre—AUTONOMIA DA CELLULA, curioso thema em que poude, á vontade, mostrar os dotes de seu espirito culto.

Uma vez formado (Novembro de 1878), procurou para exercer sua actividade a sua terra natal.

Graças á nomeada de que vinha precedido e á sua physionomia captivante e expansiva, onde se lia impresso o seu bello talento e se ostentava a sua bondade sem limites, a Carneiro da Cunha facil foi, em breve, conquistar entre os clinicos do Recife o logar saliente que lhe competia e que conservou emquanto aqui residiu.

D'elle diz o illustrado Dr. Octavio de Freitas no seu interessante livro OS NOSSOS MEDICOS E A NOSSA MEDICINA que « marcou « epocha na vida clinica do Recife; suas opiniões, aventadas sobre « qualquer assumpto attinente ás sciencias por elle professadas, « tornavam-se evangelhos para muitos que o seguiam cegamente, « devotadamente. De um tino medico admiravel, possui lor de um « invejavel talento e com uma educação scientifica de primeira ordem, elle estava talhado, de ha muito, para attingir aos mais altos cimos de nossa Medicina. »

A 28 de Julho de 1880 uniu o seu destino ao da Exma. Sra. D. Maria Adelaide de Siqueira Carneiro da Cunha, tendo tido de seu consorcio 3 filhos, um dos quaes—uma gentilissima menina que, na florida primavera de sua existencia, evolou-se, voluntariamente, da terra para a mansão em que habitamos anjos como ella.

O grande desgosto motivado pelo triste acontecimento que lhe feriu, de morte, o coração amantissimo de pae extremoso foi, talvez, a determinante de sua retirada para a cidade do Rio de Janeiro, deixando aqui amigos a quem muito queria e que sentem a falta do medico de confiança e do amigo de eleição.

Membro da extincta « Associação Medico-pharmaceutica » e posteriormente da « Sociedade de Medicina » a ellas apresentou diversas memorias entre as quaes se destacam UM CASO ANOMALO DE ESCARLATINA COM SYMPTOMAS PROPRIOS DO TETANO ESPONTANEO, SYPHILIS CEREBRAL, NOS VELHOS E FEBRE AMARELLA.

Nomeado em 1901, por occasião da reforma do ensino superior, feita por Benjamin Constant, lente da cadeira de Hygiene Publica da nossa Faculdade, suas prelecções foram muito apreciadas e applaudidas pelos seus discipulos, pois ellas feitas em tom de despretençiosa palestra, se revestiam de muita clareza e explanavam, a mais não desejar, a materia em discussão,

Commissionado pela Congregação de seus pares, para ir a Europa visitar os institutos mais importantes em que se estuda hygiene, Carneiro da Cunha, de volta, apresentou um bem elaborado relatorio que lhe valeu os mais francos encomios.

Contribuiu para a Revista da Faculdade de Direito com um trabalho sobre a INVOLUÇÃO SENIL e para os Annaes da Sociedade de Medicina com um estudo sobre a PSEUDO-TUBERCULOSE SYPHILITICA.

Alem d'isso ha diversos trabalhos seus na imprensa diaria, salientando-se os artigos que, com os pseudonymos de Hungar e Beslier, publicou por occasião da conhecida polemica entre Tobias Barretto e José Hygino e nos quaes Carneiro da Cunha se poz francamente ao lado de José Hygino.

Eis os pontos capitaes da vida de Carneiro da Cunha que conta em cada pessoa que d'elle se approxima um amigo e um admirador pela sua proverbial bondade e reconhecido talento servido por notavel illustração.

Credores no inventario

Creditor appellatione non hi tantum accipiuntur quia pecuniam crediderunt, sed omnes quibus ex aliqua causa debetur. *L. 11, ff. de Verb. sign.*

Todo o processo divisorio *familiae eriscunda* ou acção de partilha de herança, eis a mais ampla comprehensão de inventario, no qual « é pedido o que é nosso, separando e dividindo o *meu* do *teu*, para se dar a cada um o que é *seu* sem lesão de terceiro » como se exprime MENEZES no seu *Juizos Divisorios*.

Os credores, como todos os interessados, têm o direito de pedir que seja partido tudo o que possuía o *de cujus* ao tempo de sua morte, e cuja posse é mantida ao cabeça do casal ou inventariante até a effectuação da partilha. Esta acção compete não só aos credores da massa como também aos credores pessoaes do herdeiro, que podem accional-o por seu quinhão; e também se faz *ex officio judicis* havendo menores e interdictos, ou sendo a Fazenda interessada.

E' desnecessaria a citação dos credores para a marcha do inventario, muito embora por Direito romano fosse indispensavel esta citação, visto como eram interessados na herança. Mas os credores, diz PEREIRA DE CARVALHO, teem o seu direito reservado; e nem a occultação de bens, nem a sua diminuta avaliação lhes prejudica.

Os credores reduzem a herança ao restante depois de deduzido o que lhes compete; pelo que, a par de todos os bens e dividas activas arroladas pelo inventariante, são descriptas as dividas passivas em virtude do que preceitúa a Ord. 4, 88, § 4.º.

Dividas passivas podem ter deixado de figurar na

descrição dos bens, e por isso não estão tolhidos os credores de seus direitos, de intentar suas acções contra os herdeiros.

Para que sejam attendidas as dividas no inventario, devem ser justificadas ou por instrumentos publicos e escriptos particulares que tenham a mesma força, ou por testemunhas, perante o juiz do inventario, citados os interessados. A prova de testemunhas é admittida somente como prova total nos contractos cuja importancia não excede de quatro centos mil réis, de accordo com o nosso Cod. Commercial, art. 123 e Regulamento 737, art. 182, § 1.º. Entretanto, como prova complementar é admittida nos contractos que versarem sobre quantia superior, bastando que haja começo de prova por escripto. E' o caso em que o escripto de contracto, authenticico ou particular, deixando de ser expresso sobre alguma de suas condições como a de preço, logar, tempo etc., essas condições podem ser provadas por depoimento de testemunhas e o contracto fica com existencia legal. E' a doutrina do grande jurisconsulto francez POTHIER esposada por nosso direito.

Nada tendo que oppôr os herdeiros e o curador geral, para o que serão ouvidos, podem ser pagas por autorização do juiz ou durante o inventario ou mandando-se separar bens, as dividas que forem liquidas e certas que «são aquellas, como diz CLOVIS BEVILAQUA, de corpo certo, de quantidade fixa, de somma determinada», como as que constam de escripturas, instrumentos equipolentes e outras a que se refere o Regul. 737; as que são assim consideradas pela lei n. 859 de 16 de Agosto de 1902, art. 2.º (lei de fallencias) e os instrumentos particulares de obrigações e compromissos quando escriptos e assignados pelo proprio punho de pessoas habilitadas para os actos da vida civil, com duas testemunhas, exceptuados os casos enumerados por TEIXEIRA DE FREITAS, na *Consolidação*, art. 136, em que a escriptura publica é da substancia dos contractos; sendo ainda necessario para sua completa firמידão e para valer contra terceiros o reconhecimento das firmas, o registro em notas do tabellião. (Lei n. 79 de 23 de Agosto de 1892, art. 3.º, para cujos effeitos foi creado o Registro facultativo de titulos, documentos etc pela lei n. 973 de 2 de Janeiro de 1903).

Basta um herdeiro ou curador impugnar a divida, ainda mesmo que todos os outros interessados a reconheçam expressamente e em cuja solução concordem, para que o Juiz desattenda o pedido todas as vezes que o esclarecimento do direito exigir discussão ; o que é firmado no seguinte principio:--*Quod omnes tangit ab omnibus approbari debet*—o que toca a todos por todos deve ser approved. As dividas contestadas serão apreciadas e discutidas nas vias ordinarias.

Convindo aos credores receber em pagamento os bens separados na partilha, para esta *datio in solutum* é necessario que consintam todos os herdeiros na adjudicação que é, como se exprime PEREIRA E SOUZA, a assignação dos bens do devedor feita judicialmente ao credor por justo preço em pagamento da sua divida (Primeiras Linhas, § 135). Baseia-se a necessidade desse consentimento de todos os herdeiros para a adjudicação, em que, pelo Alvará de 9 de Novembro de 1754, desde o momento da morte do *de cujus* a sua posse civil passa para os herdeiros legitimos com todos os effeitos da posse natural, sem que para isso haja necessidade de acto algum, o que foi modernamente ampliado, attingindo a posse da universalidade da herança aos herdeiros de qualquer categoria. E' imprescindivel, pois, que todos os herdeiros demittam de si o dominio que tem para que se adjudiquem aos credores os bens que couberem na partilha em pagamento, o que fazem por um termo nos autos que todos os interessados assignam.

Não convindo aos credores receber os bens partilhados mediante adjudicação, serão estes vendidos em hasta publica. O que sobrar da arrematação pertence aos respectivos herdeiros ; e, não chegando o producto liquido para o pagamento da divida, serão responsaveis os herdeiros pelo restante, cada um segundo sua quota.

Pode dar-se o caso de serem insufficientes os bens para a solução integral da divida; nestas condições tem lugar, como ensina LAFAYETTE, o rateio entre os credores na proporção do credito de cada um quando não seja aventada a preferencia, isto é, o direito que tem certos creditos, como os garantidos por hypotheca, de serem pagos a despeito de outros que não gosam deste privilegio, como os que são simples ou

chirographos. Contudo gosam de todo o privilegio as despezas de funeral e as que se fizerem com as molestias de que falleceu o inventariado.

Os prejudicados na deliberação da partilha dos bens podem recorrer aggravando do despacho que a delibera pelo que é intimado aos interessados, e somente procede-se a ella depois de ter passado o termo dentro do qual podiam usar do recurso.

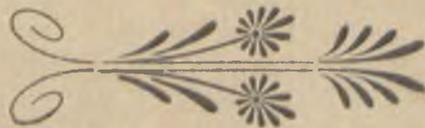
Os credores, se soffrerem a lesão da sexta parte na partilha depois de julgada por sentença, podem pedir a emenda por via de embargos, appellação, ou acção ordinaria ; esta dentro d'um anno, diz COELHO DA ROCHA, contado do dia em que o prejudicado foi scienciado. (Institutas, § 175).

Aos credores da herança cabe tambem o direito de propor contra o inventariante a acção de sonogados, pois que tambem soffrem prejuizos pela occultação dos bens, quando estes não chegam para pagamento de suas dividas. Provada com effeito a occultação criminosa, fica o inventariante obrigado ao dobro d'aquillo que occultou.

E o que ali fica são simples notas tomadas sobre o assumpto que procurei apenas tratar assim em bloco.

Ceará - Barbalha.

SORIANO DE ALBUQUERQUE.



A questão da mulher

SOBRE a natureza da mulher duas opiniões correm paralelas: uma que considera a mulher um ser inferior ao homem, outra que a colloca no mesmo pé de egualdade.

A primeira é a theoria tradicional, defendida pelos partidarios do *statu quo*, principalmente theologos, juristas e alguns scientistas, levados por uma falsa interpretação de factos.

Se o *consensus* universal fosse uma prova seria, diz o dr. H. Thulié, estaria fóra de questão a inferioridade da mulher: quer as legislações, quer as religiões assignaram sempre uma posição inferior á companheira do homem.

Ao lado dos fanaticos da hierarchia estão os feticistas da egualdade. Mas as duas opiniões se equivalem, porque não se podem comparar senão valores semelhantes, e os dois sexos são differentes por sua propria natureza, quer dizer, as differenças são inherentes á sua propria organização.

Condorcet e S. Mill, os dois mais sinceros campeões dos direitos da mulher, fazem romantismo, arrastados como foram pela allucinação individual, fazendo abstracção de todas as circumstancias e contingencias da vida, e não correspondendo,

portanto, seus argumentos á realidade dos factos. E' o lado romantico da questãõ, parecendo os paladinos do feminismo vermes enamorados de estrellas.

Mas, a questãõ não é de hierarchia nem de igualdade, pois não sabemos como estabelecer comparação entre o facto de produzir um discurso da corõa e o de trazer no ventre o embryão de um futuro homem de genio.

Mais se elevam as sociedades na escala da civilização, mais se accentuam os caracteres differenciaes de um e outro sexo; e mais se observam os factos, quer no espaço quer no tempo, mais se constata a impossibilidade de estabelecer comparação entre elles, tendo cada um, como tem, missãõ especial e organização adaptada a esta missãõ.

Homem e mulher são naturezas indispensaveis, reciprocamente necessarias uma a outra. Cada sexo é complemento do outro, porque cada um delles possui funcções especiaes, cuja união intima e solidaria constitue a unidade humana, o par, que é o ser eminentemente social.

A questãõ, portanto, é determinar a posição que o homem e a mulher devem occupar na sociedade, de accordo com o determinismo social em sua integridade e não satisfazer-se sómente com a histologia da alma, com a psychologia dos sexos, conforme pretendem alguns, porquanto a psychologia deve ser o coroamento da sociologia e não seu ponto de partida.

Impossivel de resolver o problema dos direitos civis e politicos da mulher com os chavões até hoje empregados, sobresahindo entre estes a tão velha e gasta chapa da falta de exercicio cerebral por parte das mulheres.

Esta falta de exercicio não se tem dado senão em virtude do papel, que parece destinado á mulher pela propria natureza das coisas.

«O que foi decidido entre os protozoarios pre-historicos, já disse alguém, não póde ser annullado por um acto do parlamento. Durante nove mezes a mulher traz em seu seio o feto, durante um anno mais ou menos nutre com seu leite o producto de suas entranhas, por muito tempo o cerca de carinhos e cuidados, que absorvem toda a sua actividade. Póde ser isto uma iniquidade, mas está escripto nos destinos da natureza humana. Perpetuar a especie, melhora-a sob o ponto de vista physico e intellectual, é a grande funcção da humanidade, e tanto o homem como a mulher devem concorrer igualmente para este resultado, segundo os meios, de que cada um dispõe».

A civilização não apagará distincções que existem *ab ovo*, muito embora esta mesma civilização tenha elaborado uma mulher moderna bem diferente da dos tempos primitivos e paizes barbaros.

A mulher que pretendesse não se occupar senão de si, de seu bem estar, de suas glorias, de seus triumphos, sem practicar o sacrificio da maternidade, não poderia fazel-o sem decahir de suas funcções, sem renunciar o papel humano, que a propria natureza das coisas lhe designou no seio da sociedade.

A' opposição e ao mesmo tempo harmonia dos sexos deve a sociedade o cyclo de sua evolução. E' ir de encontro á evolução humana pretender assimilar os sexos ou estabelecer a superioridade de um sobre o outro.

«Os dois sexos, escreve Alfredo Fouillée, em sua

diversidade necessaria, se valem um ao outro. As combinações novas, as selecções de todas as especies, as variações e os progressos foram introduzidos pela separação dos sexos. Se as letras do alfabeto se reproduzissem por simples divisões *a* produziria *a a*, *b* produziria *b b*, mas sem casamentos de letras jamais se obteria a *Iliada* ou a *Odyssea*. »

Todo erro na questão da mulher tem sido querer resolvel-a pelo lado puramente individual, psychologico, deixando de parte as condições da vida social.

Felizmente este velho ponto de vista vai sendo abandonado, depois que o eminente philosopho francez A. Comte estabeleceu que o espirito humano não se desenvolve senão pela sociedade, o que importa dizer que todo o individuo humano, moral e intellectual, não é senão um producto da sociedade; e acreditamos que o problema já estaria muito mais proximo de sua solução, se Stuart Mill não voltasse ao periodo pre-sociologico, deslocando de novo a questão. Por sua vez o grande Herbert Spencer, buscando a explicação dos phenomenos mentaes na natureza do individuo, baseando a sociologia sobre a psychologia, derivando o phenomeno social do phenomeno psychico, como o phenomeno psychico do phenomeno physiologico, veio completar a confusão, que se fez na maioria dos espiritos.

Durkheim distingue tres especies de ambientes para o homem: physico, organico e social. Mas o organico não é senão uma resultante dos outros dois. Todo interesse, portanto, versa sobre o meio physico e social.

Porém o meio physico, relativamente ao meio social, é, por assim dizer, fixo no curso da historia, enquanto o meio social se caracteriza por uma incessante instabilidade. O meio physico permanece o mesmo durante uma infinidade de gerações, ao passo que o meio social varia de geração a geração.

Deste modo se comprehende a mulher americana com sua physionomia propria, característica, como um producto do ambiente social da grande Republica. E' o resultado de uma civilização nova, a qual devia influir sobre a condição da mulher não menos que sobre a do homem.

A população dos Estados Unidos, compondo uma civilização inteiramente sua, modelou a mulher á sua imagem.

Por ali se explica a conducta da mulher americana, despedaçando todas as cadeias e convenções tradicionaes impostas ao seu sexo, não obstante individualmente o *yankee* lastime saudoso o predominio que lhe foga das mãos.

Na historia das relações entre os dois sexos da raça humana se distinguem tres epochas bem distinctas e caracterizadas: na primeira reina a força muscular, a mulher é besta de carga ou escrava, desempenhando a função economica de instrumento de trabalho; na segunda impera o erotismo sob a fórmula mundana de Messalina ou mystica de Santa Thereza, sendo a mulher, do ponto de vista economico, uma verdadeira machina de gastar dinheiro; na terceira o instincto, que caracteriza os animaes e os selvagens, cede o logar á reflexão.

A razão se substitue á paixão. Como consequencia do augmento da sociedade em volume, em densidade, em complexidade, em mobilidade, surge

um determinismo novo, que impõe ao homem e á mulher novas responsabilidades.

O individuo, tornando-se cada vez mais reflectido, é cada vez mais determinado em seus actos pela razão, filha do desenvolvimento social.

Já não ha terras desconhecidas para descobrir. As nações abrem seus portos e fronteiras ao commercio internacional, e os povos estreitam cada vez mais suas relações.

Todos os dias as descobertas scientificas e suas applicações praticas, em vez de levarem a desordem e a perturbação ao seio da sociedade, não cessam de subordinar o individuo á suggestão e determinação social.

Que advirá d'ahi?

O captiveiro do homem fazendo *pendant* á emancipação da mulher?

Enquanto as mulheres protestam contra as limitações á sua actividade, os homens se queixam da concorrência, que ellas lhes fazem em certas profissões.

A queixa parece tanto mais justa, quanto é certo que elles são obrigados a trabalhar não só para manterem a propria subsistencia, mas ainda sustentarem as pessoas que conservam junto a si.

Mas, além de que a questão da mulher não é simplesmente economica e sim eminentemente social pelos effeitos moraes, que a condição feminina exerce no seio da sociedade sobre a sorte de seus respectivos membros, succede que nos casaes abastados, que dispõem de abundantes rendimentos, os homens não têm razão para lastimar seu fado, e nas classes inferiores, em que elles são condemnados ao labutar continuo para sustentarem a familia,

o interesse bem entendido lhes aconselha que não se opponham ao justo reclamo de suas companheiras de existencia.

São de um homem, o Sr. G Street, no *Fortnightly Review* as seguintes palavras:

«Nenhuma queixa acerca da sorte extremamente feliz das mulheres pôde com razão ter lugar nas familias mais ricas. Um homem bastante rico e ocioso poderá talvez imaginar que sustenta a mulher, mas, economicamente, é a sociedade que os mantém a ambos. Além disto, aos fins para que a sociedade mantém os ricos ociosos, ou antes, ao mistér de animar as artes e as sciencias e ao dever de dar bons exemplos de moralidade e de fina educação, as mulheres correspondem, geralmente falando, melhor do que os homens».

Nas familias modestas, em que o chefe não conta senão com os recursos de seu trabalho, o descontentamento do homem pela concurrencia da mulher toca ás raias do contrasenso.

Neste caso é que o trabalho justamente se impõe á mulher, não só para auxiliar as despezas da familia, mas ainda para satisfazer os gosos de arte, dos quaes ella tem necessidade.

Aquelles que entendem que a emancipação da mulher importará o captiveiro do homem, pertencem áquella categoria de espiritos, que não veem em a natureza outra coisa senão contrastes, importando a affirmação de um termo a negação do outro, como finito e infinito, par e impar, uno e multiplo, direito e esquerdo, recto e curvo, masculino e feminino, e assim por deante.

Maria Fragoso.

Amor descoberto

(TRAD.)

A' Julia

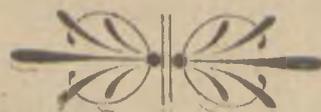
Era de noite...noite escura
Quando beijámo-nos...Quem viu?
Quem desvendou nossa ventura?
Quem foi, ó flor, que a descobriu?

Viu-nos a lua, a estrella, a aurora
E a densa noite até nos viu...
Mas foi a estrella que alto mora
Que, ao mar baixando, a repetiu.

O caso ao remo o mar contou,
Que ao marinheiro o disse...e então
Este á querida o revelou,
D'amor em tremula canção...

20—10—904.

Eustachio Pereira (FANÉCA).





Phaelante da Camara

Phaelante da Camara (1)

O retrato que encima estas linhas é do eminente homem de letras dr. Francisco Phaelante da Camara Lima.

A *Cultura Academica* publicando-o, é excusado dizel-o, sente-se lisongeada e desvanecida: o dr. Phaelante da Camara é, incontestavelmente, um dos vultos que, nestes ultimos tempos, mais se têm destacadô no circulo dos intellectuaes pernambucanos.

Desde muito cêdo o dr. Phaelante começou a revelar na tribuna e na imprensa, nos comicios populares e nos *meetings* academicos os impetos varonis de seu grande e superior espirito.

Guardando e respeitando com singular carinho as tradições de sua familia que, por tresentos annos, se vêm enaltecendo pelos desfiladeiros da historia pernambucana, Phaelante da Camara si não tivesse conquistado pela intelligencia e pelo trabalho o amor e a admiração de seus contemporaneos, conquistal-os-hia, de certo, pela firme e inatacavel belleza de seu character.

Nestes ultimos tempos, descançando das lides jornalisticas que absorveram, talvez, as melhores das suas energias mentaes, vimol-o na paz sombria de seu gabinete trabalhando, com superior esmero, esses dois livros que mereceram o applauso unanime do

(1) Phaelante da Camara nasceu a 25 de Outubro de 1862, tendo tido por berço o Engenho Jussara, sito no municipio de Jaboatão e por progenitores o Major Antonio Pereira da Camara Lima e D. Maria Maranhão da Camara Lima. Formado a 7 de Novembro de 1885, foi o orador escolhido por parte de seus companheiros de turma para orar na solemnidade. Eleito deputado provincial no biennio de 1888 - 1889, salientou-se entre seus collegas pelo talento, tomando parte activa na discussão e votação dos projectos de leis mais importantes. Vindo a Republica, foi pelo partido autonomista, de que era dos vultos mais em evidencia, investido do espinhoso cargo de Delegado de Policia da Capital, cargo que deixou a 11 de Março de 1891 para assumir o de lente substituto da Faculdade de Direito desta cidade para que havia sido nomeado por Dec. de 21 de Fevereiro de 1891.

Por Dec. de 14 de Janeiro de 1895 foi nomeado cathedratico da 1.^a cadeira da 2.^a serie do Curso de Notariado na vaga do Dr. Portella Junicr, tendo tomado posse aos 12 de Fevereiro do mesmo anno.

Supprimida a sua cadeira, foi, por Dec. de 7 de Fevereiro de 1896, nomeado para a 2.^a cadeira de criminal então recentemente creada.

paiz: *Duelo e Infanticidio* e *Memoria Historica* da Faculdade de Direito.

Antes e quando Phaelante da Camara recebia o baptismo na fonte castalia da litteratura, publicara elle, ao calor dos seus primeiros enthusiasmos, *Os Tentamens*, *As Verdades ao Sol*, *Os Electricos* e, algum tempo depois, o *Rei Suicida*, todos livros de versos.

E, ja que nos referimos áquelles que são os trabalhos editados no inicio da vida espiritual de Phaelante, não convem esquecer as duas conferencias por elle feitas sobre a *Lucta pela vida* de Darwin e *Victor Hugo* no oitavo dia do seu fallecimento.

Todos estes trabalhos, filhos d'aquelle tempo e da relativa cultura de seu espirito, mereceram e ainda hoje conquistam o elogio dos eleitos.

No jornalismo, porém, foi que Phaelante da Camara revelou a melhor physionomia de seu talento.

Collaborou no *Ceará Livre*, jornalzinho do club desse nome, em 1883, e do qual foi orador.

Foi redactor da *Folha do Norte* ao lado de Martins Junior.

Collaborou para o *Jornal do Recife*, a pedido de José Vasconcellos, e alli escreveu, entre outros, uma serie de artigos sobre a instrucção publica no Brasil comparada com a dos Estados Unidos, Inglaterra, França, Belgica, Allemanha e até a Republica Argentina.

Anteriormente, e sob a assignatura de Lincoln, tinha escripto nas solicitadas d'aquelle orgão uma serie de artigos em favor da campanha abolicionista e do ministerio Dantas.

Foi collaborador do *Republica*, folha academica do club republicano e mantido por Martins, Pereira Simões, Gonçalves Chaves e outros.

Foi redactor da *Revista das Artes* fundada pelo major Paula Mafra e redigida tambem por Tobias Barretto, Affonso Olindense e Souza Pinto.

Collaborou na *Revista do Norte* e na *Contemporanea*.

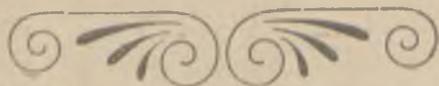
Entrou para a redacção d'*A Provincia*, ainda no 5.^o anno e na sua segunda phase, ao lado de Ulysses Vianna, Lopes Machado e outros.

A 11 de Dezembro de 1889, fundou *A Lanceta* jornalzinho satyrico que viveu quasi um anno.

Tendo deixado a redacção d'*A Provincia* em 1898, fundou a *Concentração* no anno seguinte, tendo por companheiros de redacção—Orlando, Adelino, Souza Pinto, Tito Rosas, Arthur de Albuquerque e Gervasio Fioravanti.

No Rio de Janeiro, onde esteve em 1897, collaborou para a *Cidade do Rio*, a brilhante folha de José do Patrocinio.

F. ALEX.



Virgem morta

Camara ardente, em crepe, a sala feita :
Descem cortinas pelo espaço mudo,
A alcova em lucto ; a vida ali desfeita,
Uma tristeza indefinida em tudo.

Magoas doridas e soluços fremem,
De cada coração sae uma queixa,
Gemem lamentos e saudades gemem
Por quem a vida tão depressa deixa.

Hirta, marmorca, de um pallor de estrella
Que se extinguisse na azulada umbella,
Dorme, aos queixumes de sentidos ais.

Levam-lhe agora o corpo á sepultura
Virgens serenas, de alma branca e pura,
Chorando aquella que não volta mais.

CLAUDINO DOS SANTOS.



Bosquejo historico do Equilibrio europeu

Ce n'est qu'en montant sur les épaules des autres que nous pouvons voir d'un peu loin.

FONTENELLE.

As idéas e os sentimentos mudam e a sociedade que repete todas as idéas e todos os sentimentos do homem, muda de normas, de leis, de instituições.

EMILIO CASTELLAR.

Estas palavras do festejado tribuno hespanhol, fallecido na ultima decada do seculo cujo fim assistimos ha pouco mais de tres annos, vêm a calhar no começo deste ligeiro trabalho.

Para prova desta asserção tomada ao notavel homem de letras, é sufficiente recorreremos á historia.

De facto; vemos, evocando o passado, desfilar diante de nós as conquistas dos grandes povos da antiguidade, resultantes da idéa de expansão territorial que chegou ao seu auge no imperio Persa sob Cambyzes e Dario, no imperio Macedonico sob Alexandre —o Grande e na gloriosa Roma— a senhora do mundo. Movidos pelos sentimentos bellicosos de seus chefes e pelo orgulho desenfreado de conquista, estes povos levavam de vencida tudo que lhes entravasse o caminho.

Vêm depois os barbaros com as suas invasões que têm como consequencia a fragmentação da propriedade territorial, submettida ao pequeno numero de grandes senhores feudaes para, depois de reunidos novamente estes fragmentos, formarem os grandes imperios da Idade-Moderna.

Mais tarde, surgindo novas luctas, reaparecendo novas difficuldades, abrolhando novos interesses, vem a formação de novos Estados, de accordo com as neçes-

sidades de momento e obedecendo á influencia dos Estados preponderantes na occasião dos tratados que lhes deram existencia.

Longa tem sido a serie de luctas travadas entre as partes interessadas em conseguir este fim ; seria enfadonho e, mais do que enfadonho, ocioso enumeral-as por ser do dominio de todos o conhecimento da historia.

Excluida a Idade-Media em que —os historiadores affirmam-n'o sem discrepância—em regra geral todas as luctas foram travadas com fins puramente religiosos, percebe-se que as tendencias bellicosas dos povos foram sempre modificadas pelas suas crenças religiosas.

Resalta aos olhos de quem quer que seja a influencia benefica do Christianismo cuja doutrina toda cheia de moral e de amor serviu de base á religião pregada pelo meigo e louro rabbino da Galiléa, para usarmos de expressão significativa do hylozoista Renan.

A guerra tem sido o estado constante da vida dos povos ; a lucta á mão armada tem sido sempre o maior empecilho ao seu progresso, o maior entrave ao seu desenvolvimento.

Reconhecendo este mal, tendo em vista as funestas consequencias delle resultantes, é que se tem tentado empregar meios, cujo escopo é evital-o.

Fazer rapida resenha das tentativas, visando este altruistico desideratum e que se podem enquadrar no equilibrio europeu—eis o nosso fim ao traçar estas linhas.

Datam de tempos bastante remotos os esforços empregados para evitar a guerra.

Entre os empenhados na magna cruzada avultam os pensadores de quasi todos os tempos que, ao lado dos governos de alguns paizes, procuraram resolver a questão do modo o mais satisfactorio possivel.

O equilibrio politico é a organização segundo a qual, entre Estados existentes uns ao lado dos outros, ou mais ou menos reunidos uns aos outros, nenhum pôde ameaçar a independencia ou os direitos existentes de um outro sem encontrar resistencia efficaz de um

ou de outro lado e, por consequencia, um perigo para si mesmo. (1)

Na Grecia, segundo nos informa Bonfils (2) escudado nos testemunhos de Xenophonte e de Polybio, a noção do equilibrio politico não era desconhecida.

Os trabalhos dos primeiros philosophos christãos, os escriptos dos predecessores de Hugo Grotius e, por ultimo, os do notavel fundador do Direito Internacional são elementos notaveis para a historia das tentativas feitas para evitar a guerra, antes da paz de Westphalia.

O tratado de Verdun, assignado em 843 e considerado por Giacomo Grasso (3) o ponto de partida do Direito Internacional, foi consequencia da batalha de Fontainet em que tomaram parte quasi todos os povos carlovingios.

Seguiu-se a esta batalha a alliança formada entre Carlos—o Calvo e Luiz—o Germanico e por fim a divisão do imperio de Carlos Magno entre Lotharios que, ficando com a menor parte, servia ao mesmo tempo de divisa entre os outros dous aquinhoados na partilha, Carlos—o Calvo a quem coube a parte a oeste da *Lotharingia* e Luiz—o Germanico a quem tocou a parte de oeste. (4)

O tratado de Westphalia (1648) geralmente considerado o ponto de partida do Direito Internacional moderno, (5) serviu de base ás relações que se estabeleceram entre differentes povos; estas relações conservaram-se, si bem que com pequenas alterações, até a revolução franceza de 1789.

Estes dous tratados, verdadeiros pontos remoto e

(1) Gentz *in* Bonfils—Droit International Public, 3ème édition. Paris, 1901, pag. 131.

(2) Bonfils, ob. cit., pag. 131 e 132.

(3) Principii di Diritto Internazionale Pubblico e Privato, pag. 12, seconda edizione; Firenze.

(4) Em seu Abregé d'Histoire Universelle, Paris, 1878, á pag. 247, Duruy nos diz, referindo-se a este tratado: nesta partilha vêem-se apparecer as primeiras demarcações de duas nações modernas, a França e a Allemanha.

(5) O tratado de Westphalia, pondo termo ás luctas religiosas em que vivia a Allemanha, estabeleceu a igualdade juridica entre o catholicismo e as differentes seitas do protestantismo, equilibrando, deste modo, o poder colossal da Austria.

proximo do Direito Internacional Moderno, fizeram aparecer o systema do equilibrio europeu.

Neste periodo surgiram diversos projectos com o escopo de obter a paz perpetua.

A diplomacia, fundada no seculo XV, tinha já grande força que augmentou com a criação das legações permanentes cujos efeitos beneficos cada dia mais se accentuam.

O systema do equilibrio politico foi, até o tratado de Vienna de 1815, julgado o mais importante para evitar as guerras.

« O equilibrio politico reduz-se a :

a) dividir o territorio e o poder de modo a garantir constantemente a coexistencia de varios Estados, tendo em vista que estes, por uma igual distribuição de forças entre elles, possam defender a sua independencia e a dos Estados menores, e, feita esta divisão,

b) colloca-la sob a garantia dos tratados, celebrados entre as diversas potencias em que se prohiba qualquer alteração a essa distribuição sem o consentimento de todos os Estados interessados. »

A Henrique IV, rei de França, é attribuido o primeiro projecto de paz perpetua.

Este projecto denominado « Republica Christã de Henrique IV » tinha por principal escopo augmentar o poder da França para abater o da Austria.

Lacroix propôz tambem uma organização politica cujo fim seria manter a paz entre os povos europeus.

Bernardin de Saint Pierre apresentou um outro projecto que, baseando-se na ordem de cousas estabelecidas pelo tratado de Utrecht, (1713) « foi troçado pelos estadistas e guerreiros e serviu de pisto aos escriptos dos poetas e á ironia dos espiritos levianos ».

Jean Jacques Rousseau, fundando-se no projecto de Bernardin de Saint Pierre, aventou a idéa de uma grande associação entre os Estados Europeus.

Feita a associação dos Estados, estabelecer-se-ão tres poderes : o legislativo, o judiciario e o coercitivo ; ao primeiro, que era superior a todos, competia fazer regulamentos geraes ; ao segundo, pôr estes regulamentos em execução ; ao terceiro, fazer respeitar as determinações dos outros dous poderes e, mais ainda, manter a união entre os Estados.

O notavel jurisconsulto inglez Jeremias Bentham

julgou que, appellando para a opinião publica por meio da imprensa, seria sufficiente para que o governo que tivesse sido condemnado não persistisse na denegação de justiça.

Kant tambem esboçou um projecto de paz perpetua.

Eis-nos chegados ao seculo XIX na rapida resenha que vamos fazendo.

Eis-nos chegados ao tempo em que, graças ás idéas da Revolução Franceza, operou-se grande transformação politica pelo desaparecimento de uns Estados e pelo surto de outros, devido ao influxo de factos de toda a ordem.

Nesse seculo as transformações politicas da Europa, excluida a produzida pelo eclipse da estrella de Napoleão, foram resultantes de tres causas :

- a) a revolução de 1830 ;
- b) a guerra de 1840 ;
- c) a guerra franco-prussiana de 1870.

A revolução de 1830 «annullou a alliança das potencias europeas contra os principios affirmados pela revolução de 1789, introduziu o parlamentarismo na Europa e deu logar á formação dos partidos catholico e socialista.

A revolução de 1840 completou a organização dos partidos catholico e socialista, deu realidade pratica á doutrina do suffragio universal e preparou a unificação da Allemanha e a da Italia».

A guerra franco-prussiana que concorreu para o poder temporal ser arrebatado das mãos do Papa teve como resultado a unificação da Allemanha e alterou o systema de guerras pela criação da paz armada.

Depois da morte politica do prisioneiro de Santa Helena, o tratado de Vienna de 1815 estabeleceu a divisão territorial da Europa de accordo ou, melhor, ao sabor das conveniencias dos vencedores.

Ficavam com preponderancia na Europa : a Russia, a Prússia e a Austria, de um lado, e do outro a In-

glaterra e a França, attendendo-se á sua situação geographica.

A Santa Alliança, nome dado ao accordo celebrado em 26 de Setembro de 1815 entre as potencias preponderantes da Europa Oriental e ao qual mais tarde adheriram a França e os trinta e seis Estados pequenos que haviam nascido pelo tratado de Vienna, tinha por fim, como judiciosamente notou Gaspar Blunthschi, obstar o progresso das idéas proclamadas na revolução de 1789.

A Santa Alliança, assim como a Pentarchia—aliança celebrada entre a Austria, Prussia, Russia, Inglaterra e França em Aix-la-Chapelle a 15 de Novembro de 1818--não produziu o effeito desejado.

Continuava a ter a preponderancia a Austria que, graças ao poderoso influxo de seu primeiro ministro—o principe de Metternich—a conservou até 1830 quando teve de ceder pelos golpes lethaes dados na politica do celebre estadista austriaco pela politica de Canning e pela, ainda hoje notavel, questão do Oriente que produziu as guerras de 1828 e 1829.

A revolução de Julho e a revolução da Belgica (repulsa dos belgas á união com a Hollanda que a Inglaterra lhes quiz impôr) produziram grande abalo á ordem de cousas estabelecida pelo tratado de Vienna.

Começavam a escurecer os horizontes da politica europea: a guerra da Criméa foi produzida pelo desejo de cada uma das grandes potencias evitar o augmento da preponderancia de suas rivaes, esphacelando deste modo o equilibrio.

Depois de 1830 e antes de 1848 a preponderancia vacilla entre a Inglaterra e a antiga rival da Austria—a Russia.

Em seguida, isto é, entre 1854 e 1870, despertam a attenção geral Napoleão III, Cavour e Bismarck.

Diferenciaram-se, entretanto, os fins com que agiram os dous ultimos dos intuitos do primeiro.

Ao passo que Napoleão tratava de satisfazer sua vaidade pessoal, sacrificando a França como o fez em 1870 em Sedan e Metz, Bismarck levava a effeito, depois de Sadoiva, a unificação da Allemanha, iniciada pelo celebre *Zoelverein* e Cavour reunia diversos Estados que se debatiam quasi moribundos, formando a actual Italia.

Vencidas a Austria e a França pela Prussia, graças ao tino politico de Bismarck e aos planos de Moltke—o vencedor de batalhas a golpes de Algebra, no dizer de Zola—; augmentando o seu poder, reviveu a questão do Oriente, cuja gravidade foi attenuada pelo tratado de S. Stefano (13 de Março de 1878).

Mezes depois, o tratado de Berlim arrebatava á Turquia parte de seu territorio, formando novos Estados na península dos Balkans e augmentando o territorio de algumas potencias. A Austria ficou com a Bosnia e a Herzegovinia, a Russia com os territorios de Ardatan, Kars e Satoum e a Allemanha com o de Khotour.

Ao mesmo tempo a Inglaterra pela convenção de 4 de Junho tornava-se senhora de Chypre.

Deste esbulho feito á Turquia dimanou a triplice alliança entre a Allemanha, a Austria e a Italia que, renovada, ainda persiste e deu origem á liga entre a França e a Russia.

Em 1899 o Czar da Russia propoz em circulares dirigidas a todos os gabinetes europeus o desarmamento geral.

Convem, entretanto, não esquecer que ao mesmo tempo em que as potencias tinham conhecimento das idéas do autocrata russo, precursora de melhores dias para a Europa e para o mundo, eram dadas ordens para o augmento da esquadra da patria de Pedro—o Grandé.

Apezar de abortada a idéa, depois de discutida em uma conferencia realizada em Haya, não deixou entretanto de produzir sazonado fructo : o estabelecimento de um tribunal internacional permanente de arbitragem que, felizmente, tem visto as suas sabias decisões acatadas por todas as potencias.

Actualmente tenderá a mudar ou, melhor, a alterar-se o equilibrio europeu ?

As visitas do rei da Inglaterra a Italia e a França, a do presidente Loubet á patria de Gladstone, a do soberano italiano á terra que viu nascer Gambetta fazem gerar desconfianças.

Accrescente-se a isto o tratado de commercio ce-

lebrado entre a Italia e a França, graças aos esforços de Zanardelli e Delcassé e á argucia de Prinetti, e estas desconfianças ainda mais se accentuarão.

Tenha-se em vista as luctas constantes em que vivem os súbditos de Francisco José, luctas estas provocadas pela diversidade de raças, de crenças e de costumes dos habitantes do imperio austro-hungaro e não se hesitará em afirmar que a vencida Sadoiva vae dia a dia se enfraquecendo.

Considere-se ainda a lucta herculea travada no Extremo Oriente entre a Russia e o Japão e cujos resultados são, ao nosso ver, impossiveis de, por ora, serem previstos e ter-se-á mais um elemento a alimentar a nossa indecisão.

Medite-se ainda na enorme preponderancia que, dia a dia, vão tomando os Estados Unidos e ainda mais vacillará o nosso espirito.

Caberá á Allemanha ou á França, á Inglaterra ou á Russia a preponderancia futura?

Será causa de futura mudança no equilibrio a questão do Oriente (massacre dos armenios) que renasce de vez em quando e cada vez com mais furor?

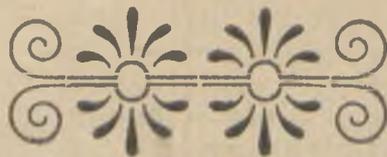
Será uma guerra continental ou uma lucta intercontinental o que ha de provocar a alteração politica?

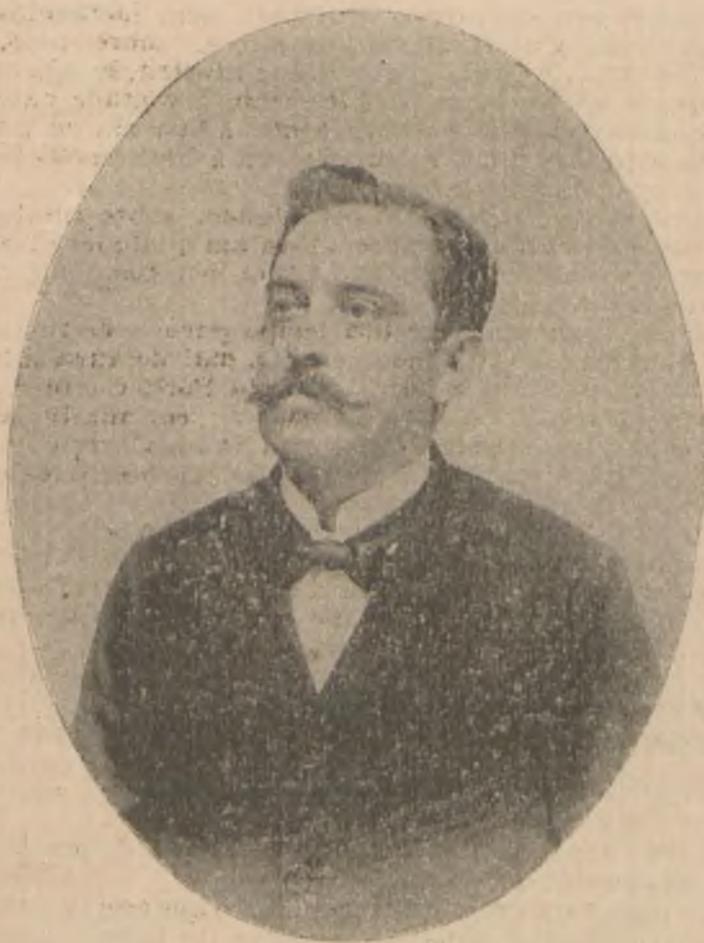
Esta lucta terá logar no mar ou em pleno continente?

Só o futuro poderá nos responder.

7-10-904.

G. WANDERLEY LOYO.





Carlos Porto Carreiro (1)

O nome que epigrapha estas linhas, vantajosamente conhecido no limitado circulo dos que ainda ligam importancia a questões de letras de fôrma, pertence a um moço que, faz tempo, se impoz á admiração de quantos o conhecem pessoalmente, ou por intermedio de seus trabalhos.

(1) Nasceu a 24 de Setembro de 1865 e bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes pela nossa Faculdade de Direito aos 3 de Outubro de 1885. Em 1888 entrou em concurso para a cadeira de Geographia e Historia do Curso Anexo. Classificado em 1.^o lugar, em igualdade de condições com o seu competidor, foi este o nomeado. Em 1891 foi nomeado para a cadeira de Historia do Curso Anexo á Faculdade, em virtude da reforma do Ensino Superior. Socio fundador da Academia Pernambucana de Letras, occupa nesse illustrado instituto a cadeira do Vigario Barretto.

Talentoso sem desvarios, illustrado sem jactancias, modesto sem hypocrisias, Carlos Porto Carreiro é, sobre tudo, um espirito equilibrado, forrado por solida illustração alicerçada em bases seguras que o põem perfeitamente á vontade para se occupar de qualquer assumpto concernente á historia ou á critica, á poesia ou á pedagogia, á linguistica ou á anthropologia, que lhe venha provocar o *appetite literario*.

E' d'esses que, solicitados por alguém sobre qualquer ponto de sciencia ou de letras, sempre adeantam qualquer cousa, quando não exgottam o assumpto ou não tiram, por completo, as duvidas do interpellador.

E não se diga que lhe sobra tempo para o cultivo de seu espirito. Puro engano! Tendo perdido, mal deixava a infancia, o seu bonissimo pae Major Luiz da Costa Porto Carreiro, a Carlos e a seu digno irmão Luiz, forçoso foi vir em auxilio de sua extremosa mãe a veneranda D. Josepha Porto Carreiro que ficara com os encargos de uma grande familia e sobrecarregada com a educação de seus filhos.

Data d'ahi a criação do Instituto 19 de Abril.

A partir d'isso, os momentos consagrados aos livros são os que não são exigidos pelos incessantes e multiplos labores do collegio.

Não obstante, como elle sabe bem dividir o seu tempo, tem dado á publicidade diversas obras.

Aos 16 annos de idade (1881) publicou, por iniciativa do Dr. Diéguas Junior, um volume de versos que mereceram lisongeiras referencias do *Escalpello*, revista de Clovis Bevilacqua e Martins Junior.

Dous annos depois fez imprimir *As creanças*, poemeto igualmente bem aceito pela critica.

Em 1892 appareceu *Rithmos*, bello volume de poesias e em 1894 *Lecções de historia universal*.

E' grande tambem o contingente com que tem contribuido para os jornaes, revistas e almanachs não só do Estado como de todo o Paiz.

Admirador de Ed. de Rostand, Carlos Porto Carreiro verteu, em bellos versos, para o portuguez «Les romanesques» e «Cyrano de Bergerac», o admiravel livro que abriu ao seu autor, de par em par, as portas da Academia Franceza e, antes, as da Immortalidade.

A traducção de Cyrano de Bergerac que já é conhecida dos que lêem por ter sido publicada, integralmente, pelo *Diario de Pernambuco*, deve apparecer dentro em pouco em volume, pois está sendo impressa em Coimbra por conta de uma casa editora do Rio.

Si ao autor de «L'aiglon» não fosse desconhecido o idioma de Camões elle não deixaria de applaudir o poeta pernambucano que soube transplantar para a nossa lingua as bellezas do poema celebrado, em igual numero de versos e com o mesmo systema de rimas.

Actualmente, tem Carlos Porto Carreiro em mãos um trabalho sobre—Anthropologia—com que pretende honrar as paginas de nosso *n. agasine*, a partir do numero proximo. Aguardem-no os leitores e mandem-nos alviçarás.



Sociologia criminal allemã

DILLUSTRE autor do *Tratado de Direito Penal Allemão* (livro bellamente traduzido e prefaciado pelo operoso constitucionalista brasileiro dr. José Hygino Duarte Pereira) a despeito do seu pendor pela *terza scuola* criminal italiana, chega á evidencia de que o fundamento social do direito punitivo é uma questão de mera *politica social*, que surge como uma condição indispensavel da existencia collectiva.

Effectivamente, -- interrogamos nós, não será a *teleolosis* suprema do direito assegurar á sociedade as indispensaveis condições de vida e, pela sociedade, como força organizada, conseguir a pacificação das lutas individuaes?

A philogenese social nos apresenta as tribus tomando o character de associações de paz e o direito a se estabelecer como a pacificação dos combates quotidianos, ou, na phrase de Hermann Post, como a paz que se garantem os co-associados.

Passando das ideias propedeuticas ao estudo das causas da criminalidade e dos diversos generos d'esta, diz von Liszt que « poderiamos ser levados a dividir a criminologia, como sciencia do crime, em *biologia* (ou *anthropologia*) *criminal* e em *sociologia criminal*. Aquella descreveria o crime como phenomeno que se produz na vida do individuo, e estudaria o *penchant au crime* na sua conformação e nas suas condições individuaes ».

Estabelecida esta divisão, a *biologia* ou *anthropologia criminal* se subdivide de accôrdo com o nosso autor em dois grandes ramos: a *somatologia criminal*, desdobrada sob os pontos de vista anatomico e physiologico e a *psychologia criminal* propriamente dita. O objecto da *sociologia criminal*, no entender de von

Liszt, deve importar á descripção do crime como phenomeno que se produz na vida social e o seu estudo relativamente á sua conformação e condições sociaes.

Mas qual deva ser o criterio para o estudo da influencia dos factores sociologicos na genese dos delictos, é o ponto que von Liszt procura collocar em relevo, affirmando que essa influencia só se manifesta sob verdadeira luz « quando se considera que a natureza do delinquente dada no momento do facto desenvolvera-se de disposições innatas e fôra determinada pelas relações exteriores que o circumdaram desde o nascimento.»

Julio Fioretti, em sua excellente monographia *Sobre a legitima defeza*, expressa-se de modo identico, quanto a este particular nas seguintes palavras: « E' preciso que a analyse psychologica tenha progredido nos juizes e no publico até o ponto de distinguir as acções que teem a sua causa unicamente na vontade do agente, d'aquellas que, ao contrario, se devem attribuir a um concurso de circumstancias extranhas a elle.»

Assim, si é verdade que « a pena é o gradimetro da criminalidade », si o crime é um facto e como tal considerado por força das condições existenciaes da sociedade; si, na expressão de R. von Ihering, « o direito criminal é a face do direito a reflectir a individualidade inteira do povo, o seu pensamento, os seus sentimentos, o seu character, as suas paixões, o seu gráo de civilização ou barbaria, toda a sua alma, em uma palavra, é o povo mesmo, de sorte que a historia criminal dos povos é um fragmento da psychologia da humanidade », acceita a *temibilidade* do delinquente, outro não deve ser actualmente o principio determinantor da applicação da pena senão o *criterium* da finalidade. E, claramente, exprime-se von Liszt:

« A pena finalistica é de todo ponto compativel com um *libre arbitrio* subtrahido á lei da causalidade, mas completamente independente da verdade desta hypothese ». Desferindo um golpe certo nas theorias philosophico-scientificas que lhe possam obstruir a corrente, elle mais se aprofunda, escrevendo :

« Emquanto a capacidade de determinar-se que incontestavelmente possui o homem moral não puder ser contestada, a possibilidade de determinar o delinquente

por meio da pena ficará subtrahida ao conflicto das opiniões, a responsabilidade pelo resultado, a *culpa* terá uma base firme e inatacavel e o direito penal desvincilhar-se-ha da ideia da retribuição, que, sem a hypothese do livre arbitrio, não pode mais subsistir, pois cae com o «deves, logo podes».

Exposto, em traços geraes, o ponto de vista do autor do *Traado de Direito Penal Allemão*, vê-se que von Liszt representa, na vasta criminalistica de sua patria, a *terza scuola* penal italiana, «experimental por seu methodo, mas critica por suas ideias.»

Acceitando não só os meios repressivos como os punitivos estudados pelos sociologistas criminaes italianos, no dominio biologico pela herança physiologica e pathologica e no dominio social pelos *sostitutivii penali* de Enrico Ferri, não será fóra de proposito fazer a synthese dos principios de sociologia criminal allemã, de cujos trabalhos o de von Liszt é a mais bella e eloquente eclosão.

A physionomia intellectual do pensador tedesco se deixa aperceber nos seguintes conceitos, communs aos cultores do direito em sua patria :

« A acção sobre os factores do delicto pode ser dirigida, em segundo logar, contra a individualidade em parte innata e em parte adquirida do delinquente.

Aqui considera-se o crime não como manifestação da vida social, mas como manifestação na vida do individuo. A determinação dessas causas individuaes do crime, continua elle, assim como a investigação das circumstancias que levaram o seu autor a commettel-o tambem sahem em parte do dominio da anthropologia criminal. » E quanto ás circumstancias sociaes economicas actuando no individuo, e determinando-o á pratica do delicto, importa reconhecel-as igualmente, devendo os poderes publicos procurar aparelhal-as em prol do futuro afim de que a sociedade não seja o caldo em que se desenvolve o microbio de suas doenças, segundo a feliz imagem de Lacassagne. E taes são as linhas vermelhas do admiravel livro de Frantz von Liszt.

Não podemos, chegados a este ponto, deixar de lembrar ao leitor o *Fundamento do direito de punir* escripto por Tobias Barretto, de quem já eram de todo

conhecidos, em seus menores detalhes, os terrenos desbravados pela psychologia criminal allemã.

Mas, o que é incontestavel é que, surgindô no meio espirital que produzia a eschola classica da *coacção psychologica*, dirigida por von Buri e Feuerbach, de cujos estudos uma das mais bellas manifestações é a *Theoria psychologica das materias* do professor Holtzendorff, o trabalho do operoso universitario de Halle importa com criterio um livro escripto ao sabor germanico.

Simples notas de occasião, estas linhas não traduzirão a justa homenagem a que tem direito o autor e o seu livro de sociologia criminal allemã.

Que os competentes prestem-n'a com protestos em nome da sciencia contra as ideias mal elaboradas na mente dos inventores que tudo pretendem renovar neste momento de cima para baixo: religião, sciencia e direito. Será um novo caso de processualistica—*a manutenção de posse* das riquezas accumuladas pelo passado a favor dos direitos inconcussos da sciencia, ameaçados de incontinenti destruição.

PRADO SAMPAIO.





Claudino dos Santos

O Dr. Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos nasceu na freguezia de S. José, desta cidade, aos 4 de Janeiro de 1862, tendo sido seus paes o Sr. Ignacio Ferreira dos Santos e D. Rosa Alexandrina Galvão dos Santos, ambos fallecidos.

Tendo irresistivel attracção pela carreira das letras, estudou o curso de humanidades no antigo Collegio das Artes, feito o que, matriculou-se, em começo de 1882, nas aulas do 1.º anno da nossa Faculdade de Direito que, em 10 de Novembro de 1886, lhe conferiu o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Academico, Claudino dos Santos alistou-se decididamente no

grupo que valentemente espancava o torpor que se havia apoderado das energias da mocidade academica. Deu-nos em seu 1.^o anno um bom discurso que pronunciara na sessão magna do aniversario do Gabinete Portuguez de Leitura, como representante dos seus collegas de anno, que mandaram publicar em volume a applaudida oração.

Depois publicou successivamente ESTATUETAS [1883], 1.^o livro de versos brilhantemente prefaciado por Phaelante da Camara; EBULLIÇÕES (1884), versos modernos em collaboração com Fernando de Castro e SONS E BRADOS (1886).

No seu 1.^o anno fundou com Fernando de Castro, Alfredo Pinto, Assumpção Menezes e Davino Pontual o *Porvir*, organ da Sociedade « Ensaio Juridico e Literario » e raros foram os periodicos literarios que não estamparam produções suas, lembrandonos dos seguintes: *Folha do Norte, Revista das Artes, Voz do Povo, Homens e Letras, Revista do Norte*, etc., etc.

Uma vez formado, dedicou-se á carreira da advocacia nesta capital e em Junho de 1889 fundou com Sabino Pinho, Albuquerque Salles e Arthur de Albuquerque o *Diario de Noticias* que viveu até a sua partida para occupar o cargo de juiz municipal e de orphãos de Ponta Grossa no Estado do Paraná para o qual fôra nomeado pelo Ministerio Ouro Preto. Em seguida occupou igual cargo em Morretes no mesmo Estado.

Installando residencia em Curityba, fez parte da redacção da *Federação* (1893) e aliou-se ao partido que abraçou a revolução do sul o que lhe valeu ter de emigrar com seus chefes para Buenos-Aires onde se demorou durante um anno até que a amnistia lhe permittiu voltar á patria.

De volta á Curityba fundou o Collegio Paranaense e obteve a nomeação de Juiz Substituto Federal [1899] em que ainda se mantem.

Infatigavel, Claudino dos Santos tem publicado depois de sua formatura:—1.^o E 2.^o LIVROS DE LEITURA, O BAPTISADO, poemeto infantil, O POEMA DA DOR, 1.^a parte, e possui promptos a entrar para o prelo diversos trabalhos, alguns de largo folego.

Pae de familia exemplar, elle encontrou na distincta paranaense D. Eivira Alves Branco uma companheira intelligente e amorosa que muito o tem auxiliado e que já lhe deu 6 interessantes filhos em cujos semblantes Claudino dos Santos se revê, orgulhoso e embevecido.

Acção dos magistrados vitalícios demittidos pelo Governador Dr. Barbosa Lima, proposta contra a Fazenda do Estado.

PARECERES

Respondo affirmativamente aos dois quesitos que constituem a consulta que se me propõe.

A Const. Política do Estado no art. 8.º dispõe :

« Os juizes de direito serão vitalícios e só poderão ser suspensos ou perder o seu logar em virtude de sentença : nenhum será removido senão a pedido, ou mediante processo em que se prove ser perniciosa sua permanencia no município».

Pelo texto, que transcrevo, o legislador constitucional procurou resguardar a independencia inherente ao poder judiciario, concedendo—vitaliciedade e inamovibilidade ao magistrado—desde a investidura do cargo.

Ora, creada a lei organica da magistratura pelo Congresso, competia á Junta Governativa, então poder executivo, dar execução á mesma lei, provendo os cargos da magistratura, e os magistrados nomeados eram vitalícios e inamoviveis nos termos do art. citado e não podiam ser despojados de seus cargos, sem violencia ao preceito constitucional.

E nem se argumente com a origem da nomeação dos magistrados pela Junta, considerando-se esta producto de acto revolucionario.

Em primeiro logar, não houve acto revolucionario no Estado e sim momentaneo movimento localizado em parte da capital, forçando a renuncia do Governador, ou depondo-o.

Dada a deposição, teve logar a acção da Junta que respeitou os actos do Congresso e deu execução á lei n. 15, organizando a magistratura e decretou outros actos, entre estes a convocação de novo Congresso.

Em segundo logar, a Junta submetteu ao conheci-

mento d'este congresso todos os seus actos que foram approvados, sendo eleito pelo mesmo Congresso novo Governador: ficaram, portanto, rectificadros todos os actos da Junta que, por ventura, tivessem vicio de origem.

Ora, organizada a magistratura, e approvadas pelo Congresso as nomeações de magistrados, as quaes foram feitas pela Junta, carecia o Governador, eleito pelo mesmo Congresso, de competencia para dissolver aquella magistratura.

E se o fez, praticou acto de manifesta violencia attentando contra o preceito do art. 80 citado, suppondo-se superior ao poder legislativo do Estado e offendendo a lei organica da Republica.

Alem do que deixo expendido, suffragando a resposta que, sob censura dos doutos, dou á consulta, accresce que a hypothese já está resolvida em jurisprudencia firmada em varios julgados, podendo desde já serem citados os Accordãos ns. 177 do Supremo Tribunal, em 4 de dezembro de 1899 em favor do Dr. Amancio Gonçalves dos Santos e contra a Fazenda do Estado de Amazonas; 238 de 17 de Julho de 1901 em favor dos Drs. José Maria de Loureiro Tavares e outro; e 248 de 19 de Outubro de 1901 em favor do Dr. Vicente da Silva Portella.

Estes julgados foram proferidos em acções propostas contra a Fazenda por magistrados privados do exercicio de seus cargos por aposentadorias forçadas e demissões dos cargos em organizações de novas magistraturas, como no caso da consulta.

Recife, 7 de Março de 1904.

DR. CLODOALDO LOPES.

Respondo á consulta :

Os magistrados nomeados depois da promulgação da Constituição do Estado de Pernambuco que lhes garantia e garante a sua vitaliciedade e inamovibilidade, só podendo perder os seus logares por sentença desde que entram no exercicio do cargo, adquiriram direito áquella vitaliciedade e inamovibilidade, e, assim, não podiam ser demittidos por arbitrio do Governador.

Embora deposto o primeiro governador, já depois de promulgada a Constituição e diversas leis organicas e entre estas a da organização da magistratura, ficaram estas subsistindo, como se declara na consulta, e portanto produzindo todos os seus effeitos, e entre estes —o direito adquirido pelos magistrados nomeados e que entraram em exercicio e n'esses direitos adquiridos se contém a vitaliciedade e inamovibilidade.

Não importa que a nomeação dos magistrados fosse feita pela junta governativa que substituiu ao governador deposto, pois que essa junta foi reconhecida como o poder executivo legal, que deu execução á Constituição e leis organicas ; é assim que foi ella que fez eleger o Congresso Estadual que por sua vez elegeu o governador. e não se pode contestar a sua legitimidade de facto, sem contestar a do governador que praticou o acto violento de destituir magistrados vitalicios e inamoviveis, e sob o pretexto de que a nomeação cabia ao governador, como se declarou nas disposições transitorias da Constituição, porquanto o que a Constituição estabeleceu evidentemente foi que a investidura dos magistrados cabia ao poder executivo, e a junta governativa era, sem duvida, o agente do poder executivo do Estado que se achava organizado—com Constituição e leis organicas a qual não podia deixar de, durante a sua gestão, pôr em movimento e em execução a Constituição e leis organicas, nomeando os respectivos magistrados.

Tal é o direito dos magistrados nomeados pela junta administrativa—que ainda que houvesse sido promulgada outra Constituição—em virtude da disposição do governador por acto revolucionario, não podiam mais ser destituídos, tanto mais quanto o Congresso approvou esse acto.

N'este sentido já se pronunciou a Relação do Estado do Rio de Janeiro em um notavel Accordão de 22 de Março de 1901, destacando-se de seus considerandos o seguinte :

- « de mais a mais, que, ainda na hy-
- « pothese de uma reforma consti-
- « tucional decretada, a nova consti-
- « tuição de um Estado não poderia
- « sem reparação equivalente, aniquil-
- « lar direitos que a Constituição

« precedente houvesse estabelecido,
 « com garantia de vitaliciedade, per-
 « petuidade ou inamovibilidade, visto
 « como o contrario importaria o mes-
 « mo que conceder aos Estados o
 « arbitrio de promulgar leis retroacti-
 « vas, faculdade que, peremptoria-
 « mente, lhes recusa a Constituição
 « federal, art. 11 n. 3.

Assim respondo :

Ao 1.º quesito :

E' inconstitucional o decreto do Governador que dissolveu a magistratura, já funcionando em virtude de nomeação legal e sob o dominio da Constituição estadual que não foi alterada.

Ao 2.º quesito:

Os magistrados illegal e violentamente destituídos podem intentar acção contra o Estado para haver os seus vencimentos e ser reintegrados em seus cargos.

Este é o meu parecer que submetto a melhor.

Rio, 20 de Fevereiro de 1904.

O advogado,

JOÃO D. PINTO DE MENDONÇA.

O acto do Governador do Estado de Pernambuco, dissolvendo a magistratura, organizada pela Junta Governativa, violou, incontestavelmente, principios capitães de direito publico e de direito privado.

Oriunda de movimento revolucionario triumphante, a Junta Governativa acclamada, declarando manter a Constituição do Estado e mais leis, reuniu em si todos os poderes, inclusive o de organizar a magistratura e fê-lo de accordo com a lei votada e sancionada ao tempo da normalidade politica e administrativa.

Os magistrados assim investidos das funcções de seus cargos adquiriram, desde logo, direito á vitaliciedade.

dade e inamovibilidade, constitucionalmente inherentes aquellas funcções, accrescendo que, si o goso das vantagens d'essa investidura carecesse de ratificação, o Congresso ordinario do Estado lh'a deu com a approvação de todos os actos praticados pela Junta Governativa.

Alem da perda da vitaliciedade e inamovibilidade, o acto do Governador ferio tambem interesses patrimoniaes, privando os magistrados destituídos da percepção de seus vencimentos.

Verificou-se, portanto, dupla violação de direitos, o que dá logar a consequencias diversas.

Acto inconstitucional em sua origem, o Dec. de 26 de Setembro de 1892 é contraproducente quando se soccorre da disposição do art. 13 das Disposições Transitorias da Constituição do Estado que consagra o principio estabelecido no art. 6.º das Disposições Transitorias da Constituição da Republica.

Na expressão—*«preferirá os actuaes Juizes de Direito e Desembargadores de mais nota»*, o legislador constitucional do Estado, como o havia feito o da Republica, reconheceu ao governo a competencia para avaliar as aptidões dos antigos magistrados e aproveitá-los ou não, conforme melhor lhe parecesse.

A escolha feita pela Junta Governativa presuppõe, portanto, o exercicio d'essa competencia e a pratica de acto de sua exclusiva attribuição.

Organizada a magistratura por tal forma e de accordo com a lei votada e sancionada ao tempo da normalidade politica e administrativa, á qual, aliás, não devia a Junta obediencia em virtude de enfeixar em suas mãos todos os poderes do Estado, os magistrados aproveitados adqueriram todos os direitos inherentes á investidura e não podiam ser d'elles privados sem violação da disposição constitucional que os garantia.

Todo direito violado tem como conseqüencia logico uma acção tendente a restabelece-lo: aos magistrados destituídos, pois, compete o direito de propor contra a Estado uma acção ordinaria para ser declarado in-subsistente, por inconstitucional, o Dec. de 26 de Setembro de 1892.

Esta acção nem é a do art. 13 da lei n. 221 de 20 de Novembro de 1894--que se refere a *«actos ou decisões das autoridades administrativas da União»*, nem in-

correu na prescripção do Dec. n. 857 de 1851, art. 1.º, porque a prescripção de 5 annos é direito exclusivo da Fazenda Federal e não da Fazenda Estadual ou Municipal.

Assim respondo :

Ao 1.º quesito Sim. O Dec. de 26 de Setembro de 1892 é inconstitucional.

Ao 2.º quesito Sim. Os prejudicados podem propor uma acção ordinaria para ser declarado insubsistente esse Decreto e, como consequencia, ser-lhes reconhecida a vitaliciedade e inamovibilidade nos seus cargos e pagos os vencimentos que deixaram de receber em virtude d'aquelle decreto. Este é o meu parecer que submetto a melhor.

Rio, 17 de Fevereiro de 1904.

O advogado,

ABELARDO SARAIVA DA CUNHA LOBO.





Carneiro Vilella

A *A Cultura Acadêmica* se desvanece em render neste momento seu preito de admiração a um dos intellectuaes que mais têm concorrido para o enriquecimento de nossas letras.

Filho do Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares, saudoso cathedratico da Faculdade de Direito do Recife, de que foi, incontestavelmente um de seus luminares, e de D. Maria Magdalena Carneiro Rios Vilella, o Dr. Joaquim Maria Carneiro Vilella herdou de seu pai o robusto talento que possui.

Nascido nesta cidade aos 9 de Abril de 1846, bem cedo começou a estudar os preparatorios exigidos para a matricula nos cursos superiores, o que lhe permittiu aos 20 annos de idade concluir o seu curso, com honrosas approvações em todos os annos.

Desde os tempos academicos, Carneiro Vilella se tem revelado a organização essencialmente litteraria e artistica que todos lhe admiram.

A «America Illustrada» por elle fundada e dirigida e onde se desabrocharam as primicias de seu espirito, data de então.

Dono de um talento polymorpho e de uma operosidade não vulgar, Carneiro Vilella cultiva com igual maestria os diversos generos de litteratura.

Romancista, novellista, *conteur*, poeta, dramaturgo, elle é sempre um artista que conhece o terreno em que pisa e sabe apresentar-se ao publico que não lhe regatêa applausos.

Cultiva com igual proficiencia o jornalismo. Poderia encarregar-se, elle só, da confecção de um jornal inteiro, desde o grave e sisudo artigo de fundo até a satyra mordaz, em verso ou prosa; desde o innocente folhetim que faz as delicias das respeitaveis matronas e romanticas moçoilas até o bisbilhoteiro noticiario, a attrahir a attenção dos que andam á cata de sensacionaes acontecimentos.

Fundou o «Jornal da Tarde», o primeiro vespertino do Recife e «O Oriente», de propaganda maçonica. Collaborou no «Diario de Pernambuco», «Jornal do Recife» e fez parte do corpo redaccional d'«A Provincia» de que ainda hoje é collaborador, bem como do «Jornal Pequeno».

O seu primeiro livro data de 1872 e intitula-se *As margaridas*, escolhida collecção de bons versos filiados ao lyrismo. De então para cá tem Carneiro Vilella dado successivamente á publicidade: --*Menina de luto, Noivados originaes, O esqueleto, Inah, Tres chronicas, Noemia, Os mysterios do Recife, Os mysterios da rua da Aurora, A Gandaia, Um drama intimo, A era maldita*, todos romances, alguns dos quaes exgottados e outros já em 2.^a edição.

Fez representar os seguintes dramas, comedias e operetas de sua lavra:--*Gabriella, Quatro annos depois, Soberba, Avareza, Maçons e Jesuitas, Brasil e Paraguay, Perola, Princeza do Cattete, Amor na China, Quando ellas querem, A Bertholeza* e algumas outras.

Como funcionario publico, exerceu os cargos de juiz municipal do Natal (Rio Grande do Norte), juiz substituto em Nictheroy, chefe de secção da secretaria do governo do Para, e, na Republica, bibliothecario da nossa Faculdade de Direito.

Philosophia Biologica

Devido á gentileza do DR. FROTA E VASCONCELLOS tivemos o prazer de ler os *Problemas de Philosophia Biologica*, do joven DR. ARTHUR DE ARAUJO JORGE.

Editou a obra o DR. FROTA E VASCONCELLOS, que está prestando grande serviço ás letras brasileiras, e especialmente a Pernambuco, do ponto de vista da producção intellectual e seus esforçados cultores.

Ainda agora temos sob os olhos uma carta de ANGELO DE GUBERNATIS, na qual este glorioso homem de letras, que é objecto de justo orgulho para a Italia, affirma que as edições d'*A Cultura Academica*, dirigida pelo DR. FROTA E VASCONCELLOS muito o interessaram, e que elle aproveitará dos exemplares, que lhe foram remettidos, para, em seu *Diccionario bio-bibliographico dos Latinos*, que deverá apparecer em Junho proximo, dar conta do movimento intellectual de Pernambuco.

O livro do DR. ARTHUR DE ARAUJO JORGE, revela uma vasta cultura e uma intelligencia aberta aos effluvios luminosos da philosophia, supremo goso do homem que sente necessidade de conhecer em sua totalidade o Universo, esse grande ser vivo dos Estoicos, no qual a terra constitue o corpo da humanidade e a humanidade o espirito da terra.

Estamos em pleno desaccordo com o joven philosopho sob muitos pontos de vista; mas nem por isso sentimos menos calorosa sympathia por um moço, cujo precoce desenvolvimento intellectual parece infirmar o aphorismo de BACON: *Veritas filia temporis*.

*
**

Os problemas da vida, desde a vida das plantas, com a elegancia de suas fórmãs, o brilho de suas cores e a suavidade de seus perfumes, até a vida dos genios, laboratorio em que a natureza se transforma em sciencia, continúam envoltos em densas trevas.

O espirito humano busca resposta para as suas interrogações na especulação philosophica, que offerece as mesmas soluções ha trinta, ha cem, ha dous mil annos: é o animismo, o vitalismo e o materialismo.

Ha ainda actualmente, escreve A. DASTRE, representantes d'esses tres systemas que em todos os tempos disputaram a explicação dos phenomenos vitaes: ha animistas, vitalistas e unicistas. Mas se adivinha que de hontem para hoje ha alguma cousa de mudado no assumpto.

Não foi em vão que a sciencia em geral e a propria biologia fizeram progressos desde o tempo da Renascença e sobretudo durante o curso do seculo XIX. As velhas doutrinas foram obrigadas a se reformar, a renunciar partes caducas, falar uma outra linguagem, em uma palavra, rejuvenescer os neo--animistas de nosso tempo.

CHAUFFORD, em 1868, VON BUNGE, em 1889 ou RINDFLEISCH, mais recentemente, não pensam exa-

ctamente com ARISTOTELES, S. THOMAZ OU STAHL. Os neo-vitalistas contemporaneos, sejam illustrados em physiologia, como HEIDENHAIN, ou em chimica biologica, como ARMAND GAUTIER, ou em botanica como REINCK, não falam de 1880 a 1900 a mesma linguagem que PARACELSO, no seculo XV, e VAN HELMONT, no seculo XVII, que BARTHEZ E BORDEU, no fim do seculo XVIII, ou sómente CUVIER E BICHAT, no começo do seculo passado. Emfim, os proprios mechanicistas, quer sejam discipulos de DARWIN e HAECKEL, como o maior numero dos naturalistas de nosso tempo, ou discipulos de LAVOISIER, como a maior parte dos physiologistas actuaes, estão longe das idéas de DESCARTES.

Profundas transformações se operaram em cada uma dessas theorias, permittindo apreciar sua influencia sobre a Biologia em geral e especialmente sobre a Physiologia e avaliar o resultado a que ellas chegaram.

Sob este titulo vale bem a pena examinar as modificações por que passaram aquellas diversas theorias desde o animismo grosseiro dos tempos primitivos até o materialismo mechanicista ou finalistico.

O animismo é a mais antiga das concepções philosophicas do espirito humano.

Um phenomeno da vida diaria deu origem ás idéas de alma e sobrevivencia. É o somno. Dormindo, o homem primitivo sonha, e ao despertar lembra-se de que visitou taes e taes logares, de que lhe appareceram taes e taes cousas, de que praticou taes e taes acções. Pelo seu estado de inferioridade intellectual não podendo explicar estes factos por um trabalho espontaneo do cerebro, elle

os attribue a um ser interior, que durante o somno abandona o corpo para se lhe unir de novo . algumas horas depois. Ora, na morte é este mesmo ser interior que abandona o corpo por mais algum tempo ou mesmo para sempre. A apparição de pessoas ou animaes mortos, que se afiguram vivos, ainda mais confirma a existencia deste ser interior, independente do corpo, e agora sob o ponto de vista objectivo. São pessoas e animaes, cujo ser interior continúa a persistir depois da morte. Eutretanto, além das pessoas e animaes, apparecem em sonho cousas inanimadas, que não sómente brilham como as estrellas, ou movem-se como as nuvens, ou crescem como as arvores, ou desabrocham como as flores, ou fulminam como os raios, mas até se metamorphoseam, tomando fórmias gigantescas ou desconhecidas, atacam ou protegem os seres animados, falam com elles ; então o homem primitivo explica sua apparição pela existencia de um ser interior como nas pessoas e nos animaes. Deste modo tudo se anima na natureza, e tal é o estado de cultura, a que Tylor dá o nome de animismo.

Mas de que natureza é este ser mysterioso, que ora se mantém unido ao corpo, ora o deixa por intervallos ou para sempre, afim de se transportar ao longe? A alma humana nem sempre teve uma natureza espiritual ; não foi senão após longas transformações que ella se tornou de uma pura immaterialidade. Primitivamente o espirito significava sombra, e assim participava, de alguma sorte, da materialidade do corpo. Pelo menos, deixava ver-se, tinha movimentos, podia ser attingido.

Os Bassutos acreditam que, quando um homem caminha sobre a margem de um rio, um

crocodilo póde agarrar-lhe a sombra, e assim arrastal-o para o fundo d'agua. «Na lingua asteca e nas da mesma familia, diz Spencer, a palavra *ehecatl* significa ao mesmo tempo vento, sombra, alma. As tribus da Nova-Inglaterra chamavam a alma *chemung*, sombra. Na lingua quiché a palavra *natub* e na dos esquimaus a palavra *tarnak* exprimem estas duas idéas.»

Mas para que multiplicar os exemplos de synonymia entre as duas palavras? E' um facto muito conhecido dos philologos. Não sómente as linguas selvagens, mas o grego, o latim e outras linguas civilizadas exprimem a mesma relação de identidade entre os dous vocabulos. *Umbra*, entre os romanos, significa a sombra dos vivos e a alma dos mortos. E' o que explica certos povos acreditarem que o corpo do morto não projecta sombra.

Por attribuirem ao espirito as propriedades do corpo, é que alguns povos selvagens têm por costume offertar aos mortos comida, utensilios de caça e de pesca e outros objectos indispensaveis á satisfação de necessidades puramente physiologicas. E' muito commum entre os selvagens o uso de fornecer alimentos aos mortos. Dentre os innumerados casos mencionados pelos ethnologistas, lembraremos apenas o habito de os Mexicanos depositarem nas sepulturas comida e flores, e o de os Peruanos offerecerem aos mortos, além de alimento, vestimentas. Nota Spencer que este uso persistio por muito tempo entre os Incas, a cujos cadaveres embalsamados se dizia: «Quando vivieis, tinheis o habito de beber e comer; que vossa alma receba e se nutra onde quer que estejaes.»

O mais interessante é que, segundo nos ensi-

na ainda o eminente philosopho inglez, o costume tem logar mesmo nos paizes, em que se dá a cremação. Assim pratica-se entre os Kukis, de que fala Butler, e entre os antigos indigenas da America Central a que se refere Oviedo.

Acreditam os selvagens que os espiritos fazem excursões, e que estas excursões são cercadas de difficuldades e perigos. Por isso não é de admirar que lhes dediquem instrumentos de defesa e até lhes sacrificuem animaes e servidores, que os acompanham nas viagens de alem-tumulo. Portanto, nada mais natural do que o desejo desse chefe chinouk de matar a mulher para ella acompanhar ao outro mundo o filho. Os Esquimaos costumam immolar um cão na sepultura das crianças para lhes servirem de guia á região dos mortos. Em Anityum, morta uma criança, estrangula-se a mãe, a tia ou a avó, para conduzi-la ao mundo dos espiritos.

Da concepção de uma alma material, não de uã materialidade densa e compacta como o corpo, mas de uã materialidade subtil e etherea, que, entretanto, toma alimentos, é devorada pelos animaes, ou persegue como phantasmas os inimigos, se passou á idéa de uma alma-sopro. Além do ar, que levanta turbilhões de areia ou trombas d'agua, encrespa a superficie dos lagos ou abranda o calor das faces, a cessação respiratoria, por occasião da morte, tambem deu origem a esta crença.

Entre os Australianos *Wang* significa indifferentemente alma, sopro ou respiração. Da mesma sorte entre os Hindús *Brahma* quer dizer sopro ou alma. O mesmo se dá com *Kneph* — o espirito divino dos Egypcios—que deriva de *nef*, sopro. Para muitos habitantes da Polynesia a

alma é o sopro que se exhala, tanto assim que elles costumam tapar a bocca e o nariz dos moribundos para impedirem que a alma se escapula. Não tem outra significação a pratica romana descrita por Virgilio e por Cicero, em virtude da qual um dos parentes mais proximos devia aspirar o ultimo sopro do agonizante. O fim era assimilar o espirito do finado, do mesmo modo que certos selvagens acreditam apropriar as forças do inimigo, devorando-lhe as carnes. E' por isto que no Taiti, onde julga-se residir a alma nos olhos, pertence ao chefe da tribu o privilegio de comer os olhos do inimigo.

Os Hebreus não faziam outro conceito da alma. No *Genesis* o homem não é transformado em alma vivente senão depois que o Senhor lhe imprime na fronte o sopro da vida. Em Ezechiel não basta que os esqueletos revistam a carne para que revivam, é preciso que o espirito divino sobre sobre elles.

Não foi sem viva opposição que a doutrina de Anaxagora, desenvolvida por Platão, pode atravessar os seculos para encontrar em Santo Agostinho seu mais esforçado e fervoroso defensor. Os primeiros christãos não tinham uma idéa clara da espiritalidade da alma. Esta doutrina não estava nas tradições do espirito judaico. Jesus resuscitou em sua carne. Tal é o dogma fundamental do christianismo. Além de Galeno, espirito pratico que não via na distincção entre a alma e o corpo senão uma questão esteril, que não aproveita á saude nem á virtude, muitos padres e doutores da egreja consideravam a alma material, e outros não admittiam senão uma espiritalidade relativa. Entre os primeiros figura Santo Hilario, e entre os segundos Santo Irineu.

Não é senão com Santo Agostinho que a alma vem a ser tida como uma substancia puramente espiritual, que existe por si mesma, independentemente da materia, doutrina que attingio seu pleno desenvolvimento em Descartes, além do qual o espiritualismo moderno não avançou um passo.

Realmente, todos os argumentos, com que os espiritualistas defendem sua hypothese de uma dualidade de naturezas distinctas, associadas durante a vida, e caracterizadas por qualidades antagonicas, estão contidos nas palavras do notavel philosopho francez : «Examinando com attenção o que eu era, conheci que era uma substancia, de que toda essencia ou natureza não é senão pensar, e que para existir não tem necessidade de logar algum, nem depende de qualquer cousa material, de sorte que este eu, isto é, a alma, pela qual eu sou o que sou, é inteiramente distincto do corpo...»

Para o animista é a alma que faz viver o corpo, agindo directamente sobre os órgãos. Assim é ella que faz «bater o coração, contrahir os musculos, secretar as glandulas, funcionar todos os appparelhos».

Mas como a alma, substancia espiritual, póde agir directamente sobre o corpo, substancia material?

LEIBNITZ pretendeu cortar o nó gordio com a celebre theoria da *harmonia preestabelecida*. «As almas se accordam com os corpos em virtude d'esta harmonia, preestabelecida desde a creação e não por uma influencia physica, mutua e actual. Tudo isto se passa na alma como se não houvesse alma».

Outra difficuldade com que luctava o animismo é que, pensava-se, os phenomenos psychicos são consciences, reflexos e voluntarios ao passo que os

phenomenos physiologicos são automaticos, involuntarios e inconscientes. E então como comprehender o commercio entre elles?

Para conciliar a opposição attribuiram-se á alma dous modos de acção: um exercendo-se sobre os phenomenos do pensamento e em que ella age com reflexão, consciencia e vontade; outro exercendo-se sobre os phenomenos physiologicos e em que sua acção é automatica, inconsciente e involuntaria.

Os vitalistas consideram os phenomenos vitaes como phenomenos especificos, completamente irreductiveis aos phenomenos physico-chimicos e aos phenomenos psychicos.

O isolamento, porém, se tem mantido mais firme do lado espiritual que do lado inorganico. Com effeito, os neo-vitalistas não desconhecem que as leis da physica e da chimica agem sobre o organismo, e, á proporção que elles foram reconhecendo esta influencia, a força vital se foi modificando desde a primitiva fórma de especie de divindade a architectar-se com suas proprias mãos até á concepção da idéa directriz, sem existencia objectiva, sem virtude efficiente, sem papel executivo, necessidade do espirito, conceito metaphysico, pelo qual a intelligencia reúne e explica uma successão de phenomenos physico-chimicos.

Do lado psychico, porém, a barreira subsiste nitida. Nós não sentimos as pancadas do coração, os movimentos do pulmão, as dilatações das arterias. A alma que tem consciencia de seus actos ignora o que passa no corpo. «PYTHAGORAS, diz DASTRE, distinguia a alma verdadeira, a alma pensante, o *nós*, principio intelligente e immortal, caracterizado pelos attributos da consciencia e da vontade, do principio

vital da *Psyché*, que dá ao corpo o sopro e a animação, que é uma alma de segunda magestade, activa, passageira e mortal. Aristoteles fazia o mesmo: punha de um lado a alma propriamente dita, *mens* ou intellecto, isto é, o entendimento com suas luzes racionais; do outro lado era o principio director da vida, a *psyché*, irracional e vegetativa.

A falta dos univitalistas, attribuindo a explicação dos phenomenos vitales a uma causa extranha á materia viva, causa immaterial, sem substancia, foi attenuada pela concepção dos plurivitalistas, que consideram os phenomenos vitales como manifestações da actividade da substancia viva proveniente do arranjo das moleculas, de que é formado o organismo.

Considerando os phenomenos vitales como manifestações de actividade da substancia viva, BICHAT e os sabios de seu tempo commetteram o erro de considerar as propriedades vitales não sómente como distinctas das propriedades physicas, mais ainda como oppostas a ellas.

E' bem conhecido o quadro que a proposito pinta CUVIER. E' uma rapariga em todo o vigor e brilho da mocidade ferida violentamente pela morte. As formas esculpturaes se apagam para apparecer a saliencia angulosa dos ossos; os olhos outr'ora scintillantes se tornam turvos, a côr de rosa da tez cede logar á pallidez, a flexibilidade graciosa do corpo á rigidez do cadaver. Depois, mais horriveis transformações se operam: as carnes passam do azul ao verde, do verde ao negro: uma parte se desfaz em materia putrida, a outra em emanções infectas.

CUVIER attribuio estas modificações á acção do ar, do calor, da humidade. Enquanto o corpo esta-

va vivo estes agentes eram impotentes em face das propriedades vitales, que reagiam contra elles, mas uma vez morto o organismo, sua acção se torna efficaz. BICHAT, porém, teve uma idéa genial: foi a descentralização da vida. A vida deixou de ser localizada no estomago, como entendia VON HELMONT, no sangue, como pensavam os judeus, ou no bulbo rachidiano, como queriam LEGALLOIS e FLOURENS, e passou a ser considerada como a somma total da actividade dos diversos seres de que se compõe o organismo.

Esta descentralização foi pouco a pouco estendendo-se dos órgãos aos tecidos, dos tecidos aos elementos anatomicos, dos elementos anatomicos ás cellulas.

Para os unicistas no admiravel encadeiamento dos reinos mineral, vegetal e animal, tão intimamente ligados entre si, de maneira que não se póde comprehender um independente do outro, a solução do problema está em attribuir a vida ao atomo e em não ver nos diversos modos de ser dos individuos senão uma questão de maior ou menor complexidade de agrupamentos de atomos.

Assim a combinação de atomos produziria a vida chimica, a combinação de moleculas a vida physica, a combinação de cellulas a vida physiologica, a combinação de órgãos a vida psychica.

Póde-se admittir que a materia seja movel e não movida, activa e não inerte, e, entretanto, não identifical-a com a vida. E' o que resulta das experiencias de BOHR, o famoso physiologista de Copenhague, e de HEIDENHAIN, o celebre professor de Breslau.

O ar e o sangue estão em presença um do

outro no pulmão, separados simplesmente por uma membrana muito fina, formada de cellulas vivas. De que modo se vai portar esta membrana? Tão sómente segundo as leis da diffusão gazosa? As experiencias de BOHR não deixam duvida a respeito: as cousas se passam de modo differente, de conformidade com as leis da secreção, phenomeno physiologico, que se não confunde com a simples diffusão.

O mesmo se dá com o que se refere ás trocas que se realizam na intimidade dos tecidos entre os liquidos (lymphas), que banham exteriormente os vasos sanguineos, e o sangue que elles contêm.

Uma perfeita metabole se realiza, a passagem do liquido assume uma feição physiologica.

Sim, impossivel de definir a materia tão sómente pelo pensamento: esta materia que não consiste senão na extensão, e esta alma que não consiste senão no pensamento são puros conceitos do espirito. Mas, porque as forças physico-chimicas e physio-psychicas se influenciam, nem por isso se podem dizer identicas.

«Quando o esculptor modela a estatua, diz DASTRE, ha em cada golpe que faz saltar um pedaço de marmore, mais alguma cousa do que a força viva do martello; ha o pensamento, a vontade do artista, que realiza um plano.»

Se as transformações por que passaram as doutrinas philosophicas da vida foram no sentido de cessarem de exercer sua tyrannia sobre as investigações scientificas e se, hoje, os biologos se esforçam por se livrar de compromissos philosophicos, esta prudencia não exclue a tendencia para explicações mechanicistas ou teologicas.

Por este lado não é rigorosamente exacto dizer-se que a sciencia ganha todos os dias o que perde a philosophia. Sciencia e philosophia giram em espheras distinctas ; mas nem por isto se movem em campos inimigos.

Na parte relativa á etiologia do genio ainda estamos em desaccordo com o dr. Arthur de Araujo Jorge, por consideral-a mais uma questão de philosophia social do que de philosophia biologica.

«Considerando o problema na posição em que eu o colloco e resalvo, diz o joven philosopho, ella assume como é facil averiguar com a leitura attenta das sequentes considerações, uma feição nova, ignorada e desconhecida a todos quantos fizeram d'elle objecto de suas meditações. Em auctor algum dos que me auxiliaram na feitura deste trabalho, encontrei formulada a doutrina que perfilho e creio possuo elementos para julgal-a senão verdadeira, em vista da fragilidade das que se têm apresentado na investigação da etiologia do genio, pelo menos provavel, não sómente devido a uma convicção minha, intima e inabalavel, haurida no estudo acurado feito sobre alguns destes grandes vultos que a humanidade guarda carinhosamente no pantheon de suas glorias, como tambem mercê de um certo numero de factos arduamente obtidos e que parecem comproval-o ; limito-me ao que fez Bovio quando teve de expor a sua opinião, fragilima aliás, sobre o genio : *io ho sbozzato una dottrina con esiguo numero di nomi e de esempi*. Sendo assim é claro que me assiste o direito indiscutivel de avocar a autoria da doutrina que sustento, emquanto não se provar a inexistencia dos factos que estudo ou a sua synthetização em doutrina alheia, »

Antes de tudo o auctor indaga o que constitue o genio e como elle póde e deve ser definido.

Para o dr. Arthur de Araujo Jorge o que caracteriza o genio é a originalidade, esta faculdade inventiva que divisa sempre «nas cousas um aspecto novo além do reservado á generalidade dos mortaes», como transuda de suas proprias palavras:

«Segundo o meu modo de ver e tambem de quantos têm procurado estudar o phenomeno da genialidade, o genio em si, em sua essencia intima, abstracção feita de sua causa genetica, é a mais elevada faculdade de synthetização mental, affectiva ou volitiva que se póde encontrar n'um cerebro humano. A' primeira vista este conceito geral parece vago, inconsistente devido á essencia de um criterio seguro para differençar as faculdades ordinarias da psyché humana; entretanto aquella formula encobre um caracteristico saliente, essencial á genialidade e que se encontra fatalmente, todas as vezes que defrontamos um homem verdadeiramente superior; é a originalidade no modo de ser impressionado pelos phenomenos do mundo exterior e de explical-os á luz do seu espirito, é esta faculdade inventiva que descobre sempre em todos os problemas uma face até então velada á investigação humana. KEPLER ou NEWTON, GALILEU ou LAPLACE, HUGO ou BYRON, SHAKESPEARE ou GOETHE, todos são victimas deste phenomeno de diplopia mental pelo qual elles divisam nas cousas um aspecto novo além do reservado á generalidade dos mortaes, creando assim um mundo idéal e phantastico, á semelhança d'aquelle em que vivia mergulhado PHIDIAS que, quando esculpia uma estatua de Jupiter, não tiuha sob as suas vistas um modelo

commum, mas um typo perfeito, idéal de belleza que lhe guiava a mão e a arte, segundo a expressão de CICERO. É a mesma idéa de ANTONIO RAND, o erudito italiano que consagrou á dynamica genial um livro que não será esquecido, quando inquirindo, no genio, dos caracteristicos que o elevavam acima do nivel da vulgaridade, disse: «considerando le note differenziali del genio si trovano queste due, l'originalità, rispetto *alla potenza*, la scoperta del vero, rispetto *al termine*.»

Se o que caracteriza o genio, fosse o que ha no grande homem de original, exclusivo, pessoal, seria impossivel fazer delle assumpto de sciencia. A sciencia não se occupa senão do que é geral, commum, permanente.

O mundo psychico apresenta uma face differencial ao lado da semelhança, quer dizer, offerece uma somma de caracteres communs, geraes, e ao mesmo tempo um quantum de elementos proprios, individuaes, exclusivos.

No genio não falta esta dualidade: elle tem um lado commum com os outros individuos e um lado proprio, individual, exclusivo. O progresso de um acompanha o progresso do outro, e por isso é que o homem é sociavel na medida, em que é original.

Esta correlação dá bem a entender que o genio não póde ser encarado exclusivamente pelo que elle tem de proprio, de pessoal, de original. Ao contrario, não é senão o que o genio tem de commum com os outros individuos que explica o prestigio e a influencia que elle exerce sobre a communhão.

Esta influencia e prestigio se exercem por muitos modos, pela força, pela intelligencia, pela

astucia, e até pelo dinheiro, quando aquelle que o possui sabe aproveitar-se delle para impor á multidão respeito.

Aqui está porque Draghicesco considera o grande capitalista uma das manifestações do genio economico, pela ascendencia consideravel que elle mantém na sociedade. A questão é o modo pelo qual elle administra esta fortuna, que lhe dá prestigio.

E' difficil dizer se Cicero exerceu mais influencia pela maravilhosa eloquencia do que pela colossal riqueza que possuiu.

O genio se carecteriza mais pelo que tem de exterior do que pelo que elle possui de intimo, de maneira que se póde dizer de um modo um tanto paradoxal, porém não menos expressivo, que o genio é mais o pantheon, o monumento, a estatua do que o proprio grande homem, e isto por uma razão muito simples: é que o monumento traduz a influencia e o prestigio do genio sobre o commum dos mortaes, sem as falhas que foram proprias do grande homem.

A reputação, a fama, a consideração, embora exterior, é elemento integrante, essencial do genio.

Assim concebido, o genio perde a feição mysteriosa, enigmatica que lhe attribue a psychogia individualista, e todo o homem, por mais humilde que seja sua posição social, fica habilitado a tocar ás raias da genialidade, conforme a influencia que elle venha a exercer sobre seus semelhantes.

O genio é ao mesmo tempo uno e colectivo, e elle não se distingue do commum dos homens senão em que é mais semelhante aos que não são tão semelhantes entre si.

E' esta semelhança, esta analogia com a massa

que dá ao individuo aquella força psychica extraordinaria, aquelle poder de suggestão excepcional, que o transfigura em genio aos seus proprios olhos e aos olhos da sociedade.

Alguem já comparou o grande homem, artista, poeta, sabio ou politico, a uma especie de capitalista: elle accumula em sua alma as idéas e os sentimentos de sua epocha como o capitalista accumula em seu cofre os haveres da sociedade.

Assim como, referindo-se ao mundo economico, «Proudhon exclamou: a propriedade é um roubo», da mesma sorte, um revolucionario moderno, referindo-se ao mundo psychico, poderia com igual propriedade de expressão repetir o mesmo paradoxo—o genio é um roubo.

A verdade é que o genio muito se assemelha á moeda, desempenhando entre as relações psychicas o mesmo papel que a moeda representa entre as relações economicas.

O genio é o intermediario, o agente de circulação, o vehiculo de troca entre as idéas e os sentimentos de seu paiz ou de sua epocha como a moeda o é entre os generos e mercadorias de um dado logar ou tempo.

Nem ha que receiar que se democratize o genio, porque no *processus* de democratização do genio, se baixam os superiores, em compensação os inferiores se elevam.

Se o genio desce do cimo á planicie, o simples mortal sóbe da obscuridade de seu nascimento à gloria de seus feitos.

E' preciso varrer do espirito essa concepção pseudo—scientificas, que busca a causa unica do

genio na hereditariedade, proxima ou remota, directa ou collateral.

Já lemos que o genio é como o pedaço de crystal cahido em uma solução chimica, cuja composição é igual á sua: se elle modela a massa á sua imagem é porque sua natureza intima é identica á da massa, como a natureza atomica do crystal é identica á da solução, que toma a fórma crystalina.

Arthur Orlando.





A.-G. Araujo Jorge

Raros, rarissimos são os moços que, ao despedir-se de nossa Escola Juridica, deixam a scintillante trajetoria traçada pelo nosso talentoso e incansavel companheiro, cuja ausencia ora nos alanceia o coração, Dr. A.-G. de Araujo Jorge.

Não precisamos de largo dispendio de vocabulos elogiosos para esboçar o perfil de Arthur Jorge : basta memorar que, na idade em que seus companheiros se entregam, em sua generalidade, aos prazeres e á leitura de livros literarios cujo fim precipuo é o de-leitar o espirito que não illustral-o, a Jorge tornou-se familiar a leitura dos grandes philosophos, de cuja convivencia surdiu esse livro—«Problemas de philosophia biologica» que acabámos de editar e que tem valido ao joven philosopho os mais incondicionaes

applausos de Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Alfredo de Carvalho, Theotonio Freire, Raul Azedo e Amelia Bevilaqua.

Nascido aos 29 de Setembro de 1884, no visinho Estado do Sul, elle é filho do illustrado Desembargador da Relação de Maceió, Dr. Rodrigo de Araujo Jorge e de sua Exm.^a esposa D. Emilia de Araujo Jorge.

Tendo feito os exames de preparatorios dos 13 aos 15 annos de idade (1897-99), matriculou-se no primeiro anno do curso juridico-social de nossa Faculdade em março de 1900.

Muito embora o seu espirito indagador se adaptasse melhor ás sciencias philosophicas, Jorge conseguiu obter distincções em 13 das 16 materias que compõem o curso. E', pois, um dos *laurcados* d'este anno.

Durante o curso do seu 3.^o anno compoz os seguintes trabalhos: A BIOLOGIA E A PHYSICO-CHIMICA, a HEREDITARIEDADE DE INFLUENCIA, a DYNAMICA VITAL e, nas ferias do 4.^o anno, o GENIO, todos enfeixados no volume a que acima nos reportámos.

Foi um dos redactores da REVISTA JURIDICA, orgam do «Gremio Juridico Teixeira de Freitas» e fundou com Guimarães Junior A TRIBUNA, orgam bi-semanal, de duração ephemera.

No seu 5.^o anno regeu no acreditado Instituto Leibnitz, sob a intelligente direcção dos Drs. Hersilio de Souza e Guimarães Junior, as cadeiras de Historia Natural e Philosophia do Direito, revelando nas suas prelecções grande somna de conhecimentos que contrastavam com a sua idade juvenil.

Como orador, elle teve de, innumeradas vezes, expôr-se aos applausos de seus collegas e da multidão, quer em sessões literarias em que representava o « Club Academico » e o seu anno, quer em *meetings* populares, em que se revelava um agitador das massas.

Arthur Jorge é desses de quem a Patria e as Letras muito esperam.

Que elle, percorrendo sempre a trilha que até hoje se impoz, traduza na mais palpavel realidade as promissoras e risonhas esperanças que o circumdam.



AGUAS PASSADAS

Ao Gervasio Fioravanti.

I

Vae-te, foge de mim, não quero ver-te. Agora
vivo alegre e feliz pela existencia afora.
Sou bohemio e cantor. Os meus novos amôres
tenho-os ao gosto meu, como bouquets de flôres.
Eu não quero illudir-te, eu não quero illudir-me
que ao teu lado, bem vês, sou maior, sou mais firme,
sou grande como um deus, forte como um carvalho
e a luz de meu perdão sobre o teu rastro espalho.
Em ti vejo somente a mulher moça e bella,
na apparencia a visão de uma que amei, singela,
de uma que eu sempre quiz, de quem tenho a lembrança
como de um sonho bom que bem longe descança.
E' tudo. Nada mais. O que resta é o presente,
— a mulher, a poesia e o vinho bom somente.

II

E adeus ! foge de mim, vae-te, segue o teu rumo.
O que foste eu sonhei, nosso passado é o fumo
que a lufada varreu. Tu não foste mais nada
do que a fria visão de uma noite gelada.
Veio o dia, acordei. Da visão nada resta :
hoje é a luz, o trabalho; a natureza em festa
canta um hymno triumphal glorificando a vida.
Nem a nodoa siquer de uma nuvem perdida...
E', por isso, bem vês que seria loucura
repousares ainda a tua frente pura
um minuto siquer, um segando, um momento,
sobre o meu coração mais voluvel que o vento.

III

Eu não venho evocar o teu amor, nem tenho
a minima intenção de te ser agradável,
tu bem sabes de mim que tudo isso desdenho,
—quanto a farça ao meu ver sempre me foi odiavel.

—Consequencias talvez de um cabellino branco
que hontem mirando o espelho encontrei na cabeça,
hoje muito mudei, sinto-me até mais franco,
de tudo falo mal, mereça ou não mereça.

Gosto menos de Deus que da litteratura,
leio as « Flores do Mal » e desprezo o Evangelho;
e em direito eu bem sei que a minha compostura
nem siquer teve o olhar de um magistrado velho.

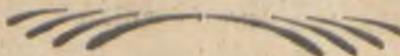
Tenho momentos máos,—fructos da experiencia,
e o meu senso commum é tão fiel e é tanto
que, embora eu viva a crer na tua complacencia,
fujo do teu olhar todo mysterio e encanto.

Porque, emfim, quero crer que, se ainda me queres,
não m'o diz, como outr'ora, esse olhar que me fitas
e amo o bello, a poesia, amo o vicio, as mulheres,
pondo acima de tudo as mulheres bonitas.

Comtudo inda não puê habituar-me á vida
que hoje vivo arrastando—insolente grilhêta—
e até sinto a minh'alma estremecer ferida,
quando accaso recordo a tua trança prêta.

Recife—1904.

CRUZ OLIVEIRA.





Bachareis de 1904



O Correio Acadêmico

ANNEXO A "A CULTURA ACADEMICA"

Assignatura	REDACTOR	Publicação
GRATIS	<i>J. E. da Frota e Vasconcellos</i> <i>Bibliothecario da Fac. de Direito</i>	BIMESTRAL

O Correio Acadêmico

Honramos nossa primeira columna com os nomes dos illustres moços que concluíram o seu curso no corrente anno.

A todos desejamos farta messe de louros no decorrer da carreira que adoptarem.

Lista dos Bachareis que receberam o grão em 1904

- | | |
|---|--|
| 1 Abilio Machado da Cunha Cavalcanti. | 19 Clemente Rosas. |
| 2 Achilles Revilaqua. | 20 Climaco Xavier da Cunha. |
| 3 Adalberto Peregrino da Rocha Fagundes. | 21 Clodomir Cardoso. |
| 4 Adolpho Arminio de Souza Rodrigues. | 22 Ernesto Claudino de Oliveira Cruz. |
| 5 Amadeu Martins Machado. | 23 Ernesto da Costa Alecrim. |
| 6 Amaro Epiphanio de Vasconcellos Martins. | 24 Eugenio Meira de Vasconcellos. |
| 7 Antonio Rodrigues Villares. | 25 Francisco Antonio da Costa Palmeira. |
| 8 Antonio Venancio Cavalcanti de Albuquerque. | 26 Francisco José da Silva Guimarães Junior. |
| 9 Apollonio de Perga Bandeira de Barros. | 27 Francisco da Silva Jucá Filho. |
| 10 Arnulpho de Barros Lins e Silva. | 28 Gaspar Wanderley Loyo. |
| 11 Arthur Cordeiro dos Santos. | 29 Gentil Homem de Barros Leal. |
| 12 Arthur Guimarães de Araujo Jorge. | 30 Helvecio Gomes de Carvalho Guimarães. |
| 13 Arthur Virgilio do Carmo Ribeiro. | 31 Henrique Cavalcanti Queiroz Monteiro. |
| 14 Arthur Paulino Cabral. | 32 Herminio de Lima Botelho. |
| 15 Benedicto de Abreu Lima. | 33 Hermogenes Sancho Bezerra Cavalcanti. |
| 16 Benjamin Baptista Lins de Albuquerque. | 34 Ildefonso de Carvalho e Silva. |
| 17 Braz Netto Carneiro Leão. | 35 João Augusto de Castro e Silva. |
| 18 Celso Dantas Salles. | 36 João Feliciano da Motta e Albuquerque. |
| | 37 João Francisco Dantas Salles. |
| | 38 João Vieira de Souza Filho. |
| | 39 Joaquim Alerano Bandeira de Barros. |
| | 40 Joaquim de Arruda Falcão. |
| | 41 Joaquim de Barros Correia. |
| | 42 Joaquim Herculano de Figueiredo. |
| | 43 José Affonso Valente de Lima. |
| | 44 José Antonio Coelho Ramalho. |

- 45 José de Araujo Pereira.
 46 José Canuto Santiago Ramos Sobrinho.
 47 José Feliciano da Motta e Albuquerque.
 48 José Francisco Ribeiro.
 49 José Maria Correia de Araujo.
 50 José Maria Gomes Correia de Oliveira.
 51 José da Rocha Cavalcanti.
 52 José de Sá Peixoto Filho.
 53 Julio Auto da Cruz Oliveira.
 54 Leopoldino do Rego Lisboa.
 55 Lindolpho Pessoa da Cruz Marques.
 56 Luiz Avelino Paes de Albuquerque.
 57 Luiz Barretto Correia de Menezes.
 58 Luiz Candido Pontual de Oliveira.
 59 Luiz Gonzaga Leite Mafra.
 60 Manoel Augusto de Oliveira.
 61 Manoel Florencio de Alencar Araujo.
 62 Manoel Fernandes da Cruz Ribeiro.
 63 Manoel Joaquim de Castro Madeira.
 64 Manoel Lustosa de Freitas.
 65 Mathias Carlos de Araujo Maciel Filho.
 66 Mathias Olympio de Mello.
 67 Nilo Bezerra de Mello.
 68 Nilo Dornellas Camara.
 69 Octavio da Cunha Cavalcanti.
 70 Olivio Dornellas Camara.
 71 Oswaldo de Carvalho Soares Brandão.
 72 Ovidio da Costa Gouveia.
 73 Pedro Augusto Carneiro Leão.
 74 Raymundo Avertano Barretto da Rocha.
 75 Severino Marques de Queiroz.
 76 Sizenando Elyσιο Silveira.
 77 Ulysses Elyσιο do Nascimento Wanderley.
 78 Vicente de Lemos Filho.

Os ns. 19, 29, 59 e 73 receberam o gráo no principio do anno.

Pela Republica das Letras

A sympathia que a *A Cultura Academica* vai despertando em todos os centros intellectuaes, onde ainda se veneram e cultuam as preoccupações da vida do espirito, é, incontestavelmente, um presagio feliz de seu futuro. De todos os pontos do Brasil surdem manifestações espontaneas de solidariedade aos grandiosos intuitos da revista, manifestadas pela remessa constante de livros, revistas, jornaes etc. Cumpre-nos registrar aqui e agradecer a remessa dos seguintes trabalhos não dignos de despreço.

Lemos, por obsequio de seu autor, DOUS DISCURSOS da lavra do Dr. Phaelante da Camara, proferidos: um em nome da Congregação no momento de sahir do edificio da Faculdade de Direito o cadaver de Martins Junior, para ser dado á sepultura; outro no character de presidente da commissão promotora das homenagens posthumas tributadas ao inolvidavel republicano, por occasião de ser inaugurado o seu retrato no salão nobre da Faculdade. As duas peças oratorias denotam a masculinidade do espirito de seu auctor já affeito, por uma faina de muitos annos, aos prelios do saber e da intelligencia: os seus discursos constituem mais uma prova de seu grande talento e da versatilidade de sua erudição.

A Officina Literaria Martins Junior enviou-nos, igualmente, um fasciculo contendo a conferencia realizada por Clovis Bevilaqua, por solicitação da mesma. A MISSÃO POLITICA DE PERNAMBUCO INDICADA PELO CONJUNTO DE SUA EVOLUÇÃO HISTORICA é o titulo d'essa peça magistral, onde não se sabe o

que mais admirar se o estylo scintillante e não raro animado com o fulgor da eloquencia vibrante e arrebatadora, se o desennovellamento das idéas que se vam desatando umas das outras, sem esforço, natural, espontaneamente. E' a primeira conferencia da serie que se impoz realizar a Officina, buscando n'estes publicos ensinamentos a educação civica do povo, procurando incutir no espirito dos cidadãos os verdadeiros e são principios da democracia, como o alvo supremo a que tendem todos os povos em seu evolucionamento ascensional.

Sobre os ENSAIOS DE CRITICA de Arthur Orlando escreveu João Barretto de Menezes uma apreciação em que destaca os varios estudos da obra de Arthur Orlando, submettendo-os a uma analyse severa e imparcial e salientando a potencia intellectual do eminente homem de letras da Philocritica. João Barretto revela-se-nos o espirito curioso e irrequieto, a intelligencia esclarecida ajudada de um seguro criterio philosophico, necessitando, apenas, abeberar-se em caudaes onde melhor possa depurar-se, inteiramente, o seu espirito dos estos e arrebatamentos da mocidade.

O Sr. Adalberto Peregrino, ha pouco diplomado pela nossa Escola, mandou-nos o seu primeiro livro de versos SRTES-TRELLO--as primicias de seu talento aproveitavel e esperançoso. E' de crêr que o talentoso poeta continue a estudar e nos offereça um livro que seja a synthese de suas aspirações, de seus desejos, de seus ideaes: por emquanto, o seu livro vale simplesmente como um livro de estréa:--possue defeitos e virtudes naturaes e peculiares á epocha em que foi concebido. A linguagem não é sempre corre-

cta e o seu estylo ainda não tem aquella serena uniformidade que caracteriza os escriptores de raça. Ao lado de composições que não darão glorias ao seu autor, vicejam outras que attestam o seu talento e éstro.

Os ELEMENTOS DE DIREITO ROMANO, editados pelo operoso e intelligente livreiro Sr. Manoel Nogueira de Souza e da lavra do illustrado Dr. Barros Guimarães, saudoso lente de nossa Faculdade, constituem um magnifico resumo das lecções professadas por aquelle illustre mestre e sam um livro de innegavel utilidade para os que desejarem conhecer a parte introductoria da sciencia de Papiniano. A prova d'isso está em que se exgottou por completo a primeira edição.

Por offerta do illustrado Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, operoso director da Bibliotheca Nacional, recebemos os volumes XXIV e XXV [annos 1902 e 1903] dos ANNARS publicados sob sua competente direcção; são elles constituídos pelos primeiros livros da obra inedita de D. Domingos de Loreto Couto, intitulada *Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco*, pelas peças do processo instaurado contra João de Bolés e a justificação por elle requerida, e por dous relatorios dos trabalhos da Bibliotheca Nacional referentes aos annos de 1901 e 1902.

Os NOVOS POEMAS de Annibal Amorim primam pela correcção dos versos e pela serenidade que paira por sobre todas as suas estrophes sem, nem por isto, deixar em alguns de pulsar, forte e vibrante, a vida universal.

O drama de Segundo Wanderley -- AMOR E CIOME--não prima pela originalidade de concepção: vasado em mol-

des antigos, elle salienta-se pela correcção da phrase e delicadeza do estylo.

Além dos trabalhos mencionados ainda recebemos: o eloquente discurso proferido na sessão funebre com que a Faculdade de Direito do Ceará solemnizou em 22 de Setembro deste anno o trigésimo dia do fallecimento de Martins Junior, pelo talentoso Dr. Raymundo Francisco Ribeiro, representante do Corpo Docente da mesma Faculdade;

Um fasciculo contendo uma serie de artigos dos Drs. Frederico Pires e Francisco Pires de Castro, refutando as falsidades do Sr. Jonas Correia;

UM IMPOSTO CONSTITUCIONAL, razões finaes na acção civil ordinaria em que sam autores alguns commerciantes de Manãos e réos a Fazenda publica do Estado e o Banco Amazonense, firmadas pelo procurador da ré o nosso talentoso amigo Dr. J. C. da Rocha Cabral, conceituado advogado no fóro de Manãos;

Minuta do agravo commercial interposto de uma decisão de um dos juizes de Belem para o Tribunal Superior de Justiça do Estado do Pará pelo advogado dos aggravantes o Dr. Samuel Mac-Dowell, nosso distincto confrade e lente de nossa Escola Juridica, que teve occasião de revelar mais uma vez a cultura juridica de que é possuidor;

Não menos juridica e attestatoria de vasto saber é a SUSTENTAÇÃO DE EMBARGOS feita na celebrada questão dos terrenos do Jacutinga, (fóro de Macaé) pelo pulso firme do provecto, ainda que joven, advogado e nosso doutissimo companheiro de redacção dr. Joaquim Guedes Corrêa Gondim Filho.

Revistas

Temos muito prazer em confessar-nos penhorados á gentileza de *Os Annaes*, valoroso hebdomadario de Domingos Olympio que nos visita assiduamente desde seu apparecimento e que teve para commosco (no seu n. 6) palavras de carinho que muito nos sensibilizaram.

A Renascença, o impecavel mensario de arte que obedece á orientação de Rodrigo Octavio e Henrique Buarque de Lima e sáe dos prelos da acreditada casa E. Bevilaqua & C., seus editores-proprietarios, distinguimos tambem com sua sempre desejada visita. Folheamos com verdadeiro goso os seus ns. 7 e 8 (Setembro e Outubro).

Agradavel surpresa nos causou Felicio Buarque remettedo-nos os fasciculos 7 a 9 (Setembro a Novembro) da sua elegante *Revista de Uberaba*, cujos summarios variados e bem escolhidos agradam ao paladar dos mais exigentes.

Distinguiu nos tambem com sua amavel presença o *Arquivo de Jurisprudencia* (ns. 17 e 18, Julho-Agosto) que continúa a ser o que sempre se manifestou—uma revista bem escripta e bem feita, capaz de prestar os melhores auxilios aos magistrados e advogados que della se utilizarem;

Recebemos igualmente os fasciculos correspondentes a Outubro e Novembro da *Revista de Legislação* que se publica no Rio sob a competente direcção de J. E. Torres Camara;

A Via Lucis, oriunda da Escola Preparatoria e de Tactica de Realengo, e que obedece á orientação de Luiz Fernandes tambem nos trouxe seus dous ultimos ns. (Outubro e Novembro);

A Tribuna, revista do Congresso Literario de Natal, sob a habil direcção do nosso distincto collega Dr. Pinto de Abreu que distribuiu o n. 4 do 9.º anno (12 de Outubro) com um convidativo summario;

Alma-nova que acaba de surgir com vontade de viver, o que é de crer aconteça, attento o esmero com que está trabalhado o seu 1.º fasciculo (Novembro).

Jornaes

Agradecemos, penhorados, a visita dos seguintes: *Folha do Norte*, Belem; *Gazeta de Alemquer*; *A Republica*, *Liberdade*, *O Germinal*, Fortaleza; *A Cidade*, Sobral; *O Correio de Sobral*; *O Canindé*; *O Guttenberg*, *O Evolucionista*, *A Tribuna*, *O Correio de Alagoas*, Maceió; *Lavoura e Commercio*, Uberaba.

Pela Faculdade

Phaelante da Camara, o talentoso cathedraico de direito penal, foi no dia 5 de Novembro alto, por parte de seus discipulos do 3.º e 5.º annos, de honrosa e merecida manifestação de apreço. E' o caso que elles, representados por uma commissão composta dos srs. Antonio Venancio (presidente), Araujo Jorge, Manoel Madeira, José de Borba, Paulo Salgado e Sizenando de Oliveira, promoveram uma sessão literaria a que compareceu crescido numero de lentes e de estudantes e selecto auditorio para collocar na gloriosa galeria dos lentes da Escola o retrato do seu estimado mestre. A reunião foi presidida pelo Dr. Adolpho Cirne, tendo orado como interprete

de seus collegas o bacharelando Araujo Jorge e por parte da Congregação o Dr. José Vicente Meira de Vasconcellos.

Após a sessão, grande numero de estudantes e convidados acompanhou até a casa de sua residencia o Dr. Phaelante que a todos fez servir bebidas, trocando-se, por essa occasião, cordeaes *toasts*.

A' noute, o bacharelando Antonio Venancio offereceu na casa de sua residencia um bem servido banquete aos seus companheiros de commissão, tendo tambem comparecido o protagonista da festa. Houve diversos brindes, qual o mais effusivo.

No dia 9 do mez proximo passado teve logar uma singela mas significativa homenagem de apreço e saudade ao inolvidavel mestre de nossa Escola Dr. Antonio Estevam de Oliveira, tam cêdo roubado aos seus discipulos, companheiros e parentes.

Nesse dia, por iniciativa dos seus alumnos do 4.º anno e dos membros do corpo administrativo da Faculdade, representados por José Carlos, Hemeterio Maciel e Ranulpho Silva e Drs. Frota e Vasconcellos, Eduardo Tavares e João Pessoa, inaugurou-se no salão de honra da Faculdade o retrato de Antonio Estevam.

Por occasião da sessão p'ra tal fim realizada oraram o Dr. Adelino Filho (presidente), José Carlos, representando o 4.º anno, Eduardo Tavares, por parte do corpo administrativo, Dr. Gervasio Fioravanti, agradecendo em nome da Congregação, Eugenio de Sá Pereira, pela Officina «Martins Junior», e Francisco Cabral pelo «Club academico». Estiveram presentes os illustres filhos do pranteado professor.

No dia 15 de Novembro foi collocado na galeria dos retratos dos lentes da Faculdade o do glorioso homem de letras e incorruptivel republicano Martins Junior. A reunião foi presidida por Clovis Bevilacqua que pronunciou ao abrila e encerralla breves e eloquentes orações.

Orou brilhantemente Phaelante da Camara, offerecendo á Congregação o retrato de Martins Junior em nome da Comissão promotora das homenagens ao immortal pernambucano.

Estiveram presentes á imponente sessão os dignos paz e irmãos de Martins que offereceram, por essa occasião, a Phaelante da Camara as insignias doutoraes que pertenceram ao saudoso extincto.

No dia 17 do corrente teve lugar no salão de honra da Faculdade a inauguração solemne do retrato do erudito cathedra-tico de direito internacional o Sr. Dr. José Vicente Meira de Vasconcellos. A reunião foi presidida pelo venerando director da Faculdade, tendo sido orador por parte de seus collegas o bacharelado Nylo Camara, e por parte da Congregação o Dr. Laurindo Leão que proferiram eloquentes orações.

Em seguida á inauguração do retrato do Dr. José Vicente no salão nobre da Faculdade teve lugar a collação de gráo de bacharel aos moços que terminaram o seu curso e haviam requerido o gráo collectivo.

O orador da turma, o bacharelado Benjamin Lins leu por essa occasião um bem trabalhado discurso em que fez a psychologia do direito no Brazil. Em seguida o paranympho dos bacharelados, o illustrado Dr. Adolpho Cirne leu o seu

erudito discurso em que se despedio de seus antigos discipulos e novos collegas.

Falou por ultimo o director da Faculdade que agradecendo a presença dos circumstantes, encerrou a sessão.

Foi uma bonita festa a realizada pelos illustres bacharelados deste anno por occasião de lhes ser conferido o gráo conquistado pelo seu talento e amor ao estudo.

Por casl

O discurso com que o dr. Arthur Muniz honra hoje as nossas paginas foi por S. S. proferido, como representante da Academia de Letras e orador do Instituto Archeologico na sessão magna realizada pela Academia Pernambucana de Letras em commemoração ao centenario do grande vulto nacional — Maciel Monteiro.

No artiguete—datas e factos—sobre o Dr. José Hygino deu-se um ligeiro engano. O notavel pernambucano foi deputado provincial pelo Estado de Santa Catharina e não pelo seu Estado natal, como ali se lê.

O 4.º numero d'«A Cultura» deve sair a 24 de Fevereiro, dia da promulgação do nosso pacto fundamental.

Nelle daremos, alem de outros, os clichés dos moços laureados, este anno, pela Faculdade e dos que tiveram a nota —Distincção—em todas as materias de cada anno.

A Cultura Academica

TIRAGEM 2.500 EXEMPLARES

TABELLA DE PREÇOS DE ANNUNCIOS

Após o texto, papel commum:

1 pag. por 1 vez 15\$; por 1 anno 60\$
1/2 " " " 10\$; " " " 40\$
1/12 " " " 7\$500

Antes do texto, papel velin:

1 pag. por 1 vez 30\$; por 1 anno 120\$
1/2 " " " 20\$; " " " 80\$
1/12 " " " 15\$

Lado externo da capa:

1 pag. por 1 vez 60\$; por 1 anno 240\$
1/2 " " " 40\$; " " " 160\$
1/12 " " " 30\$

Imprensa Industrial

DISPONDO DA MAIOR E MAIS COMPLETA
COLLECCÃO DE material typographico,
EXECUTA NITIDA E PONTUALMENTE TODOS
os trabalhos graphicos desde os avul
sos para o Commercio, Repartições
e particulares, as EDIÇÕES MAIORES DE
obras didaticas, relatorios, livros de
luxo e outras

Officina de pautaço e fabrico de livros

✂ ✂ I. Nery da Fonseca ✂ ✂

RUA V. DE ITAPARICA, 49 E 51
RECIFE

Salão Antunes

Rua Barão da Victoria-14, 1.º andar

N'este bem montado estabelecimento, organizado a capricho, com todas as exigencias da arte e da hygiene, o freguez encontrará, a par da seriedade, completa execução nos trabalhos de cabelleireiro, por preços modicos.

TEM PESSOAL HABILITADO PARA A EXECUÇÃO DE PENTEADOS PARA CASAMENTOS, BAILES, ETC.

Os perfumes, loções, cosmeticos usados são dos melhores fabricantes francezes e americanos: Houbigant, Lubin, Colgate etc.

Cabello e barba 1\$000

EMPRESA

Casa de banhos nos arrecifes

DE

Carlos José de Medeiros

O SANATORIUM do Recife

*Cura certa de diversas molestias, como beri-beri,
fraqueza de pernas,
paralytia, anemias, exgottamentos, impaludismo, etc. etc.*

Acceptam-se pensionistas doentes e são a preços reduzidos.

Papelaria Nogueira

DE

José Nogueira de Souza Filho

69 -- Rua 15 de Novembro -- 69

(Antiga do Imperador)

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortimento de livros em branco de todos os formatos; depósito de papel para escrever e para impressão; tinteiros, pennas, canetas, lapis e todos os accessorios para escriptorio.

Grande sortimento de chromos para presentes e outros misteres.

Especialidade em papeis e cartões para convite, participações de casamento e baptisado.

Officina de typographia, lithographia, pautação e encadernação.

RECIFE

Livraria Boulitreau

Typographia, Encadernação, Pautação e Fabrica de Livros em branco

Para o Commercio e Repartições Publicas

Lins Vieira & C.

Successores de *Tondella, Cockles & Comp.*

46 -- Rua 15 de Novembro -- 46

Executa-se todo e qualquer trabalho tendente á arte typographica com perfeita nitidez.

PREÇOS MODICOS

Pernambuco

FOGÕES, FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS A ALCOOL

AS MAIS APERFEIÇOADAS E ECONOMICAS, INTEIRAMENTE LIVRES DE QUALQUER EXPLOSÃO,
vende a Companhia de Luz e Força Motriz pelo alcool.

13 - RUA 1.º DE MARÇO - 13

Armazem de Molhados

DE
PEREIRA & FERREIRA

40- RUA 15 DE NOVEMBRO - 40

Recife.

Telephone № 5

Neste bem conceituado estabelecimento commercial, encontra o publico um vasto sortimento de generos alimenticios, pela maior reduçãõ de preços. Tem sempre deposito permanente da afamada Manteiga BRETEL; ervilhas TEL-LIER; presuntos de Hastings; chocolate Mènier; doces em calda; queijose biscoutos inglezes, das mais deliciosas e conhecidas marcas.

Um sortimento monumental de vinhos

Recebidos, directamente, de Lisboa e Bordeaux.

OUTRAS BEBIDAS :

COGNAC. OLDTOM e cerveja das melhores marcas.

CHAMPAGNE.. "MONOPOLLE" E "MONTE BELLO"

LICORES FINESSIMOS

A PREÇO SEM COMPETENCIA

Grande quantidade de CARBURETO, recebido directamente de Hamburgo.

Livros de Jurisprudencia

Com um sortimento completo em livros de direito, sciencias sociaes, litteratura etc. obras antigas e as ultimas novidades, de autores nacionaes e estrangeiros a

LIVRARIA ECONOMICA

acha-se ás ordens dos Snrs. Bachareis e alumnos de direito, desempenhando cabalmente qualquer pedido que lhe confiem.

Encarrega-se de encommendas para o interior do paiz e Europa.

Manoel Nogueira de Souza

Rua B. da Victoria - 17

Instituto Pernambucano

Grande estabelecimento de educaçào e ensino fundado pelo DR. VIRGINIO MARQUES e dirigido desde 1897 pelo BACHAREL CANDIDO DUARTE

Installado com todas as aaccomodações necessarias e a maxima hygiene no palacete n. 71 á rua da Aurora, esse antigo Collegio mantem cursos primario, secundario, de madureza, de linguas, desenho, musica vocal e instrumental, gymnastica escolar, esgrima e exercicios de infantaria.

O Curso primario está a cargo do Director.

O Collegio tem serio interesse pela educaçào physica dos seus alumnos.

Ensino civico e religioso.

Corpo docente escolhido.

Internato, Semi-internato e externato

Aurora, 71-RECIFE

Livraria Silveira

14 - Rua Primeiro de Março - 14

Leopoldo A. da Silveira

Especialidade de publicações por assignaturas

Papelaria e Encadernação

Livros de Historia, Litteratura, Romances, Viagens, Bellas-Artes, Jurisprudencia, Religião, Sciencias, Educação, etc.

Actualmente em distribuição:—Margarida de Borgonha, Marquez de Pombal, Luiz de Camões, O Rabi da Galileia, Restauração de Portugal, Obras de Castilho, Herculano, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas e Garrett.

Em publicação:—Biblia Sagrada, Historia de Portugal, Historia Socialista e Maravilhas da Natureza.

A entrar no prelo: Trabalhos de Jesus.

Drogaria e Pharmacia dos Pobres

Pharmaceutico -- J. Arthur de Carvalho

28 - Rua Larga do Rosario - 28

Deposito dos conhecidos preparados pharmaceuticos:

Essencia de salsa caroba e cabacimno, especifico por excellencia contra a erysipela, rheumatismo, elephantiasis, cancos, ulceras de máo character, dartros, empingens e em geral **todas** as molestias da pelle;

Elixir anti-dyspeptico de cammomilla, melissa e papayna, soberano nas affecções do aparelho gastro-intestinal.

O contra veneno de cobras, medicamento infallivel contra o veneno ophidico.

Gottas digestivas, poderoso agente para auxiliar as digestões dentro de 20 minutos; restabelece o appetite e cura as dyspepsias, gastrites etc.

Vinhos de 3 quinas simples, ferruginoso e phosphatado indicado nas convalescenças, anemias e cachexias.

Balsamo philtantropico contra as contusões etc.

Agua de Santa Luzia, sempre empregada com successo nas ophthalmias purulentas.

Grandes descontos aos revendedores

Endereço Telegraphico -- **JAC-PERNAMBUCO**

THEODORO COSTA
LIVRARIA CONTEMPORANEA
2 -- RUA 1.º DE MARÇO -- 2
TELEPHONE N. 540
LIVRARIA, PAPELARIA, TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO
LIVROS DE INSTRUÇÃO PRIMARIA, SECUNDARIA E SCIENCIAS.
ARTIGOS PARA DESENHO E ESCRITORIO, INSTRUMENTOS DE MUSICA, DE CORDA E DE SOPRO.
ACCESSORIOS PARA BILHAR
RAMIRO M. COSTA
ENCADERNAÇÃO
DE
THEODORO COSTA
EXECUTA COM PERICIA E A PREÇOS REDUZIDOS
TODO E QUALQUER TRABALHO, TENDENTE
A SU'ARTE.
6-RUA DUQUE DE CAXIAS-6
(LOJA)
RECIFE

LIVRARIA CONTEMPORANEA

2 -- Rua 1.º de Março -- 2

TELEPHONE N. 540

Livraria, Papelaria, Typographia e Encadernação, Livros de Instrução Primaria, Secundaria e Sciencias.

Artigos para desenho e escriptorio, Instrumentos de musica, de corda e de sópro.

Accessorios para bilhar

Ramiro M. Costa

oooooooooooooooooooooooooooo

ENCADERNAÇÃO

DE

Theodoro Costa

Executa com pericia e a preços reduzidos
todo e qualquer trabalho, tendente
a su'arte.

6-Rua Duque de Caxias-6

(LOJA)

RECIFE

Augusto Cunha

ENCADERNADOR

Esta acreditada officina encarrega-se de todo e qualquer trabalho concernente a esta arte desde o cartonado até a mais luxuosa encadernação de dourado por folhas, assim como de livros em branco para escripturação commercial. Outro sim, encarrega-se de trabalhos *typographicos*, garantindo-se presteza, sinceridade e preços razoaveis.

Contigua à Agencia Jornalística

CÁES DA REGENERAÇÃO N. 26
PERNAMBUCO

Instituto Ayres Gama

GRANDE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO E ENSINO
FUNDADO E DIRIGIDO PELO BACHAREL

Alfredo de Albuquerque Gama

10 - Rua do Hospício - 10

Este estabelecimento de educação reabre suas aulas todos os annos no dia 10 de Janeiro e mantem os seguintes cursos:

CURSO PRIMARIO

de accordo com os methodos mais modernos, sendo o ensino de leitura feito pelo methodo João de Deus.

CURSO SECUNDARIO

conforme os programmas do Governo para as matriculas em qualquer dos cursos superiores da Republica.

CURSO ESPECIAL

Musica vocal e instrumental, desenho, pintura e gymnastica escolar.

Curso nocturno de francez e inglez praticos, portuguez, arithmetica commercial, escripturação mercantil e tachygraphia.

O INSTITUTO mantem um curso de Tiro ao alvo, gratuito para os alumnos internos.

ACEITÁ ALUMNOS INTERNOS, SEMI-INTERNOS E EXTERNOS

ADVOGADOS

Dr. Jito Rosas

Cathedratico da Faculdade
Queimado, 21.

Dr. João Elysio

Cathedratico da Faculdade
15 de Novembro, 36.

Dr. Francisco Alexandrino

Praça 17, 6.

Dr. Costa Ribeiro

15 de Novembro, 32.

Dr. Virginio Marques

Lente da Faculdade
15 de Novembro, 48.

Dr. Adolpho Cirne

Cathedratico da Faculdade
1.º de Março, 22.

Dr. Ferrer

15 de Novembro, 52.

Dr. Clodoaldo Lopes

Estreita do Rosario, 3

Dr. Milet

Cathedratico da Faculdade
15 de Novembro, 45.

Dr. José Vicente Meira

Cathedratico da Faculdade
15 de Novembro, 50

Dr. Xersilio de Souza

15 de Novembro, 22.

Dr. Aprigio Castro

Dque de Caxias, 56.

Loja do Noivo

71 = Rua Duque de Carias = 71

Completo sortimento de fazendas finas e modas. Enxovaes de casamentos e baptizados, grande sortimento de casemiras pretas e de cores, brins brancos e de cores, variado sortimento em camisas e saias para senhoras, collarinhos, punhos, meias, capellas, toucas e sapatinhos.

Grande deposito de mallas para viagens.

José Maria Pereira

Armazem de Molhados e Generos Alimenticios

Nacionais e Estrangeiros

N. 33 --- Rua da Penha --- N. 33

Neves Pedroza & C.

Garante-se a boa qualidade das mercadorias e modicidade nos preços.

VENDE-SE EM GROSSO E A RETALHO

Deposito permanente de cereaes

Endereço Teleg. **Nepedroza** Telephone n. 538

PERNAMBUCO

J. Agostinho Bezerra

Agencia Jornalística Pernambucana

CASA FUNDADA EM 1890

Agencia de Jornaes do Paiz e da Europa

Papelaria, Typographia, Encadernação e
Pautação.

Especialidades em cartões de visita, participa-
ções e convites.

Grande deposito de artigos photographicos

Encarrega-se da vendagem de jornaes e livros em consignação

Rua do Imperador n. 31 -- e Caes da Regeneração n. 26

Telephone 258. Recife--Pernambuco

Costa Lima & C.

28 == Rua da Madre Deus == 28

Grande Armazem de Estivas e Papeis

O maior e mais variado sortimento de papeis
de todas as qualidades
e para todos os misteres, papelão e tintas para
impressão.

PREÇOS MODICOS

Antiga Livraria Laemmert

4 - Rua Marquez de Olinda - 4

Esta casa mantém estreitas relações commerciaes com as principaes livrarias nacionaes e estrangeiras. Aceita encomendas, por mais importantes que sejam, para fornecimentos de livros impressos, revistas, objectos de papelaria e tudo mais concernente às artes graphicas. Tem uma bem montada typographia para trabalhos nitidos e vende constantemente papeis para obras e jornaes.

Representa diversas fundições, de typos, machinismos e accessorios para encadernações, pautação, typo e lithographia. U

RECIFE

MERCURIO

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

CAPITAL RS. 2.000:000\$000

Deposito no Thezouro Federal 200:000\$000

Incorporada pela Associação
dos Empregados no Commercio do Recife

Autorizada a funcionar por carta patente n. 2

Em dous annos de existencia já pagou mais de
500:000\$000 de sinistros sem ter
nunca pleiteado odireito dos segurados perante os
tribunaes.

Adresse Teleg. - "Fabril" - Caixa do Correio - 175

Codigos - Ribeiro e Brazil

54-RUA DO BOM JESUS-54

MEDICOS

Dr. Raul Azedo

Bom Jesus, 4.

Dr. Pereira da Silva

Oculista

Duque de Caxias, 88.

Dr. Octavio de Freitas

Hospicio, 3.

Dr. Baptista de Carvalho

Larga do Rosario, 42.

Dr. Simões Barbosa

Parteiro

Largo do Corpo Santo, 7.

Dr. João Paulo

Parteiro

Largo do Corpo Santo, 19.

Dr. Constancio Pontual

Largo do Corpo Santo, 6.

Dr. Silva Ferreira

Parteiro

Marquez de Olinda, 56.

Dr. Arnobio Marques

Operador

Cabugá, 12.

Dr. Nunes Coimbra

Parteiro

Marquez de Olinda, 57.

Dr. Barretto Sampaio

Oculista

Barão da Victoria, 31.

Dr. Alfredo Costa

Operador

Barão da Victoria, 32.

Small rectangular stamp or label in the top left corner, containing illegible text.

H. da Silva Loyo & C.

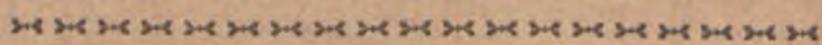


Armazem de Assucar



Rua do Visconde de Itaparica = 16

RECIFE



Albino, Silva & C.

Importadores e Exportadores

⇒ Grande armazem de ferragens e cutelarias ⇐

Completo sortimento de
Ferro, aço, armas, cimentos, machinas de costu-
ras, para descaroçar algodão,
fogões, candieiros Bernard, Cylindros para
padarias, etc. etc.

42 -- Rua Marquez de Olinda -- 42

Telegrammas -- ALVA

PERNAMBUCO

ALFAIATARIA

46-Rua Barão da Victoria-46

J. Melichareck

On parle français, englishs poken, Man spricht deutsch

Executa-se com perfeição todo trabalho concernente á arte.

Completo sortimento de casemiras inglezas, cheviotes etc.

PREÇOS BARATOS

Tinta e Papel de Impressão

Alves Lima & Comp.

35-RUA MARQUEZ DE OLINDA-35

Importadores de tintas
e papeis para jornaes e obras lithographicas

Cereaes e generos de Estiva

Depositarios do afamado Vinho fino do Porto

—RIO BRANCO—

Grande e permanente stock de **Carbureto de Galeio** para Luz Acetylene.

RECIFE

PHARMACIA MARTINS

(FUNDADA EM 1868)

88 - Rua Duque de Caxias - 88

(Antiga do Queimado)

Deposito dos afamados preparados do pharmaceutico *F. Dias da Costa*

Xarope de alho do matto e urucú

o unico que dá miraculosos resultados no tratamento das bronchites, asthmas, tosses, coqueluches e affecções de voz (attestados dos Drs. Pontual, Simões Barbosa, Baptista de Carvalho, Silva Ferreira etc).

Tonico Juá-Mutamba

o exterminador da calvieie, o destruidor das caspas, e o aformoseador do cabello.

André Pinheiro, Genro & C.

Commissões e Consignações

N. 7 - Rua do Bom Jesus - N. 7

RECIFE - PERNAMBUCO

ESTABELECIMENTO

Hydro - Electro - Therapico

Fundado pelo Dr. Silva Ferreira em 1896

Sob a gerencia de Argemiro A. da Silva

11-Rua Visconde de Albuquerque-11

FUNCCIONA DE 6 E MEIA ÀS 10 DA MANHÃ E DE MEIO DIA ÀS
2 DA TARDE



O mais completo, mais praticamente installado para o que diz respeito :

Electrotherapia - (electricidade statica, correntes de inducção continua, alta frequencia etc)

Raios x - (radiographia, radioscopia e radiotherapia).

Massagem vibratoria - (massagem electrica e mecha-
notherapia).

Inhalações de osona - simples ou medicamentosas.

Installação especial - para o tratamento pelos effluvios de alta frequencia nas molestias da pelle, ulceras varicosas, feridas de má natureza, hemorrhoides etc.

Installação especial - para tratamento do cancro superficial pelos raios x.

Installação especial - para applicação dos colletes de gesso nos desvios dos ossos pelo processo do dr. Desfosses e **reeducação muscular** nos casos de ataxie locomotriz pelo methodo do dr. Frenkel.

A direcção proporciona aos medicos todas as vantagens que desejarem, examinando elles mesmos seus doentes por meio dos Raios X e para dirigir os tratamentos externos que julgarem uteis se fazer no estabelecimento.

Todas as condições fixas pelos medicos são acceitas.

Para visitar, fazer exame dos doentes ou se entender sobre as condições é favor de preferencia vir de 6 e meia ás 10 da manhã.

As applicações e os exames serão feitos com a assistencia dos drs. Silva Ferreira e Raul Azedo.

Externato Leibnitz

SOB A DIRECÇÃO DO

Dr. Hersilio de Souza e Francisco Guimarães Junior

Dispondo do mais habilitado corpo docente do qual fazem parte os *Drs. Borges de Mello, Vieira Cavalcanti, Pedro Celso, Bandeira de Mello, Hersilio de Sousa, Guimarães Junior, Araujo Jorge, Gomes de Matos, Oswaldo Souza e Barros Falcão Filho*, mantem, alem de um Modelo Curso Primario, sob a fiscalização dos Directores, os de Admissão para as Escolas de Engenharia Civil, Naval e Militares, Exames Parcellados, Madureza, Escripturação Mercantil e Philosophia Geral e do Direito.

17 - Rua da Aurora - 17

RECIFE

Botica Franceza

de H. ROUQUAYROL

Successor de Rouquayrol Frères e A. Caors

Sob a gerencia e responsabilidade

do Pharmaceutico *Graciliano Martins Sobrinho*

Casa de confiança fundada em 1821 e indicada como a melhor pelos principaes clinicos desta capital por serem todos os productos expostos a venda clinicamente puros e importados da Pharmacia Central de Paris.

Deposito de diversos especificos entre os quaes o *Xarope de velame composto* de H. Rouquayrol, premiado na exposição de Vienna d'Austria com a medalha de Merito e reputado o melhor depurativo e anti-herpeticico conhecido.

Rua do Bom Jesus N. 22 --- RECIFE

A. JOVINO DA FONSECA

94 e 96 - Rua Barão do Triumpho



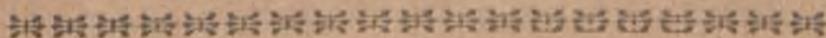
ARMAZEM de ASSUCAR

Antiga casa — Francisco Ribeiro Pinto Guimarães

Fundada em 1865

Caixa Postal - 197 - Endereço - Guimar

RECIFE - PERNAMBUCO



MIRANDA, SOUZA & C.^a

GRANDE ARMAZEM DE FERRAGENS

DEPOSITO DE MACHINAS

PARA

DESCAROÇAR ALGODÃO

Graxa do Rio Grande do Sul, Oleos lubrificantes, Arame farpado,
Cimento pyramide, Oleo de linhaça, Tintas.

Agentes do Formicida — Pestana

64 e 66 - Rua Marquez de Olinda - 64 e 66

Telephone n. 46

End. Teleg. — LAVOURA

Companhia de Tecidos Paulista

Fabrica em Paulista

MUNICIPIO DE OLINDA

—: Séde no Recife —:

Nº 1 Rua do Bom Jesus - Nº 1

Caixa no Correio n. 15

Directoria :

Cornelio M. Padilha

Herman Lundgren Junior

Luis Parente Vianna

Companhia Nacional de Seguros

Opera nesta cidade sobre seguros de vida e especialmente sobre terrestres e maritimos.

Presidente da Directoria — Visconde de Gonçalves Pinto

Rua do Commercio - N. 34 -- Pernambuco



Superior Agua de Mesa

Approvada pela Inspectoria Geral
de Hygiene deste Estado

Deposito Geral -- Laboratorio Chimico
de J. AZEDO & C.

Rua do Bom Jesus-4, 1.º andar

RECIFE

Fonseca, Nunes & C.^a

RUA DO RANGEL N.^{os} 9, 11 e 13

Grande Armazem de Miudezas

E' o maior do norte do Brasil

Fonseca, Nunes & C.

J. Clemente Levy

Rua Barão do Triumpho n. 50

*Grande armazem de couros, courinhos,
solla, algodão e todos os generos do paiz*

Paga melhor que em outro qualquer estabelecimento

Seriedade em suas transacções

J. Clemente Levy

* *Pharmacia Homeopathica* *



DE

Amabelino Alves



Agencias em todos os Estados do Norte



Vendas a retalho e em grosso com grandes descontos

38 -- Rua Larga do Rosario -- 38

* **PERNAMBUCO** *

INSTITUTO
Electrotherapico e Radiotherapico

DOS DRS.

Ribeiro de Britto e Thomaz de Carvalho

(Fundado em 1889)

RAIOS X

Correntes de alta frequencia, alta tensão e polyphases.

Phototherapia Finsen, banho de luz.

MASSAGEM VIBRATORIA, SISMOTHERAPIA

Banho hydro electrico, D'Arsonvalização.

FRANKLINIZAÇÃO ESTÁTICA INDUZIDA DE MORTON.

ELECTROLYSE CÚPRICA, CATAPHORESE.

Voltaização, Faradização

Tratamento da Elephancia

Consultas e tratamentos todos os dias das 7
às 11 da manhã, das 12 às 5 da tarde, das 6 às 9
da noite.

Rua Barão da Victoria n. 60

1.º ANDAR

Este estabelecimento dispõe de instalação autonoma,
servindo-se de iluminação electrica para o seu serviço noc-
turno.

Todos os exames, tratamentos e operações são executa-
dos pessoalmente pelos seus directores, podendo qualquer
collega achar-se presente ao exame ou tratamento de doente
da sua clinica.

A CULTURA ACADEMICA

REDACTORES-CORRESPONDENTES



Amazonas

Joaõ Cabral, adv.
Roarigo Costa, adv.
Solcõ Figueiro, adv.

--

Jará

Justino de Serpa, adv.

--

Piauhy

Hugino Cunha, adv.

--

Ceará

Faulro Jecueira, do Tribunal
de Justiça.

--

Rio Grande do Norte

Meira e Sá, do Tribunal de
Justiça.

Pinto de Abreu, adv.

--

Alagoas

Rodrigo Jorac, do Tribunal de
Justiça.

Sondim Filho, adv.

Sergipe

Oliveira Jelles, adv.

--

S. Paulo

Carvalho de Mendonça, adv.

--

Paraná

Claudino dos Santos, juiz fede-
ral.

--

Santa Catharina

Chiago da Fonseca, procurador
geral do Estado.

--

Matto Grosso

Costa Ribeiro, do Superior Tri-
bunal de Justiça.



Capital Federal

Araripe Junior.

Manuel Cicero.

Tarquino Filho.

Virgilio de Sá Ferreira.



A CULTURA ACADEMICA

(PUBLICAÇÃO BIMESTRAL)

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

Para dentro do paiz 10\$000
Para o estrangeiro frs. 15

Não se vendem fascículos avulsos.

A pessoa que pagar 5 assignaturas
receberá uma gratis.

A correspondencia será enviada ao Director-Proprietario
J. E. da Frota e Vasconcellos,
Bibliothecario da Faculdade de Direito

RECIFE--BRASIL

A CULTURA ACADEMICA

NUMERO ESPECIAL

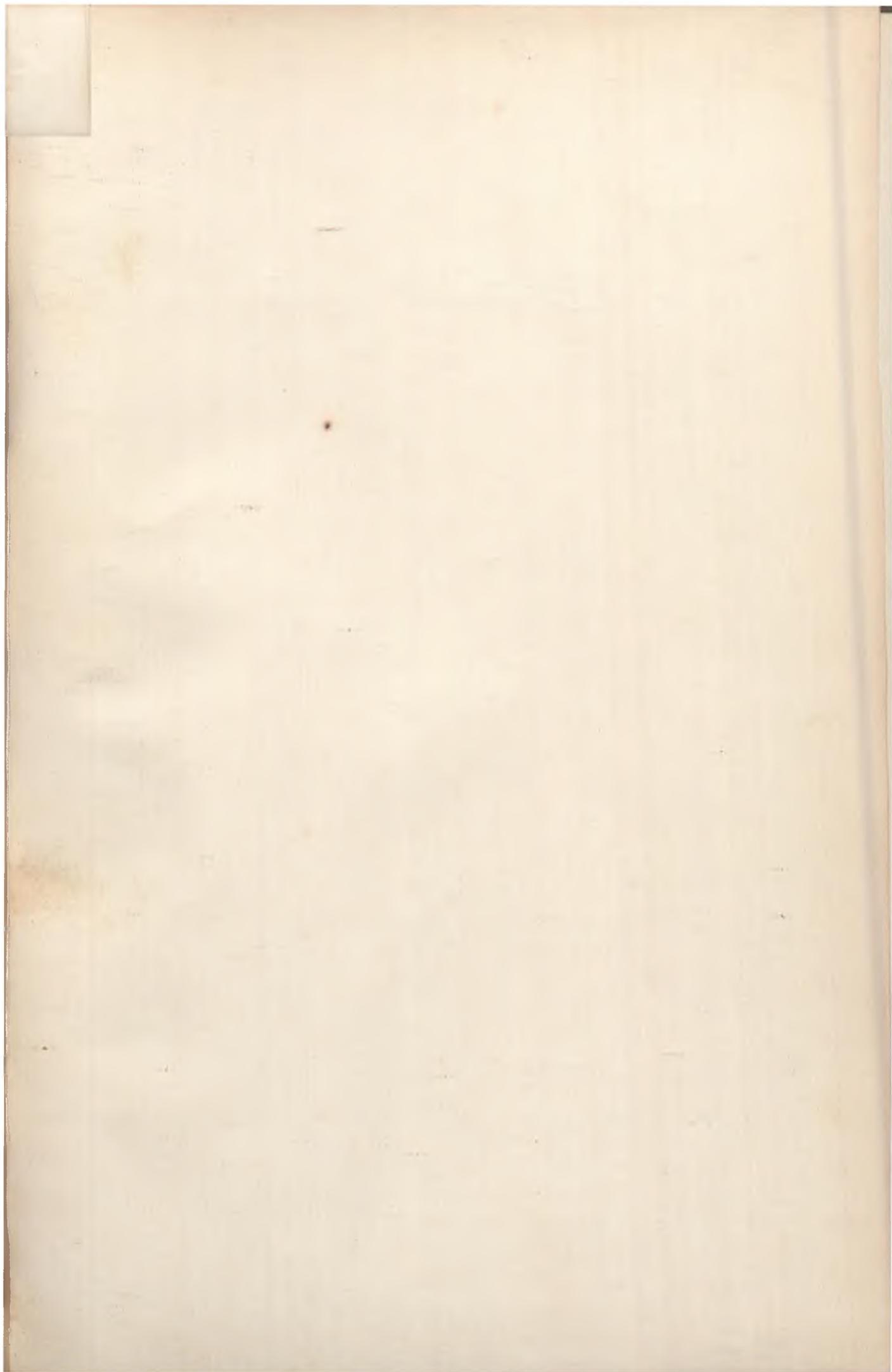
Consagrado á memoria de

Martins Junior

Collaborado por Clovis Bevilacqua, Gervasio Fioravanti, Arthur Orlanho, Oswaldo Machado, Arthur Muniz, Theotonio Freire, Durval de Britto, Virgilio de Sá Pereira, A-G. Araujo Jorge, Bianor de Medeiros, França Pereira, Carlos Porto Carreiro e Phaelante da Camara, abrilantado com 3 comprehensões inéditas do genial cantor das Visões de Hoje e illustrado com cerca de 20 zincogravuras.

PREÇO 3\$000

(Este numero é extraordinario e não será distribuido aos assignantes d' A Cultura Academica).



no. 191

Duplicata (manter no aereo)

340.05

e 968

